



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA

NAYARA MARIA MOURA ROCHA



EM BUSCA DO LIXO...
CATADORES DE RECICLÁVEIS NA PAISAGEM
DE FORTALEZA / CE:
TRABALHO E TERRITORIALIDADES

FORTALEZA
2008

NAYARA MARIA MOURA ROCHA

EM BUSCA DO LIXO...
CATADORES DE RECICLÁVEIS NA PAISAGEM DE
FORTALEZA / CE: TRABALHO E
TERRITORIALIDADES

Dissertação submetida à Coordenação do Curso do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliana Costa Guerra

FORTALEZA
2008

NAYARA MARIA MOURA ROCHA

EM BUSCA DO LIXO...
CATADORES DE RECICLÁVEIS NA PAISAGEM DE FORTALEZA / CE:
TRABALHO E TERRITORIALIDADES

Dissertação submetida à Coordenação do Curso do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Aprovada em 28 / 03 / 08

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliana Costa Guerra (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dr^a. Zenilde Baima Amora
Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Aécio Alves de Oliveira
Universidade Federal do Ceará

*Dedico estas páginas aos
catadores de recicláveis que
trabalham arduamente nas
ruas de Fortaleza.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me haver dado força, sabedoria e saúde para concluir mais essa etapa de meus estudos.

À minha família, cujo carinho, apoio e motivação funcionaram como alicerce para minha formação profissional.

À minha orientadora, Eliana Costa Guerra, pela paciência, esforço, dedicação e atenção com que se dispôs a orientar-me. Mesmo na distância física, soube apontar os melhores caminhos para a concretização desta dissertação, presenteando-me com esse instigante tema de pesquisa.

À professora Zenilde Baima Amora, que me acolheu no LEURC com todo carinho e atenção.

À professora Alba Maria Pinho de Carvalho, pelas contribuições na banca de qualificação.

A todos os professores do Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG) e do Departamento de Geografia da UFC, pelos ensinamentos que foram de grande relevância para minha formação.

Ao Fórum Estadual Lixo e Cidadania, nas pessoas de Cristina França e Anastácia Martins, que promoveram minha aproximação com os catadores pertencentes às Associações.

Aos catadores do Centro, da Associação Viva a Vida, da Socrelp e Ascajan, que me receberam prontamente e foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Anna Érika, amiga de todas as horas, que participa efetivamente de minha vida pessoal e acadêmica, com críticas, sugestões e conselhos valiosos.

Aos amigos do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR), em especial à Luciana Sousa, Jucier de Assis, Edson e Fábio Matos, que muito contribuíram na fase do trabalho de campo; e ao amigo Diego Nobre, que, por vezes, também me acompanhou na coleta de dados em campo.

Ao amigo Leonardo Bruno, que foi fundamental na coleta de dados iniciais para a pesquisa, ao amigo Feliciano pela ajuda com os mapas e a amiga Márcia Veras pela ajuda com o *Abstract*.

A todos os colegas da turma do mestrado, em especial ao (a): Nicolai, Cisne, Iandra, Léa, Túlio e Juscelino, pelo convívio, compartilhamento de angústias e pelas discussões enriquecedoras durante o curso.

Ao meu noivo, Marlos Moreira, pelo amor, pela cumplicidade, paciência e compreensão durante a realização desta dissertação.

À Júlia, secretária do MAG, pela atenção e cordialidade nos atendimentos junto à coordenação do mestrado.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão da bolsa de estudos.

A todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho e que, por ventura, não mencionei, os meus sinceros agradecimentos.

*Fui aprendendo de mansinho a viver de
forma suave e a aceitar de forma
positiva as dificuldades que a vida me
impõe, para poder transformá-las em
aprendizado.*

Hermógenes

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo discutir as características do trabalho e das territorialidades que são construídas pelos catadores de resíduos sólidos recicláveis / lixo reciclável, que trabalham diuturnamente nas ruas de Fortaleza / Ce e que se tornaram sujeitos marcantes na paisagem urbana, por se movimentarem compulsoriamente na busca pelo lixo reciclável. Para eles, o lixo constitui garantia mínima de sobrevivência no espaço urbano, em uma sociedade baseada no consumismo e geradora de elevada quantidade de resíduos sólidos / lixo. Na presente pesquisa, foram privilegiados os aspectos qualitativos. Procuramos descrever e analisar o objeto de estudo, pondo em evidência o universo das atitudes, motivações, valores, aspirações, relações e processos que permeiam a atividade da catação de recicláveis. No primeiro capítulo, discutimos os aspectos da sociedade de consumo e a geração exacerbada de resíduos sólidos. Posteriormente, apresentamos as transformações no mundo do trabalho e como os catadores se inserem neste mundo. Em seguida, discutimos as características das territorialidades dos catadores de rua, dando ênfase aos catadores que trabalham no Centro Comercial Tradicional de Fortaleza, bem como dos catadores de associações, em especial os da associação Viva a Vida. Constatamos que é crescente a quantidade de trabalhadores nessa atividade, havendo uma pluralidade de catadores. Eles trabalham de maneira precária em Fortaleza e estabelecem apropriações mínimas no espaço urbano, a fim de adentrar nas melhores áreas, onde existam as maiores e melhores quantidades de lixo que são passíveis de reciclagem, tendo em vista a obtenção de rendimentos que lhes assegurem a sobrevivência cotidiana. Outra constatação é que, para os catadores de rua, conhecer e se deslocar amplamente pela cidade é um trunfo para o melhor desenvolvimento de sua atividade.

Palavras-Chave: Catadores de Recicláveis, Paisagem Urbana, Trabalho e Territorialidades.

ABSTRACT

The objective of the present work is “to discuss the characteristics of the labor and territorialities that are built by the solid waste collectors, who work on the streets of Fortaleza / Ce and has become remarkable on the urban landscape for their compulsory movements searching for recyclables waste”. By living in a society based on consumption and responsible for the generation of high quantities of solid residues, the garbage constitutes the minimum guarantee of survival for such poor people in the urban space. In the present work, the main focus was the qualitative aspects. We tried to describe and analyze our case study, evidencing their universe of attitude, motivations, values, aspirations, relationships and as well as the process of recycling activity. In the first chapter we discuss the consumption society aspects and the exaggerated generation of solid waste. Later, we present the transformations on the labor world and how the garbage collectors fit into this world and then we discuss the characteristics of the street collectors' territorialities, emphasizing those who work at the Fortaleza's traditional commercial center (*Centro Comercial Tradicional de Fortaleza*) as well as the associated collectors, especially the ones from the 'Viva a Vida' Association. We observed that the number of workers in this kind of activity has been increasing and that there is a plurality of collectors who work precariously in Fortaleza. They establish minimums appropriations of the urban space in order to penetrate the best areas where there are the biggest quantity and the best quantity of recyclable garbage. Thus they can obtain the incoming which assures them the quotidian surviving. Another observation is that, for the garbage street collectors, knowing and ample moving around the city is the key for the best development of their activity.

Keywords: Recycled Collectors, Urban Landscape, Labor and Territorialities

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01	Municípios que possuem coleta seletiva segundo o Atlas de Saneamento do IBGE.....	38
FIGURA 02	Folder do projeto piloto de coleta seletiva da Prefeitura Municipal distribuído em 2007.....	48
FIGURA 03	Galpão da atual ASCAJAN.....	49
FIGURA 04	Caminhão da ASCAJAN.....	49
FIGURA 05	Fluxograma simplificado da cadeia produtiva da reciclagem em Fortaleza / Ce.....	52
FIGURA 06	Matéria veiculada com referência à profissão de catador.....	56
FIGURA 07	Catador trabalhando nas ruas do Centro na década de 1980.....	56
FIGURA 08	Foto da reportagem sobre a situação dos catadores veiculada no ano de 2003.....	58
FIGURA 09	A Cata da vida – Capa do caderno veiculada em 2006.....	59
FIGURA 10	Cena do filme “Tempos Modernos” que retrata o modelo Fordista...	66
FIGURA 11	Rosa e sua filha trabalhando no Centro.....	72
FIGURA 12	Catador de rua e sua carroça com a bandeira do Brasil.....	80
FIGURA 13	Catador de rua e sua carroça com faixa promocional.....	81
FIGURA 14	Grupo de Catadoras da Associação Viva a Vida.....	82
FIGURA 15	Carrinhos e galpão da Associação Viva a Vida.....	82
FIGURA 16	Catador de rua trabalhando acompanhado de sua mulher no bairro Montese.....	83
FIGURA 17	Catadores que moravam em baixo do viaduto da BR 116.....	89
FIGURA 18	Catadores dormindo na calçada de um estacionamento da Av. Tristão Gonçalves.....	90
FIGURA 19	Flagrante de crianças desacompanhadas catando recicláveis no bairro Montese.....	91
FIGURA 20	Manchete da reportagem sobre crianças na catação.....	91
FIGURA 21	Marcha Nacional dos Catadores em Brasília no ano de 2006.....	97
FIGURA 22	Símbolo do MNCR.....	97
FIGURA 23	Reunião do FEL&C.....	99
FIGURA 24	Reunião da Rede de Catadores da RMF.....	102
FIGURA 25	Catadores conversando em uma praça localizada no bairro de Fátima.....	116
FIGURA 26	Catadores de rua na Praça José de Alencar no período natalino.....	118
FIGURA 27	Catadores na Praça José de Alencar, próximo ao Beco da Poeira...	119
FIGURA 28	Catador descansando na Praça dos Leões, no Centro.....	119
FIGURA 29	Carrinhos dos catadores estacionados na Avenida Tristão Gonçalves.....	120
FIGURA 30	Família de catadores dormindo em um posto de gasolina do Centro	120
FIGURA 31	Territórios dos catadores que trabalham no Centro.....	121
FIGURA 32	Locais de trabalho de um catador que é morador de rua.....	124
FIGURA 33	Percurso diário de um catador de rua.....	126
FIGURA 34	Delfim em cima do carrinho coletando o lixo do contêiner.....	127
FIGURA 35	Percurso de uma catadora de rua.....	130
FIGURA 36	Percurso semanal de um catador de rua.....	134
FIGURA 37	Percurso matutino de duas catadoras da associação Viva a Vida....	136
FIGURA 38	Catadora saindo de uma casa que doa reciclável para Associação..	138
FIGURA 39	Percurso vespertino de duas catadoras da associação Viva a Vida.	140

FIGURA 40	Catadoras atravessando a Avenida Bezerra de Menezes.....	140
FIGURA 41	Filho da catadora dentro do carrinho.....	141
FIGURA 42	Fachada da Associação.....	142

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Motivo de ter começado a trabalhar como catador.....	85
TABELA 02	Classificação por gênero.....	85
TABELA 03	Faixa etária dos catadores.....	86
TABELA 04	Escolaridade dos catadores.....	87
TABELA 05	Naturalidade dos catadores de rua.....	87
TABELA 06	Cor da pele dos catadores de rua.....	88
TABELA 07	Onde moram os catadores de rua.....	88
TABELA 08	Estado civil e existência de filhos entre os catadores.....	90
TABELA 09	Rendimento mensal dos catadores de rua.....	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Categorias de catadores de materiais recicláveis.....	61
QUADRO 02	Finalidades do FEL&C.....	100

LISTA DE MAPAS

MAPA 01	Localização de Fortaleza.....	17
MAPA 02	Localização por bairros dos antigos lixões de Fortaleza.....	42
MAPA 03	Mapa de Localização dos Grupos de Catadores (as) de Materiais Recicláveis de Fortaleza acompanhados pela Cáritas Arquidiocesana – Março de 2007.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABES	Associação Brasileira de Engenharia Sanitária
ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
ASCAJAN	Associação dos Catadores do Jangurussu
ASMOC	Aterro Sanitário Metropolitano Oeste de Caucaia
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEMPRE	Compromisso Empresarial para Reciclagem
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
COOSELEC	Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos de Seleção de Materiais Recicláveis do Jangurussu
COT	Comunidade Obreiros da Tardinha
CTR	Centro de Triagem de Resíduos Sólidos
CTRP	Centro de Tratamento de Resíduos Perigosos

DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMLURB	Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização
FEL&C	Fórum Estadual Lixo e Cidadania do Ceará
FIEC	Federação das Indústrias do Ceará
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FUNASA	Fundação Nacional da Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDER	Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energia Renovável
IDT	Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
IMPARH	Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
IPLANCE	Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará
MDS	Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
NBR	Norma Brasileira
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PET	Politereftalato de Etila - Plástico
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNSB	Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
PVC	Poli Cloreto de Vinila - Plástico
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMAM	Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Serviços Urbanos
SEPLAN	Secretaria de Planejamento de Fortaleza
SER	Secretaria Executiva Regional
SERPRO	Serviço de Processamento de Dados do Governo Federal
SETAS	Secretaria do Trabalho e Ação Social
SETE	Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo
SINE	Sistema Nacional de Emprego
SNDIVERDE	Sindicato das Indústrias de Reciclagem no Ceará
SOCRELP	Sociedade Comunitária de Reciclagem de Lixo do Pirambu
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UTR	Unidade de Tratamento de Resíduos
ZGL	Zonas Geradoras de Lixo

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	8
LISTA DE TABELAS.....	9
LISTA DE QUADROS.....	9
LISTA DE MAPAS.....	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	9
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 DO LIXO AO RECICLÁVEL: A CATAÇÃO DE RECICLÁVEIS NA PAISAGEM DE FORTALEZA.....	29
2.1 A sociedade e a geração de lixo nas cidades.....	29
2.2 Como se encontra a gestão dos resíduos sólidos no Brasil?.....	34
2.3 O caminho do lixo em Fortaleza: passado e presente.....	39
2.4 Separar, coletar e reciclar: os meandros da reciclagem em Fortaleza.....	44
2.5 Os catadores de recicláveis na paisagem de Fortaleza: O ontem e o hoje.....	53
3 CATADORES DE RECICLÁVEIS: TRABALHADORES URBANOS PRECARIZADOS.....	64
3.1 A centralidade do trabalho: a cata à vida.....	64
3.2 Catadores de associações e catadores de rua: quais as diferenças?	74
3.3 Discutindo o perfil socioeconômico dos catadores.....	83
3.4 Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR): a luta por direitos e cidadania no universo dos que vivem dos materiais recicláveis.....	93
3.5 Fórum Estadual Lixo e Cidadania e a Rede de Catadores da Região Metropolitana de Fortaleza: a busca pela valorização dos catadores.....	97
4 TERRITORIALIDADES DA ATIVIDADE DA CATAÇÃO DE RECICLÁVEIS EM FORTALEZA.....	106
4.1 Espaço Público e Territorialidades.....	106
4.2 Territorialidades precárias, territorialidades da sobrevivência.....	108
4.3 Catadores: sujeitos em movimento tecendo territorialidades.....	111
4.4 O Centro de Fortaleza na mira dos catadores.....	117
4.4.1 A vida nas ruas: nas trilhas dos catadores das ruas do Centro.....	122
4.4.2 Violência, medo, discriminação e disputa no percurso dos catadores de rua.....	129
4.5 Nas trilhas dos catadores da Associação Viva a Vida.....	134
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	
Apêndice A - Formulário de Identificação da Associação de Catadores.....	160
Apêndice B - Roteiro de entrevista com representante (catador) da Associação.....	161

Apêndice C - Roteiro de entrevista com catador de rua.....	162
Apêndice D - Formulário de identificação do depósito.....	163
Apêndice E - Roteiro de entrevista com proprietários de depósitos.....	164
Anexo A - Empresas de reciclagem cadastradas no Sindiverde.....	167
Anexo B - Depósitos de reciclagem.....	170
Anexo C - Reportagem “Com a indústria do lixo o catador vai desaparecer”.....	173
Anexo D - Reportagem “A cidade tomada por catadores de lixo”.....	174
Anexo E - Carta de Caxias.....	175



*Quando existe avanço tecnológico sem
avanço social, surge quase
automaticamente um aumento da miséria
humana.*

Michael Harrington

1 INTRODUÇÃO

Antes de delinear as nuances do nosso objeto de estudo - o trabalho e as territorialidades dos catadores de recicláveis na paisagem de Fortaleza -, compete ressaltar que, para nós, a Geografia Humana é a Ciência Social que privilegia o estudo da dimensão espacial dos fenômenos sociais. Comungamos da idéia de que “o espaço é um produto, isto é, um produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital” (CARLOS, 1992, p. 70). E que “na entrada do século XXI, o modo de produção capitalista é dominante em todos os quadrantes do mundo, configurando-se como um sistema planetário” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 95).

Conforme Corrêa (1995, p. 26), o espaço é o “lôcus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, [lôcus da] reprodução da sociedade”. Desse modo, em nosso labor cotidiano de geógrafos, estamos diante do desafio de decifrar a paisagem, o território, as territorialidades, o lugar e o espaço, revelando “as práticas sociais dos diferentes grupos que neles produzem, circulam, consomem, lutam, sonham, enfim, vivem e fazem a vida caminhar” (LEFÉBVRE, 1974 *apud* CORRÊA, *op. cit.*, p. 44).

Nesse ínterim, em nossa abordagem, o estudo do trabalho e das territorialidades dos catadores¹ de recicláveis de Fortaleza apresentou-se como uma forma de tentar entender as práticas sócio-espaciais de uma categoria de trabalhadores urbanos precarizados e a forma como a atividade desses trabalhadores se explicita na paisagem da cidade de Fortaleza.

Entendemos que os processos de reprodução da cidade e reprodução social são fortemente marcados, para não dizer “inteiramente” marcados pelos auspícios do capital, pelos desejos desenfreios da globalização do capital. As cidades capitalistas reúnem as grandes levas de aglomerados humanos, as grandes inovações científicas e tecnológicas, as melhores infra-estruturas e as benesses geradas pelo capital, e, ao mesmo tempo, são marcadas pelas situações de grandes privações, precariedade, pobreza e caos. Assim, a paisagem da cidade só se torna

¹ No decorrer do texto, optamos pela construção “catador” (*gênero masculino*). Reconhecemos, entretanto, que muitas mulheres exercem essa atividade, existindo, inclusive, no interior da problemática mais ampla destes sujeitos sociais, um recorte de gênero ainda a ser estudado. Ao escolher um só gênero, nosso objetivo foi simplificar a redação, evitando recorrer, a todo momento, à construção “o (a) catador (a)” ou “os (as) catadores (as)”, que tornaria a leitura do texto cansativa.

inteligível por meio da análise dos processos que dinamizam e transformam a sociedade.

Segundo Santos (2000), nossa sociedade vive uma globalização perversa, em que o padrão de vida das classes médias diminui, a educação de qualidade é cada vez mais inacessível e as taxas de desemprego são crescentes. Essa perversidade relaciona-se com parâmetros de competitividade dos sujeitos sociais hegemônicos que buscam incessantemente auferir lucros a suas atividades. Isso decorre das relações monetárias ou capitalistas que “têm penetrado até o último rincão do mundo, em quase cada aspecto da vida” (HARVEY, 1990, p. 376). Neste cenário, as desigualdades e as mazelas sociais se generalizam e a pobreza atinge patamares alarmantes.

O Brasil, de acordo com as estatísticas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), passou a integrar no ano de 2007 a lista dos países com Alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)². Apesar disso, sabemos que as desigualdades sociais expressam-se cotidianamente e de forma marcante nas suas grandes cidades. Oliveira (2003) compara o Brasil a um Ornitorrinco, isto é, a um *monstrengo social*. Para ele, essa é uma comparação animalesca que serve para demonstrar a feição incongruente da sociedade brasileira, ocasionada por frustrações históricas, que vêm do século XIX. Desse modo, o Brasil deu um salto nas forças produtivas e vive a Terceira Revolução Industrial em alguns setores da economia. Paralelamente, assiste-se a um desmanche dos direitos sociais e a efetivação de políticas econômicas que não alteram significativamente a realidade social (OLIVEIRA, 2003).

De acordo com Carleial (2005, p. 8), “a economia brasileira, vista em longo prazo, é historicamente excludente, e as atuais políticas conjunturais, percebidas em curto prazo, diminuíram a falta de emprego, mas apenas amenizaram o problema”. A referida autora ainda sugere que o aumento no número das ocupações não resulta em redução significativa das desigualdades sociais, uma vez que a maior parte dos postos de trabalhos são os de baixa remuneração. Fato que permite inferir que estes

² O Brasil, conforme o PNUD, em 2007, saiu da posição de país com médio Índice de Desenvolvimento Humano para alto Desenvolvimento Humano, atingindo o IDH de 0,800. Em síntese, isso se deu, principalmente, pela melhora nos índices de educação e pelo aumento na expectativa de vida no país (PNUD, 27 nov. 2007). Contudo, sabe-se que esse índice, apesar de indicar melhorias na qualidade de vida da população, não aponta a redução da pobreza e das extremas desigualdades sociais que vivenciamos em nosso cotidiano.

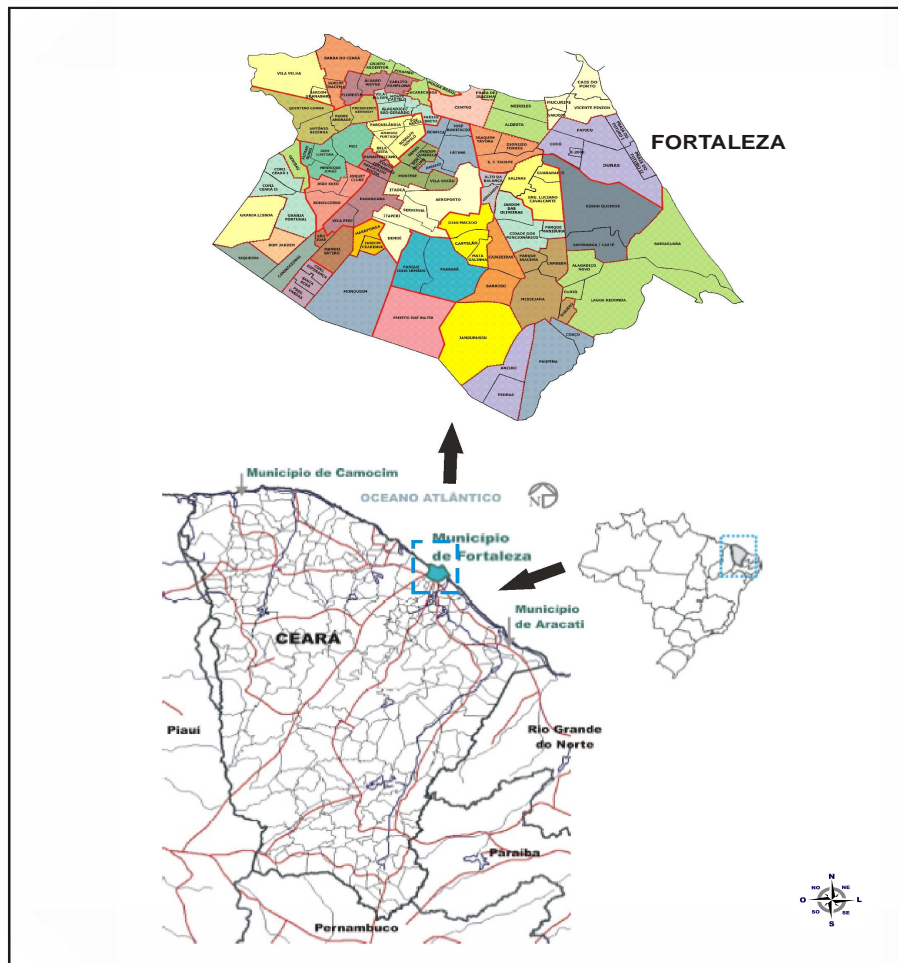
postos de trabalho compõem o quadro do “trabalho precário”, de que nos fala Antunes (2005):

[...] quase um terço da força humana mundial disponível para o ato laborativo está exercendo trabalhos parciais, precários, temporários ou já vivencia as agruras do não-trabalho, do desemprego estrutural. Perambulam pelo mundo, como prometeus modernos, à cata de algo para sobreviver (ANTUNES, *op. cit.*, p. 12).

Conforme Antunes (2007), os dados oficiais apontam que nas capitais brasileiras as taxas de desemprego giram em torno de 10 %, mas, se considerarmos outras formas de desempregos não mensuradas nas estatísticas, os índices reais se revelam ainda mais elevados.

Na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)³, em especial em Fortaleza, lócus de nossa pesquisa (Cf. Mapa 01), quarta maior concentração urbana do Brasil, cidade de 281 anos, com população estimada, em 2007, de 2.431.415 habitantes (IBGE, 2007), as taxas de desemprego giram em torno de 13% (Sistema Nacional de Emprego (SINE) / Instituto de Desenvolvimento do Emprego (IDT), 2007). Segundo os dados da pesquisa Desemprego e Subemprego, divulgada pelo SINE / IDT em julho de 2007 para Fortaleza, os níveis de desemprego apresentaram-se em queda, porém ele ainda é considerado pelo órgão expressivo, assim como a informalidade no mercado de trabalho local. O tempo de procura por emprego é alto. Há uma grande faixa de trabalhadores que recebem no máximo dois salários mínimos. As relações de trabalho são cada vez mais precárias, e, só na capital, são mais de 200.000 desempregados (SINE /IDT, 2007).

³ A RMF foi instituída e definida por força legal (Lei Federal Complementar nº 14/73). No início de sua instalação, a RMF era constituída somente por cinco municípios, a saber: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz. A partir de dezembro de 1999, a área metropolitana integrou os municípios de Eusébio, Guaiúba, Itaitinga, Maracanaú, Horizonte, Pacajus, Chorozinho e São Gonçalo do Amarante (SILVA, 2005). Conforme Silva (2004), os municípios cearenses que compõem a RMF concentram cerca de 40,16% da população do Estado, e Fortaleza, a cidade núcleo, aglutina 28,82% dos mais de 8 milhões de cearenses.



Universidade Estadual do Ceará
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Centro de Ciências e Tecnologia
Mestrado Acadêmico de Geografia

Fonte: Atlas BR (INPE), in Gondim, 2004. (com adaptações).

-Mapa 01-
Localização de Fortaleza
Mestranda: Nayara Maria Moura Rocha
Orientadora: Eliana Costa Guerra
Organizador: Fábio de Oliveira Matos
2008

MAPA 01: Localização de Fortaleza
Organização: Fábio de Oliveira Matos

Neste contexto, podemos dizer que os altos padrões de qualificação⁴ exigidos no mercado de trabalho, a grande concorrência, a competitividade e o desemprego estrutural justificam, em parte, esses índices do SINE / IDT. Tais índices também nos explicitam uma das contradições centrais do sistema capitalista, a saber: o capital necessita do trabalho para se reproduzir de forma ampliada e, ao mesmo tempo, se reproduz excluindo o trabalho pelo constante incremento em automações. Cada vez mais, observamos a substituição do trabalho vivo pelo

⁴ Aécio Alves de Oliveira (2002) chama a atenção para a corrida aos diplomas e à qualificação, nos marcos da sociedade capitalista atual, na qual a tendência à automação e à simplificação das tarefas, através do uso da máquina, não demandaria níveis tão elevados de capacitação, ocorrendo o que ele chama de qualificação-desqualificante, provocada pela automação.

trabalho morto (MARX, 1858 *apud* OLIVEIRA, 2002), eliminando postos de trabalho, sobretudo nos setores de ponta da economia.

José de Souza Martins (1998, p. 22) destaca, na passagem a seguir, como frações hegemônicas das classes dominantes, no papel de patrões e / ou detentores de meios de produção, grandes capitalistas e empresários contemporâneos reagem à crescente necessidade de substituição dos trabalhadores por máquinas, na versão contemporânea do modo de produção capitalista, marcada pela flexibilidade do neoliberalismo econômico:

Olha, nós não precisamos mais de você. E não precisamos mais porque temos uma máquina que faz isso melhor, mais barato e principalmente uma máquina que não faz greve, não faz protestos, não reivindica, não entra para o Partido Comunista, nem para o PT, não se liga à esquerda católica, nem a coisa nenhuma subversiva e contestadora. Desse modo, sem condições de entrar no mercado de trabalho formal da economia, centenas de trabalhadores buscam desenvolver atividades na chamada “informalidade” para sobreviver.

Em Fortaleza, são mais de 500.000 trabalhadores na informalidade⁵, em um universo de mais de 900.000 pessoas ocupadas. Isso implica que os trabalhadores informais constituem mais da metade da população ocupada em Fortaleza, o que equivale a uma taxa de 55% (SINE / IDT, 2007). Podemos incluir os catadores de materiais recicláveis da capital cearense nesse número, pois essa atividade é exercida sem nenhum direito trabalhista, garantia, contrato ou estabilidade.

Os catadores de materiais recicláveis encontram nos resíduos sólidos urbanos descartados pela sociedade sua forma de sobrevivência dentro do sistema capitalista. Alguns chegam a consumir diretamente os dejetos conseguidos nos lixões ou nas ruas. Na catação, os materiais recicláveis, os resíduos sólidos são vendidos, ou seja, o que é aceito e tem valor de troca é vendido no mercado da reciclagem. Nesta perspectiva, compartilhamos da idéia de Bursztyn (2000, p. 8), para quem “[...] o sistema global produz indivíduos descartáveis que passam a viver do descarte do consumo”. Eles também podem ser interpretados como os “vulneráveis”, de quem fala Castel (2005), ou ainda, sujeitos pertencentes ao refugio humano, como nos fala Bauman (2005).

Conforme Bauman (2005), a expansão dos processos de modernização fizeram emergir uma quantidade enorme e crescente de seres destituídos dos meios de sobrevivência biológica, social e cultural. Esses seres seriam os refugados, os

⁵ No capítulo 2, iremos discutir as características da informalidade.

extranumerários, os desvalidos, deslocados. Nessa trilha, entendemos que os catadores compõem o que Bauman (*op.cit*) chama de refugio humano, mas um refugio que tenta fugir dessa condição, travando uma batalha diária para trabalhar e tentar construir uma identidade. Identidade que vem sendo construída principalmente por meios das associações e grupos de catadores, como veremos ao longo da presente dissertação.

Na cidade de Fortaleza, os catadores se evidenciam como corpos em movimento, de cores morenas castigadas pelo sol, com ares de sofrimento e dor, mas ao mesmo tempo de força e esperança, que vagam pelas ruas, deslocando-se dia e noite em busca de parte do lixo descartado e desperdiçado por aqueles que podem consumir e utilizar, de forma mais ampla, o que o mundo do capital oferece. É assim que os catadores de recicláveis entram na dinâmica do atual modelo socioeconômico, de maneira precária e perversa, na chamada “mundialização”⁶, na qual estamos inseridos. Para um cidadão comum, desatento e enredado no ritmo acelerado da vida contemporânea, esses trabalhadores tornam-se *invisíveis* ou, muitas vezes, não passam de catadores de lixo, seres *repugnantes* que atrapalham o trânsito das grandes cidades, que desarrumam os sacos de lixo e que, de alguma maneira, representam perigo por estarem mal vestidos, sujos e com a aparência de mendigos ou malandros. Entretanto, um olhar mais crítico consegue perceber trajetórias, contradições, relevâncias, processos e singularidades que permeiam o desenvolvimento da catação de recicláveis no espaço urbano.

A prática do catador de coletar, selecionar, reutilizar e vender materiais para os depósitos de reciclagem e estes para a indústria de reciclagem, revela-se um exercício de valor social e ambiental, uma vez que nossa sociedade de consumo produz e desperdiça quantidades crescentes de materiais, com tempos de decomposição relativamente elevados.

Em nossa pesquisa, verificamos que existem diferentes tipos de catadores em Fortaleza. A atividade dos catadores de rua, em especial, se realiza a partir de uma mobilidade compulsória, ou seja, eles não se deslocam para trabalhar, e sim trabalham no movimento, percorrendo várias ruas e avenidas, acabando por

⁶ O termo mundialização, no sentido empregado por François Chesnais (1996), refere-se às transformações ocorridas no cenário macroeconômico, a partir dos anos 1980, período em que o capital ganha grande mobilidade, com predominância da esfera financeira sobre o capital investido na produção, num modo de funcionamento específico do capital.

construir territorialidades mínimas, apropriações mínimas em espaços públicos da cidade para conseguir o maior número de recicláveis, ou seja, desenvolvem estratégias na vida diária. Os espaços apropriados lhes servem de pontos de apoio, de abrigo e de coleta dos materiais.

Entendemos que as territorialidades envolvem relações de poder que se desenvolvem em diversas escalas. Logo, não há indivíduo ou grupo social sem território, como defende Rogério Haesbaert (2004a). Para ele, a desterritorialização anunciada por muitos é um mito:

[...] é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, a sua reconstrução em novas bases (HAESBAERT, *op. cit.*, p. 17).

Desse modo, para Haesbaert (2004a), vivemos em um mundo de multiterritorialidades, onde existem territorialidades mais fechadas, outras mais tradicionais, umas mais flexíveis, outras efetivamente múltiplas e, ainda, a territorialidade mínima, a territorialidade da sobrevivência, uma nítida territorialidade precária. Esta última vincula-se às camadas mais pobres, que se encontram precariamente territorializadas ou mesmo em reclusão territorial (informação verbal).⁷

Foi partindo desse entendimento da sociedade contemporânea e dos conceitos acima expostos nessa contextualização, que desenvolvemos a presente dissertação. Nossas ações foram pensadas e desenvolvidas a partir de nossas leituras, das atividades de campo, dos contatos preliminares com catadores, de conversas informais e entrevistas. Nesse sentido, é oportuno ressaltar que tivemos, de início, as seguintes questões, norteadoras de nossa investigação: Quais os sistemas de mobilidade desenvolvidos na atividade da catação de resíduos sólidos recicláveis de Fortaleza / CE? Como estes sistemas de mobilidade estão associados à precarização das condições de vida e de trabalho dos catadores? Como são construídos tais sistemas cotidianamente na perspectiva de lhes assegurar sobrevivência?

Com o avançar do nosso trabalho, com as leituras, observações e análises, percebemos que a mobilidade é um fator preponderante no trabalho dos catadores. Não obstante, em função do nível embrionário da literatura na geografia nacional

⁷ Pensamento apresentado pelo Prof. Dr. Rogério Haesbaert em curso ministrado no Mestrado Acadêmico em Geografia da UECE, em janeiro de 2007.

que trate de tal assunto (sistemas de mobilidade), a mobilidade passou a ser discutida por nós, de uma maneira secundária, ou seja, nessa dissertação não adentramos em questões teórico-conceituais profundas da mobilidade e nos limitamos aos dados colhidos empiricamente. Nesse contexto, para o melhor desenvolvimento de nossa pesquisa, optamos em trabalhar com os conceitos de paisagem, trabalho e territorialidades.

Desse modo, as questões que, *efetivamente*, nortearam a nossa pesquisa foram: *Quem são os catadores? Onde vivem? Como se desenvolve o trabalho da catação em Fortaleza? Qual a relação que os catadores desenvolvem com o espaço urbano? Que territorialidades são construídas e marcam a presença destes sujeitos sociais na cidade? Quais são as principais rotas percorridas pelos catadores na coleta e venda dos resíduos sólidos recicláveis? Quais as principais entidades diretamente envolvidas com a atividade da catação de recicláveis? Quais os projetos e políticas públicas desenvolvidas para essa categoria? Qual o nível de organização dessa categoria?*

Tivemos como *objetivo geral* dessa pesquisa: Compreender as características do trabalho e das territorialidades que são construídas pelos catadores de resíduos sólidos recicláveis / lixo reciclável, que trabalham diuturnamente nas ruas de Fortaleza / Ce e que se tornaram sujeitos marcantes na paisagem urbana, por se movimentarem compulsoriamente na busca pelo lixo reciclável.

Como objetivos específicos, queríamos: - *Conhecer o perfil dos catadores de materiais recicláveis de Fortaleza com vistas a identificar possíveis subcategorias dentro do universo mais amplo dos catadores;* - *Analisar as condições de vida e de trabalho dos catadores no contexto mais amplo da precarização do trabalho e das formas precárias de inclusão social no atual estágio do processo de acumulação capitalista;* - *Conhecer os percursos realizados pelos catadores da área central de Fortaleza, tentando entender a amplitude e a complexidade de sua mobilidade, na tentativa de traçar um paralelo entre mobilidade e formação de territorialidades precárias no espaço fortalezense.*

Para alcançar tais objetivos, o percurso metodológico foi fundamental; foi o caminho através do qual procuramos desenvolver uma aventura na busca pelo conhecimento científico. Ele congregou de maneira intrínseca os pressupostos teóricos e o conjunto de técnicas que nos auxiliaram na operacionalização da pesquisa.

Nossa compreensão do que é metodologia esteve em consonância com o que nos indica Minayo (1994). Para a referida autora, “[a metodologia] mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizadas, indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico” (MINAYO, *op. cit.*, p. 43). Vale destacar que, no desenvolvimento de nossa dissertação, a metodologia não foi encarada como algo estanque. Ela foi sendo re-construída e aprimorada no decorrer do nosso processo de apreensão e de desvendamento do objeto.

Vale mencionar que, para muitos pesquisadores da Geografia Humana, a escolha da metodologia de pesquisa mais apropriada para um determinado tipo de estudo se constitui como o maior entrave ou a parte mais complexa do trabalho. O medo de ser reducionista, tradicional, conservador, radical ou inovador em demasia encontra-se no cerne da escolha do método. Compartilhamos dessas angústias e admitimos que as dificuldades foram inúmeras, porém valiosas e engrandecedoras, pois sabemos que:

[...] a rigor, a ciência é movida pelo desejo de desvendar / compreender / explicar o mundo em que se vive na sua complexidade de relações [...] conhecer o mundo é apropriar-se da realidade no pensamento, desvendando-a ao pensá-la. E, essa apropriação exige um esforço de reflexão, mobilizando razão / imaginação / sensibilidade (CARVALHO, 2005, p. 1).

Segundo Bachelard (s.d., *apud* CARVALHO, 2004, p.1), “o mundo é a provocação do homem”. Nessa provocação, o homem desenvolve cada vez mais o desejo de conhecer e desvendar a realidade, utilizando-se dos mais variados percursos metodológicos, procurando ir além do aspecto meramente aparente. É por isso que Marx (s.d., *apud* CARVALHO, *op.cit.*, p. 1) “enuncia que toda ciência seria supérflua, se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente.”

Nessa perspectiva, procuramos entender o que produz o surgimento dessa atividade no contexto atual e as características que envolvem a atividade da catação de recicláveis nas ruas de Fortaleza. Procuramos ir além dos aspectos puramente aparentes, priorizando os processos, na busca de assinalar e relacionar as causas e as conseqüências dos problemas, a fim de procurar os determinantes desta realidade social e pôr em evidência suas contradições, enfatizando a totalidade e a historicidade do nosso objeto de estudo, como nos ensina Anjos e Vargas (2002).

Na presente pesquisa, foram privilegiados os aspectos qualitativos. Procuramos descrever e analisar o objeto de estudo, pondo em evidência o universo dos significados, das atitudes, motivações, valores, aspirações, relações e processos que não são passíveis de quantificações numéricas (MINAYO, 1994).

Convém ainda ressaltar que, para efetivação da mesma, isto é, para sua operacionalização, foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de informações / dados: levantamentos bibliográficos, a fim de aprofundar o referencial teórico; discussões em grupo de estudo, a fim de receber contribuições de colegas que estudavam temas correlatos; conversas informais e entrevistas semi-estruturadas⁸; levantamentos em hemerotecas, com o intuito de acompanhar as principais notícias que envolveram e envolvem a problemática dos resíduos sólidos na cidade, bem como a catação de resíduos recicláveis. Também realizamos registros fotográficos de catadores trabalhando nas ruas, nas associações e em aterros da RMF, além de registrarmos algumas reuniões, encontros e eventos que contaram com a participação de catadores. Acreditamos que as imagens nos auxiliam na visualização do objeto e facilitam no momento de construção e interpretação da redação.

Desde outubro do ano 2006, começamos a ter contatos com instituições que desenvolvem trabalhos relacionados com a temática dos resíduos sólidos urbanos e, em especial, com os catadores. No final do referido mês, começamos a freqüentar, como ouvintes, as reuniões do Fórum Estadual Lixo e Cidadania do Ceará (FEL&C), que ocorrem sempre na segunda quarta-feira de cada mês, no auditório da Secretaria Executiva Regional III (SER III).

Em dezembro de 2006, passamos a participar do mencionado Fórum como membro representante da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participar como membro efetivo do Fórum, mesmo que por um período curto, de aproximadamente oito meses, mostrou-se um exercício de suma importância para a coleta de informações, bem como para termos contato com o universo do trabalho e dos territórios dos catadores de Fortaleza e conhecermos representantes de entidades e

⁸ Essa é uma modalidade de entrevista, na qual o entrevistado fala sobre tópicos relacionados a um tema específico, definido previamente pelo pesquisador. Nele, recomenda-se que seja observada uma seqüência lógica de pensamento, para que o roteiro seja compreensível ao entrevistado, procurando obter respostas de maneira clara, facilitando sua análise. Essa modalidade de entrevista é mais aberta que a estruturada, e possibilita maior flexibilidade nas respostas e nas falas, o que pode contribuir com o enriquecimento de dados para pesquisa. (MATOS; VIERA, 2001, p. 63).

instituições que se interessavam pela problemática da coletiva seletiva do lixo e da reciclagem.

Resolvemos nos aproximar do Fórum, pois compreendemos que, na pesquisa qualitativa, a interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados é fundamental, posto que, através dela, é possível coletar dados que refletem as atitudes, valores e opiniões, ou seja, os elementos mais subjetivos, que não encontramos em documentos impressos. Começamos a participar do FEL&C, por intermédio da técnica da Empresa Municipal de Limpeza Urbana (EMLURB), que é uma das pessoas que está à frente do Fórum.

Nossa participação como observadores das reuniões colocou-nos dentro do contexto das articulações desenvolvidas em torno dos grupos de catadores. Isso nos auxiliou na construção do conhecimento acerca do nosso objeto de estudo. Foi preciso imergir para entender (MINAYO, 1996). Em nossas observações, algumas idéias preconcebidas foram confirmadas e outras negadas. Vale ressaltar que estivemos apenas na condição de participantes observadores, não se consubstanciando como uma observação total ou participação total, como ocorre em pesquisas participantes ou pesquisa-ação. Apesar das limitações em função do curto espaço de tempo dessas observações, salientamos que foi uma experiência enriquecedora e importante para completarmos nosso trabalho.

Durante esses dois anos de pesquisa, ainda participamos de eventos e manifestações nas quais a catação de recicláveis estava em pauta. Foram eles: *Seminário de Apresentação do Diagnóstico Socioeconômico e Cultural dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis de Fortaleza (Ce)*, realizado no auditório do IMPARH, em junho de 2006; *I Seminário Lixo é Energia*, ocorrido no auditório do Banco do Nordeste, em novembro de 2006, marcando o encerramento da Capacitação Lixo é Energia, realizada pelo o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energia Renovável (IDER). Nesta ocasião, foram entregues os certificados aos catadores que participaram da capacitação. Em fevereiro de 2007, acompanhamos o bloco de carnaval Ecofolia, que desfilou na Avenida Domingos Olímpio. O mesmo foi organizado pela Associação dos Amigos do Centro da Cidade, tendo como temática a preservação do meio-ambiente, e contou com a participação de catadores de materiais recicláveis do Fórum.

Estar presente nesses eventos nos fez conhecer algumas ações que têm como alvo os catadores, ajudando-nos, assim, a entender e selecionar quem seriam

os nossos informantes da pesquisa direta. Inserir-nos, mesmo que superficialmente, no cotidiano dos trabalhadores do lixo, permitiu-nos uma proximidade de suas realidades de vida. Pudemos conhecer, para além de seus percursos, as dificuldades da vida, tentando adentrar e apreender como os modos de sociabilidade do capital invadem, penetram, perpassam todas as dimensões da vida e se manifestam no cotidiano dos catadores.

Achamos importante ressaltar que, durante o primeiro momento de preparação do esquema de coleta de dados primários com os catadores, decidimos focalizar nossas entrevistas, principalmente, nos catadores que pertenciam às 16 organizações que são acompanhadas pela Cáritas, por considerarmos que as informações e os contatos eram mais viáveis. Não estávamos errados. Com efeito, as informações são bem mais acessíveis e sistematizadas, em se tratando deste subgrupo de catadores. Entretanto, após visitarmos três associações⁹, analisarmos algumas entrevistas e refletirmos sobre a primeira etapa do trabalho de campo, percebemos que, se fossemos considerar na pesquisa direta somente os catadores das associações, que são aqueles que têm algum nível de organização, estaríamos deixando de lado um universo que também constrói territorialidades, e possivelmente seria o mais amplo entre os catadores, que são aqueles que trabalham nas ruas sozinhos e / ou com amigos e família, percorrendo longas distâncias. Em muitos casos, estes apenas retornam para os depósitos ou para suas casas depois de decorridos vários dias da semana. Para alguns, a rua se transforma em seu universo principal de vida.

Restava-nos, porém, uma grande indagação: Como abordar esses trabalhadores nas ruas, em pleno horário de trabalho? Travar contato com esses catadores (catadores de rua) e estabelecer qualquer estratégia de abordagem com esse grupo, requeria uma preparação e uma maturidade, sem dúvida bem maior, pois tínhamos que abordá-los em seus momentos de trabalho nas ruas, para conseguirmos informações, atitude que nem sempre os interessa. Optamos, então,

⁹ Visitamos e realizamos entrevistas em três Associações de catadores, a saber: Associação Viva a Viva, situada no bairro Farias Brito, Sociedade Comunitária de Reciclagem de Lixo do Pirambu (Socrelp), no Pirambu e Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN), no bairro Jangurussu. A fim de conhecer os catadores associados, construindo elementos para distinguir mais cuidadosamente os catadores associados a grupos e os não associados. Vale ressaltar, que acompanhamos o percurso durante um dia na vida de três catadoras que pertencem a Associação Viva a Vida.

por concentrar nossas observações e entrevistas nos catadores das ruas do Centro comercial tradicional da cidade (Avenidas do Imperador, Tristão Gonçalves, General Sampaio, Senador Pompeu, Barão do Rio Branco, Rua Major Facundo e Rua Floriano Peixoto), por se tratar de um dos locais onde se concentra a maior parte dos catadores da cidade.

Nessa perspectiva, realizamos nossas observações, no Centro da cidade, nos meses de Maio e Junho do ano de 2007. Íamos para o Centro três vezes na semana, sempre no final da tarde, e ficávamos até as 21:00 horas. Já as entrevistas foram realizadas nos meses de Julho e Dezembro do mesmo ano. Durante as observações e entrevistas, fui acompanhada por alguns alunos do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Realizamos inúmeras conversas informais exploratórias com os catadores de Fortaleza desde o ano de 2006. Foram nove entrevistas semi-estruturadas com catadores de rua não associados a grupos de catadores, oito no Centro e uma na Avenida Beira Mar.

Já em relação aos catadores de associações, destacamos que visitamos três associações e realizamos seis entrevistas. Em uma das associações, inclusive, acompanhamos o trabalho das catadoras pelas ruas. Vale ressaltar que, para todos os espaços visitados, levamos um diário de campo, para registrarmos nossas observações. Incluímos as falas e as descrições de nosso trabalho de campo dentro dos capítulos, ora apresentados. O conteúdo das falas foi preservado de maneira integral, isto é, não realizamos alterações na forma gramatical das mesmas, com o objetivo de nos aproximar um pouco da linguagem do catador. Convém ressaltar que, por questões éticas e a fim de preservar a identidade dos catadores informantes, optamos por utilizar codinomes, ao invés de seus próprios nomes. Em relação à forma de representação do movimento e das territorialidades dos catadores, confeccionamos figuras representativas utilizando as imagens do programa Google Earth, versão 2007.

Vale destacar ainda que realizamos entrevistas semi-estruturadas com representantes de setores diretamente envolvidos com a gestão dos resíduos sólidos e com a cadeia da reciclagem, a saber: a técnica coordenadora da Assessoria de Planejamento e Coordenação da EMLURB; o secretário do Sindicato das Empresas de reciclagem (SINDIVERDE); a coordenadora do FEL&C e da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza; e um deposeiro dono de um depósito localizado no bairro da periferia de Fortaleza.

Por fim, o texto da dissertação foi organizado em três eixos principais que deram origem a três capítulos. No primeiro capítulo, encontra-se uma análise sucinta das mudanças nos padrões de consumo que deram origem a uma sociedade de hábitos diferenciados, geradora de grande quantidade de resíduos sólidos / lixo. Em seguida, discutimos como esse lixo por meio da reciclagem tornou-se o cerne da vida dos catadores e como e quando os catadores começaram a se destacar na paisagem da cidade.

No segundo capítulo, apresentamos como os catadores se inserem no mundo do trabalho, mostramos o perfil socioeconômico dos catadores de Fortaleza, bem como as tentativas de organização dessa categoria de trabalhadores em nível nacional, por meio do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR) , e em nível local, por meio do Fórum Estadual Lixo e Cidadania (FEL&C) e da Rede de Catadores da Região Metropolitana de Fortaleza.

No terceiro capítulo, discutimos como são tecidas as territorialidades dos catadores de recicláveis de rua que foram por nós entrevistados no Centro de Fortaleza, bem como dos que estão organizados em associações, mais especificamente na Associação Viva a Vida. Tentamos revelar a lógica do trabalho dos catadores pelas ruas da cidade, seus percursos e suas trilhas. Por fim, ponderamos nossas reflexões e constatações últimas nas considerações finais.



***Atualmente, o planeta abriga 6 bilhões de habitantes concentrados, sobretudo, nos centros urbanos. Essas pessoas geram todos os dias cerca de 3 bilhões de quilos de resíduos.
Andréa Romani***

2 DO LIXO AO RECICLÁVEL: A CATAÇÃO DE RECICLÁVEIS NA PAISAGEM DE FORTALEZA

2.1 A sociedade e a geração de lixo nas cidades

O lixo como tema de estudo tem despertado o interesse de técnicos, pesquisadores e gestores que buscam entender a cadeia produtiva do lixo, bem como as formas de melhor aproveitar esses resíduos, reduzindo o desperdício e a geração vultosa de lixo, a fim de melhorar as condições ambientais nas cidades. Com efeito, é nestas que a quantidade de lixo gerado pela sociedade ganha grande volume e torna-se um problema explícito.

O processo de urbanização, juntamente com a aceleração dos níveis de consumo na sociedade moderna, contribuiu diretamente para o aumento da quantidade de resíduos sólidos produzidos, logo para o agravamento da problemática do lixo nas cidades. Como ressalta Romani (2004, p. 9): “Atualmente, o planeta abriga 6 bilhões de habitantes concentrados, sobretudo, nos centros urbanos. Essas pessoas geram todos os dias cerca de 3 bilhões de quilos de resíduos”.

No simples fato de descascar uma fruta para saciar nossa fome ou abrir a embalagem de um presente para ver o que recebemos, já estamos produzindo resíduos. Nas palavras de Domingos (2007, p. 21), verificamos que: “A existência humana implica a contínua transformação da natureza e a geração de rejeitos”. Desse modo, compreender a relação que a sociedade vem estabelecendo com resíduos sólidos / lixo pressupõe um entendimento do modo de vida, isto é, dos hábitos e atividades que marcam a evolução da vida em sociedade, tendo em vista que a produção de resíduos acompanha o processo de apropriação, produção e consumo do homem em sociedade (RODRIGUES, 1998).

Na história da vida humana na terra, sabemos que no período do nomadismo, ao se deslocar em busca de novas oportunidades de caça e pesca, o homem produzia lixo composto quase que exclusivamente por matéria orgânica; lixo este facilmente decomposto nos seus vários *habitats*. Na medida em que passa a desenvolver novas técnicas e artefatos para facilitar sua vida, o homem torna-se um ser menos nômade e mais sedentário, o que contribui para uma alteração de seus hábitos, desde a habitação até sua alimentação. Paralelamente, estas mudanças

resultam num aumento na quantidade de resíduos produzidos nessa nova fase da evolução humana¹⁰ (GERESOL, 2007).

Com o surgimento dos primeiros núcleos urbanos e com o aumento da concentração populacional, a quantidade de resíduos produzidos ganha novas dimensões. O acúmulo e as formas de destinação final desses resíduos começam a se constituir como incômodos. Para Dias (2006, p. 65), “as diferentes sociedades têm estabelecido no tempo e no espaço uma relação de afastamento e estigmatização com os resíduos por elas produzidos”.

As primeiras formas de destinação final do lixo, isto é, os primeiros lixões, surgiram em Atenas, na Grécia Antiga, em condições severas de insalubridade. Posteriormente, em 500 a.C, os gregos criaram o sistema de aterro controlado, no qual o lixo passa a ser coberto com camadas de terras. Nesse período, surge a palavra lixo, que, etimologicamente, deriva do latim *lix* e significa cinzas (DOMINGOS, 2007). Já na Idade Média, o destino do lixo era de responsabilidade individual. Naquela época, o lixo ainda era composto, em sua maioria, por materiais orgânicos, isto é, restos de animais e vegetais, o que não gerava grandes danos ao meio ambiente (RECICLOTECA, 2007).

No século XVIII, com o advento da primeira Revolução Industrial, entramos na modernidade, período calcado nos princípios da racionalidade, do progresso, da ciência e da técnica. A máquina a vapor constitui marco para o desenvolvimento da indústria moderna. A revolução na indústria cria novas relações de trabalho, de locomoção e novos produtos, isto é, novas mercadorias. Tão logo, a geração de resíduos ganha nova dimensão, decorrente, sobretudo, como ressalta Lima (1995, p. 9), pelo “aumento populacional, a industrialização [e o consumismo]”.

Com o avanço do capitalismo, os métodos de produção tornam-se mais eficientes, fato que contribui para o surgimento de novos padrões e estilos de vida e novos problemas nas cidades. Convém lembrar que algumas cidades européias importantes dos séculos XVIII e XIX, durante a Revolução Industrial, já sofriam com problemas sanitários, em função da insalubridade (SPÓSITO, 1994). Nesse sentido, compartilhamos da tese de Lefebvre (2001), segundo a qual, no Ocidente, a industrialização foi o motor da urbanização, formando, assim, o que o autor designa de um par complementar, isto é, *indutor e induzido*. Neste par, a industrialização é

¹⁰ Maiores informações sobre este tema ver: EIGENHEER, Emílio Maciel; FERREIRA, José Alberto. *Lixo: compreender*. **Revista Ciência Hoje**, São Paulo, v. 38, n. 227, p. 1-6, jun. 2006.

vista como o indutor, enquanto os problemas relativos ao crescimento, planificação e desenvolvimento urbano são induzidos diretamente pela industrialização.

Na sociedade urbana, a modernização ocidental triunfa no domínio das idéias com a filosofia das luzes, nas técnicas e também no mundo econômico, em que toma forma o modo de produção capitalista (TOURAINÉ, 1995).

Netto e Braz (2006) ressaltam que a acumulação e o lucro são a força matriz do sistema capitalista. Assim, a rotação do capital (produção, distribuição, circulação e consumo) tenta se realizar em tempos cada vez menores, com vistas à obtenção de maiores margens de lucros e maior acumulação. Tão logo, a qualidade e durabilidade dos materiais são alteradas, para que o ciclo do capital seja realizado de maneira mais veloz. Nesse contexto, os produtos tornam-se cada vez mais efêmeros e descartáveis, ficando “o mundo moderno sob o signo do novo. É o novo a serviço do volume de vendas, o novo da mercadoria, da moda, cuja única função é multiplicar o consumo” (RODRIGUES, 1998, p. 7).

Com a produção e o consumo assumindo novos patamares, assistimos ao aumento do que sobra desse consumo, a saber; os resíduos, os rejeitos, os descartáveis, oriundos de uma sociedade cada vez mais consumista, característica das economias capitalistas. Segundo Portilho (2005, p. 67): “A abundância dos bens de consumo continuamente produzidos pelo sistema industrial é considerada, freqüentemente, um símbolo da performance bem-sucedida das economias capitalistas modernas”.

Conforme Fátima Portilho (*op. cit.*), a origem da Sociedade de Consumo remonta às camadas médias da sociedade inglesa do século XVIII, quando o consumo começa a ganhar novos contornos. O que antes era moralmente inaceitável torna-se algo virtuoso e verdadeiro símbolo de ostentação.

No limiar do século XX, com a mudança nos padrões de produção, isto é, com as crises do paradigma Fordista / Taylorista baseado na produção em massa, assistimos ao surgimento de um modelo mais flexível, no qual o consumo passa a ocupar posição central. Gonçalves (2002a, p. 6) nos elucida que:

[Na] tentativa de superar a “rigidez” do sistema produtivo, baseado na lógica produtiva fordista, é que são introduzidas na estrutura produtiva do modo capitalista de produção as técnicas de produção flexíveis, que permitem ao capital otimizar todos os fatores que compõem o processo de produção das mercadorias.

Deste modo, na sociedade contemporânea, o consumo induzido de mercadorias assume cada vez mais centralidade, chegando a patamares ditos

insustentáveis. Para muitos estudiosos, o consumo em demasia adquire conotação criticável por contribuir com o agravamento da crise ambiental, já que incide diretamente na geração exacerbada de resíduos sólidos, principalmente nas áreas mais urbanizadas. Parafraseando Abreu (2001, p. 18): “Somos invadidos, a todo o momento, pelo desejo de consumir mais e mais supérfluos, transformados em necessidades pelo mercado, e que rapidamente viram lixo”.

Como ressalta Portilho (2005), cerca de 20% da população mundial que habita os países mais ricos do hemisfério norte consome cerca de 80% dos recursos naturais e da energia do planeta, e são também os principais responsáveis pela degradação dos ecossistemas. Nessa perspectiva, segundo a mesma autora, “[...] se os habitantes dos países do Sul adotassem padrões de consumo e estilo de vida semelhantes a um norte-americano médio, seriam necessários, pelo menos, mais dois planetas Terra” (PORTILHO, *op. cit.*, p. 16).

Santos e Silveira (2003), discorrendo sobre o aumento do consumo especificamente no Brasil, ponderam que, nos últimos vinte anos, o país vivenciou um extraordinário crescimento do consumo. Eles ressaltam que as facilidades de financiamentos, a popularização do cartão de crédito e a mídia foram os impulsores dessa expansão.

A expansão do consumo em escala mundial levou as organizações internacionais, no final da década de 1980 e início da década de 1990, a estabelecer medidas e planos estratégicos para tentar reduzir os padrões de consumo, estimados insustentáveis pela comunidade científica. Esses planos foram pensados e enquadrados nos capítulos da Agenda 21¹¹.

Esse consumo em escalas crescentes e ritmos acelerados determina o aumento da quantidade de resíduos, que passam a se configurar como um dos grandes dilemas urbanos. Pesquisadores estimam que cada habitante das cidades produza entre 700g a 1 kg de lixo por dia. Uma pessoa que viva 70 anos produziria

¹¹ A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente por organizações do sistema das Nações Unidas, por governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Contendo 40 capítulos, a *Agenda 21 Global* foi construída de forma consensuada, com a contribuição de governos e instituições da sociedade civil de 179 países, em um processo que durou dois anos e culminou com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), no Rio de Janeiro, em 1992. Tal evento também ficou conhecido por *Rio-92*. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=597>>. Acesso em: 9 de jan. 2007.

ao longo da vida uma média de 25 toneladas. Em cidades de países mais avançados, esse valor pode atingir a cifra de até 3 kg por dia, como é o caso de Nova York (ABREU, 2001).

A forma de acondicionar, depositar e reutilizar o lixo, ou seja, a forma de gerenciá-lo nas aglomerações urbanas se consubstancia como um grande desafio para os gestores e cidadãos. A problemática do excesso de resíduos e do seu manejo foi posta na lista dos grandes problemas mundiais, durante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), a Rio-92 / Eco-92, e ganhou um capítulo específico na Agenda 21.

O texto da Agenda 21 Global (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1992) adverte que a tendência de produção de lixo no século XX foi crescente, chegando a quantidades alarmantes. Por isso, a Agenda 21 conclama aos países e à população em geral repensar os modelos não sustentáveis de produção e consumo, para que se diminua a quantidade de lixo:

Essa tendência pode aumentar consideravelmente as quantidades de resíduos produzidos até o fim do século e quadruplicá-los ou quintuplicá-los até o ano 2025. Uma abordagem preventiva do manejo dos resíduos centrada na transformação do estilo de vida e dos padrões de produção e consumo oferece as maiores possibilidades de inverter o sentido das tendências atuais. (ONU, 1992, cap. 21).

Conforme a ONU (*op.cit.*), é necessário repensar os modelos não sustentáveis de produção e consumo, para que se diminua a quantidade de lixo. Entretanto, nos indagamos: Como realizar tal façanha, considerando a própria natureza destrutiva do modo de produção capitalista sob o qual vivemos?

No desenvolvimento das forças produtivas atinge-se um estado onde surgem forças produtivas e meios de circulação que só podem ser nefastos no âmbito das relações existentes e já não são forças produtivas, mas sim forças destrutivas. (MARX; ENGELS, *apud* LÖWY, 2005, p. 26).

Segundo a ONU (*op. cit.*), foram estabelecidas quatro principais áreas para guiarem as ações em relação aos resíduos em âmbito mundial, a saber: redução ao mínimo dos resíduos; aumento ao máximo da reutilização e reciclagem ambientalmente saudáveis dos resíduos; promoção do depósito e tratamento adequados dos resíduos e ampliação do alcance dos serviços que se ocupam dos resíduos. Questionamos-nos ainda: Em que medida se pode instaurar ou desenvolver novos modelos sustentáveis de produção e consumo, mantendo inalteradas as estruturas sociais próprias do paradigma atual? Posto “que [tal

paradigma] gerou uma sociedade que não pode parar de consumir, tampouco deixar de produzir”, como bem indica Netto e Braz (2006, p. 124).

Neste contexto, entendemos que a sociedade atual é presa fácil para o mercado este que incita o consumo de mercadorias por vezes “supérfluas” e com reduzidas vidas úteis, acarretando uma elevação na quantidade de lixo gerado, o que ocasiona problemas ambientais urbanos vivenciados pela população em geral que nos levam a refletir sobre a necessidade de estabelecer novas formas de lidar com a questão do consumo desmesurado e sua relação com a geração desenfreada de resíduos sólidos urbanos.

2.2 Como se encontra a gestão dos resíduos sólidos no Brasil?

Antes de adentrarmos na problemática dos resíduos sólidos em termos nacionais, convém explicitar a definição utilizada na Norma Brasileira (NBR) 10004 (ABNT, 1987) para o termo lixo: tecnicamente falando, é um resíduo sólido, ou seja, um resíduo no estado sólido e / ou semi-sólido, que resulta de atividades da comunidade, tendo origens diversas, como: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola e de varrição.

O lixo pode ser classificado, segundo a sua composição química, como orgânico e inorgânico, e, segundo sua característica física, em seco e molhado. Em relação aos seus riscos potenciais ao ambiente e ao ser humano, ele pode ser identificado como perigoso (Resíduos de classe I), não-inerte (Resíduos de classe II) e inerte (Resíduos de classe III). Os resíduos perigosos são tóxicos, cancerígenos, inflamáveis, patogênicos, corrosíveis, reativos e nocivos de maneira geral à saúde humana e ao meio ambiente. Os não-inertes são resíduos que apresentam solubilidade em água, biodegradabilidade e combustibilidade. Já os inertes são materiais que não são decompostos com facilidade, a exemplo dos resíduos da construção civil (ABNT, 1987).

Nos meios técnicos, o lixo ganha a denominação de resíduo sólido e refere-se aos restos e sobras oriundos das atividades humanas. Segundo FERREIRA (1988), lixo é tudo aquilo que é desnecessário, indesejável e não é aproveitável. Genericamente, o lixo envolve tudo aquilo que é inservível e que estaria passível de ser eliminado. Conforme Lima (1995), definir precisamente o que é lixo não é tarefa fácil, considerando que sua origem e formação estão ligadas a diversos fatores. Por isso, segundo esse mesmo autor, é comum definir de maneira genérica o lixo como

sendo “todo e qualquer resíduo que resulte das atividades diárias do homem em sociedade, compõem-se [...] de uma infinidade de substâncias descartadas pelo homem no meio ambiente” (LIMA, *op. cit.*, p. 11).

Entendemos que os sentidos atribuídos às palavras são dinâmicos e relativos. Observamos que o sentido da palavra lixo varia conforme a utilidade ou não dos materiais pelos seus usuários. Portanto, o que é lixo para alguns é sinônimo de riqueza para outros. Prova disso é que o agravamento da problemática ambiental, o desenvolvimento dos procedimentos de reciclagem, a possibilidade de novas formas de geração de renda, o aumento das desigualdades sociais e a elevação da miséria contribuem para que o lixo adquira diferentes conotações. Ele se transforma em uma nova mercadoria e fonte de lucros para as empresas de limpeza, de reciclagem e donos de depósitos de reciclagem. Para os catadores de recicláveis, também é mercadoria, mas de natureza diferente, pois ganha conotação de fonte de sobrevivência, por vezes de modo intermitente, outras vezes de maneira duradoura. Ao encarar o lixo como mercadoria, verificamos que

[...] alguns pagam para se verem livres e outros cobram para livrar os outros e com isso tem lucros. O lixo tornou-se “mercadoria”. Era “resto” de um valor de uso e adquiriu um “novo” valor de troca. Mercadoria *sui generis*, pois é descartável para uns que não se preocupam com o valor de troca (moradores em geral), ao passo que para outros o valor de troca é um atributo (RODRIGUES, *op. cit.*, p.138-9).

Os problemas gerados pelo excesso do lixo são de ordem ambiental, social e de saúde pública. Dizem respeito à sua produção, forma de limpeza, tratamento e disposição final. Apesar do reconhecimento desses problemas, a preocupação dos gestores públicos em buscar soluções racionais para os problemas dos resíduos sólidos é bem recente. A maior parte das iniciativas governamentais é de curto alcance; as ações nem sempre são planejadas, além de cobrir pequenas áreas e reduzida percentagem da população. Assim, acabam sendo executadas de forma ineficiente como reconhece o Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará (2000).

A limpeza urbana e domiciliar, ou seja, a limpeza dos logradouros públicos e a coleta dos resíduos domiciliares (aqueles que têm menos de 100 litros ou 50 kg) é um serviço público de interesse local, sendo definido pela Constituição Federal (1988), no inciso V do Art. 30, como um serviço de responsabilidade das administrações municipais. Já a coleta dos resíduos sólidos industriais, agrícolas, de serviços de saúde particulares, de comércios e da construção civil é obrigação dos

responsáveis pela geração; as prefeituras podem, em alguns casos, executar a coleta, porém devem cobrar taxas (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2004).

As formas comumente utilizadas para disposição final dos resíduos urbanos são os Lixões, Aterros Sanitários¹² e Aterros Controlados¹³. No Brasil, conforme a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000 – PNSB (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA), divulgada em 2002, cerca de 63,6% dos municípios utilizam os Lixões a céu aberto. Esta é a forma menos adequada de disposição final do lixo, pois nela não há o controle dos resíduos, o que oferece riscos potenciais ao meio ambiente, podendo gerar a contaminação do solo e dos recursos hídricos pelo chorume¹⁴ e a procriação de vetores de doenças, que afetam a saúde humana.

Conforme os dados do coordenador do Programa de Vigilância Sanitária e Ambiental do Ministério da Saúde, Guilherme Franco (*apud* MELO, 2007), cerca de 15.237 áreas em diferentes municípios do país estão contaminadas por resíduos sólidos, e mais de dois milhões de pessoas foram vítimas dessa contaminação.

Os dados da PNSB (IBGE) estimam que sejam coletados diariamente, nas cidades brasileiras com até 200 mil habitantes, entre 450 a 700 gramas por habitante; nas cidades com mais de 200 mil habitantes, essa quantidade aumenta para a faixa de 800 a 1.200 gramas por habitante. Na época em que a pesquisa fora realizada, eram coletadas 125.281 toneladas de lixo domiciliar, diariamente, em todos os mais de cinco mil municípios brasileiros. Nas 13 maiores cidades brasileiras, com mais de 1 milhão de habitantes, eram coletadas mais de 51 mil toneladas diariamente. Ainda conforme os dados da PNSB (*op. cit.*), da década de 1980 ao início dos anos 2000, houve uma nítida tendência de melhoria do setor de limpeza pública e coleta de lixo no país. Houve, em alguns municípios, uma tomada de consciência no que diz respeito à gestão dos resíduos sólidos. Em algumas

¹² O Aterro Sanitário é um método de disposição final do lixo no solo, com utilização de critério de engenharia e de normas operacionais, confinando-o na menor área possível (geralmente em valas ou células), compactando-o e recobrando-o diariamente, sem expor aos vetores de doenças nem permitir o acesso de animais e de pessoas não autorizadas. Possui drenos verticais e horizontais para saída dos gases e decantação do chorume, que é encanado para a estação de tratamento de esgotos. O fundo da vala é impermeabilizado e possui drenos de decantação do chorume (IPLANCE, 2000).

¹³ Aterro Controlado é basicamente uma forma de dispor o lixo em valas, com recobrimento manual diário utilizando areia (com auxílio de pás, enxadas e carros de mão) e compactação somente após o preenchimento da mesma. O terreno é isolado (cerca, muro, etc) e vigiado para manter o controle sobre catadores e animais (IPLANCE, *op.cit.*).

¹⁴ Chorume é o líquido originado pela decomposição do lixo, que contém compostos orgânicos e íons metálicos (IPLANCE, *op.cit.*).

idades se busca a gestão participativa, compartilhada dos resíduos, uma gestão mais ampla que envolva, além do poder público, a população e os catadores dos lixões e das ruas.

Segundo Jacobi (2006), desde 1989, multiplicam-se no Brasil experiências de gestão compartilhada dos resíduos sólidos. Essa é uma forma de gestão que não se restringe à ação das prefeituras, já que envolve a população em geral e as associações e cooperativas de catadores de recicláveis. “Trata-se de experiências que devem ser valorizadas, apesar da sua pequena escala, porque geram benefício econômico [...], ambiental [...] e social [...]” (JACOBI, *op. cit.*, p. 11).

Existem projetos de expressão nacional em andamento que visam aprimorar a gestão compartilhada dos resíduos em cidades dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. No Ceará, essas iniciativas ainda são embrionárias.

Conforme Melo (2007), apesar dos riscos eminentes na má gestão dos resíduos sólidos, ainda são escassos os investimentos nesse setor, pois os custos para a manutenção de sistemas de transporte de lixo e a acomodação são elevados, o que, às vezes, leva ao sucateamento dos serviços prestados em muitas cidades brasileiras. Tal fato é reflexo da inexistência de um sistema nacional e uma política nacional de resíduos sólidos. Desde o início da década de 1990, existe um debate sobre a criação de uma Política Nacional de Resíduos Sólidos, todavia nenhum projeto de lei foi aprovado (ROMANI, 2004). Esta é uma das evidências que nos leva a corroborar com a afirmação de Jacobi: “O Estado torna-se cada vez menos eficaz para enfrentar os problemas sociais [e ambientais] que se avolumam e limita cada vez mais os espaços vitais de desenvolvimento social e se fragiliza no seu papel de provedor” (JACOBI, *op.cit.*, p. 9).

Neste contexto, percebe-se que há uma necessidade eminente de se inovar na gestão dos resíduos sólidos no Brasil, privilegiando projetos de coleta seletiva de lixo. Abreu (2004), autora do livro *Do lixo à Cidadania*, nos indica que para a relação sociedade – lixo se modificar é preciso que a população se conscientize do problema e os poderes municipais gerenciem os resíduos de forma a tentar minimizar os impactos ambientais, contribuindo para que se efetive programas de coleta seletiva que tornem as cidades mais limpas e agradáveis e que venham beneficiar pessoas que hoje trabalham como catadores de lixo.

Segundo os dados do Atlas de Saneamento do IBGE, lançado em 2004, menos de 5% dos municípios brasileiros (somente 237) são dotados de programas de coleta seletiva de resíduos (ver figura 01). Apesar de o Atlas ter sido divulgado no início dos anos 2000, mais especificamente em 2004, ele ainda serve como referência na área de saneamento no Brasil. No mapa, visualizamos que a maior parte dos municípios envolvidos em programas de coleta seletiva situam-se nas regiões Sul e Sudeste.

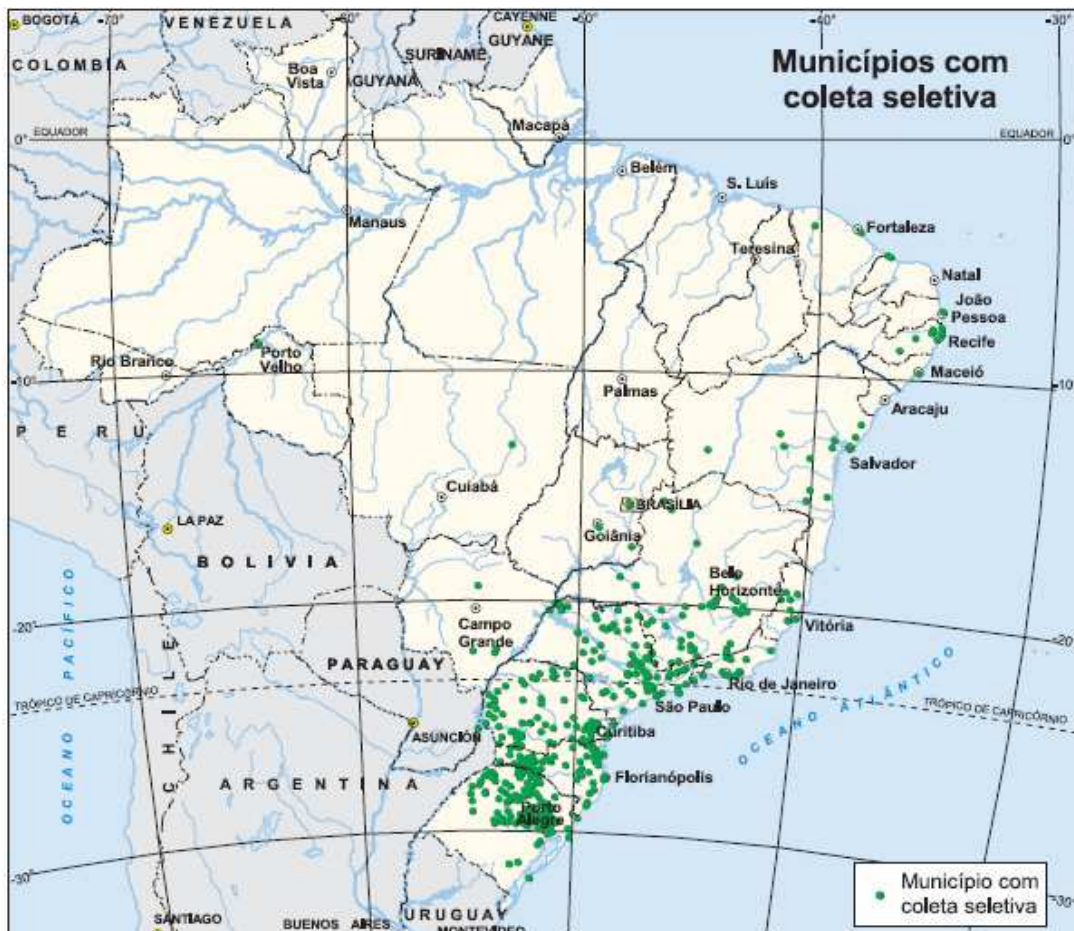


FIGURA 01: Municípios que possuem coleta seletiva segundo o Atlas de Saneamento do IBGE. Fonte: IBGE, 2004.

Diante do exposto, concordamos com Besen (2006, p. 53), que nos adverte que “[...] o repensar e modificar a relação da civilização moderna com os resíduos sólidos é fundamental nos esforços da busca da sustentabilidade urbana e planetária”. Os ambientalistas alertam para a relevância da Gestão Compartilhada dos resíduos sólidos, uma gestão que contemple comunidade, catadores e poder público em uma política que incentive a redução, reciclagem e o reaproveitamento dos resíduos. Mas como isso é possível em nossa sociedade? Será que somente a gestão compartilhada é suficiente para resolver o problema do lixo?

2.3 O caminho do lixo em Fortaleza: passado e presente

A cidade de Fortaleza lançou-se na divisão internacional do trabalho em meados do século XIX¹⁵ e conheceu os primeiros avanços da modernidade em função das divisas geradas pela exportação do algodão. Apesar dos progressos obtidos nesse período na infra-estrutura (tais como: pavimentação, iluminação, serviço de água e transporte), no tocante à destinação final do lixo, verificamos que, durante grande parte do século XIX, ele e outros dejetos de Fortaleza eram enterrados ou lançados pelos Quimoeiros¹⁶ em terrenos baldios, no mar ou em outros corpos hídricos, como rios e lagoas. Naquela época, ainda não havia em Fortaleza sistema de esgotamento sanitário, tampouco locais adequados para disposição final do lixo.

Algumas alusões sobre o destino do lixo na Fortaleza do século XIX encontram-se no Código de Posturas da cidade. O Código de 1865 (*apud* COSTA, 2005b), em seus artigos 55 e 56, determinava que houvesse um local específico para o despejo de lixo doméstico e das matérias fecais. Estas deveriam ser colocadas “em vasilhas tapadas, das 9 horas da noite em diante nos lugares designados pela Câmara, para em seguida serem levadas pelos Quimoeiros” (COSTA, *op. cit.*, p.4).

Já no século XX, na década de 1950¹⁷, quando Fortaleza passava por um acentuado crescimento demográfico em função das migrações¹⁸, ocasionadas, principalmente, pela crise da agricultura cearense, pela concentração fundiária, bem como pelas grandes secas, fora instalado o primeiro lixão da cidade, em um terreno na avenida Sargento Hermínio, que se estendia até as proximidades da Avenida Bezerra de Menezes, no bairro Monte Castelo. O mesmo recebeu o nome de lixão do João Lopes, em menção ao açude de mesmo nome existente no bairro. O lixão funcionou nesse local entre os anos de 1956 e 1960 (GONÇALVES, 2005). Apesar do lixão não ser a forma de acondicionamento mais adequada, percebemos que, naquele período, já se insinuava uma primeira preocupação com a destinação final

¹⁵ Para conhecer maiores detalhes sobre esse período na cidade de Fortaleza, consultar: PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

¹⁶ Os Quimoeiros eram os carregadores das Quimoas, barris de madeira que continham as fezes e resíduos das residências. Os Quimoeiros tinham um aspecto repugnante e eram tidos como agentes infectantes para a população (GIRÃO, 1979, *apud* COSTA, 2005b).

¹⁷ Nesse período, a população de Fortaleza cresceu 90,5% de 1950 a 1960 (SOUZA, 2005).

¹⁸ “Em termos demográficos, a aglomeração de Fortaleza é constituída majoritariamente de migrantes que vivem em condições precárias em sua vasta periferia urbana” (SILVA, 2005, p. 103).

dos resíduos, para que não prejudicasse os corpos hídricos e se concentrasse em pontos específicos da cidade.

Na década de 1960, quando surgem novas indústrias em Fortaleza, nos ramos têxteis, de confecções, de beneficiamento da castanha de caju e da lagosta, graças aos incentivos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), por intermédio da política de deduções fiscais¹⁹; os resíduos sólidos da capital passaram a ser depositados no lixão do bairro Barra do Ceará, ou seja, na porção oeste de Fortaleza. O mesmo funcionou entre os anos 1961 e 1965. Posteriormente, o lixo passou a ser depositado no lixão do Buraco da Jia, no bairro Antônio Bezerra (ATERRO..., 2007).

No início dos anos 1970, Fortaleza vira metrópole, cria-se a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), cuja instituição foi de caráter eminentemente político e administrativo, pois a cidade ainda não possuía características de metrópole. De acordo com Silva (2005), naquele período, Fortaleza ganha importância não como cidade geradora de grandes inovações, como é comum às grandes metrópoles, mas sim como cidade concentradora de serviços, cidade terciária. Mesmo sob esse novo patamar de cidade-metrópole, ou esse novo título na hierarquia das cidades, Fortaleza ainda continua a tratar seus resíduos de maneira precária, pois o lixo ainda era depositado em lixões. Depois do lixão do Buraco da Jia, até 1977, os resíduos foram depositados no lixão do Henrique Jorge, nas proximidades do rio Maranguapinho. Este lixão funcionou durante 11 anos, de maneira insalubre e prejudicial aos moradores e ao meio ambiente. Nele, trabalhava uma quantidade significativa de catadores (GALVÃO, 1994).

Segundo Galvão (*op. cit.*), com a desativação do lixão do Henrique Jorge, os catadores que lá trabalhavam foram imensamente prejudicados por terem perdido sua fonte de renda. Na época, houve um verdadeiro caos durante os anos da transferência do local da destinação final do lixo da cidade.

¹⁹ No Ceará, as indústrias instalam-se, no primeiro momento, em Fortaleza e, mais tarde, em municípios de sua região metropolitana (Maracanaú - onde é instalado o distrito industrial -, Caucaia e Horizonte). Tal localização deve-se às facilidades encontradas na capital (serviços, infra-estrutura e equipamentos). Segundo Amora (2005a, p. 374), a Sudene contribuiu para a modernização de alguns setores (indústria e serviços), mas não reduziu as desigualdades sociais e regionais, pois se ampliou a concentração de renda e a pobreza.

Somente no final da década de 1970, foi construído em Fortaleza o que seria seu primeiro Aterro Sanitário, o Aterro do Jangurussu²⁰. O emblemático aterro, localizado às margens do rio Cocó, iniciou suas operações oficialmente em 1978, no bairro de mesmo nome. Sua área inicial era de nove hectares, tendo sido posteriormente ampliada para vinte hectares (MAQUIAGEM..., 2004).

De acordo com Galvão (*op. cit.*), antes mesmo de o aterro entrar em operação, alguns caminhões depositavam lixo no local, fato que deu origem a uma verdadeira rampa de dejetos. Com o passar dos anos e devido à falta de planejamento e gerenciamento, o aterro virou um lixão que passou a congrega inúmeros catadores e, ao invés de amenizar os problemas ambientais decorrentes do lixo, o mesmo contribuiu com a degradação do solo e com a poluição do rio Cocó.

No tocante à relação dos catadores com o lixão, conforme Leite (2002), registros apontam que, após pouco tempo da implantação do Jangurussu, moradores das proximidades invadiram o local em busca de objetos e alimentos, fato que demonstrava a situação de extrema miséria e pobreza dos moradores daquela porção da cidade, que, em sua maioria, eram desempregados e migrantes. A situação degradante do Jangurussu foi denunciada, sendo alvo de várias manifestações de setores da sociedade civil. Podemos visualizar essa constatação na passagem, a seguir:

Lutando pela a eliminação da mais explícita e contundente ferida aberta no espaço social da capital cearense, ambientalistas e artistas, como o fotógrafo Sebastião Salgado e a coreógrafa Dora Andrade com o seu grupo de Ballet Edisca, denunciaram em suas obras e manifestações as condições degradantes dos catadores e do meio ambiente no aterro do Jangurussu (FORTALEZA, 2005, p. 1).

Os resíduos de Fortaleza foram para o Jangurussu até 1998. Com a desativação do lixão do Jangurussu em 1998, o local passou a abrigar a Usina de Triagem de Resíduos (UTR), o Centro de Tratamento de Resíduos Perigosos (CTRP), a Usina de Beneficiamento de Coco Verde²¹ e a Estação de Transbordo²²,

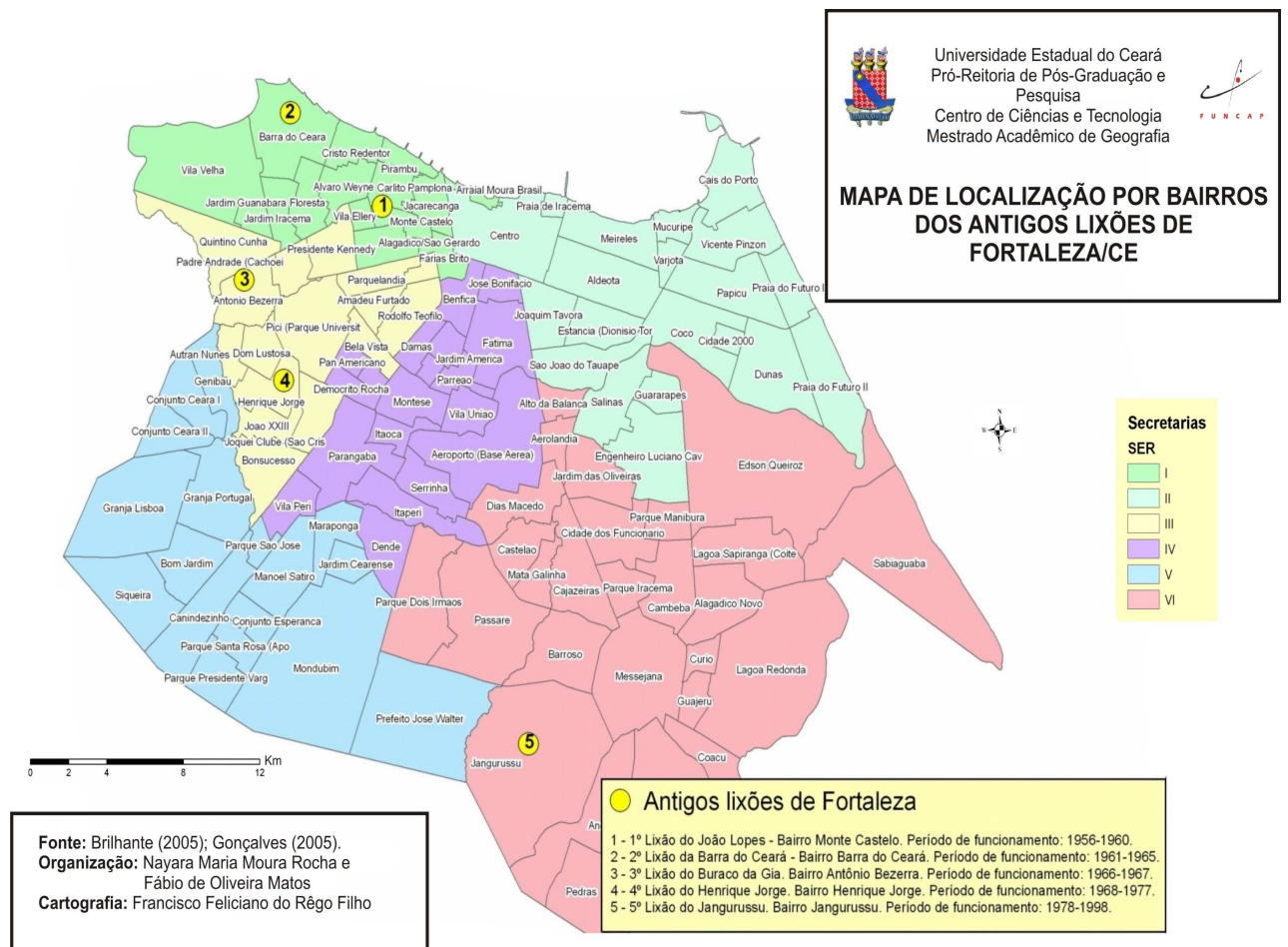
²⁰ Convém ressaltar que alguns técnicos consideram que o aterro do Jangurussu, desde o início de sua concepção, foi um lixão e não um aterro sanitário, em função da ausência de técnicas e gerenciamento adequado.

²¹ Usina instalada e gerenciada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

²² A Estação de Transbordo é o local para onde vai o lixo da parte leste da cidade. Os caminhões chegam à estação e deixam o lixo coletado, em seguida esses resíduos são encaminhados para

onde os caminhões com o lixo recolhido na área leste de Fortaleza; isto é, nas Zonas Geradoras de Lixo (ZGL)²³ 4, 5, 6, 7, 8, e 9, que cobrem os bairros da Secretaria Executiva Regional II (SER II); despejam o lixo antes de ir para o Aterro Sanitário Metropolitano Oeste de Caucaia (ASMOC), local para onde são destinados atualmente os resíduos de Fortaleza e Caucaia.

Numa tentativa de situar os antigos lixões de Fortaleza, elaboramos o mapa a seguir (ver mapa 02), nele visualizamos que o lixo recolhido em Fortaleza durante anos foi acomodado em bairros periféricos da cidade, hoje não existem mais espaços em Fortaleza para onde possa ser enviado o lixo recolhido, por isso o aterro que atende a capital se localiza em um município vizinho.



MAPA 02: Localização por bairros dos antigos lixões de Fortaleza.
Organização: Nayara Rocha e Eliana Guerra

outro veículo e levados para o Aterro Sanitário Metropolitano Oeste de Caucaia (ASMOC). Essa troca de veículo ocorre por questão de logística e economia no transporte.

²³ ZGL são as Zonas Geradoras de Lixo. Em Fortaleza, existem 26 destas Zonas. Elas dividem os bairros e baseiam-se em dados técnico-operacionais; e existem por uma questão de logística na coleta (LEITE; ARAÚJO, 2007).

O ASMOC foi implantado no final da década de 1980, com recursos oriundos do projeto Sanear, e só recebia inicialmente os resíduos de Caucaia. Além do ASMOC, outros aterros sanitários foram construídos na Região Metropolitana, nas cidades de Aquiraz e Maracanaú, também financiados pelo Banco Mundial, via Projeto Sanear.

Na atualidade, o mesmo já está com mais de 60% de sua capacidade ocupada e tem prazo de vida útil previsto para 2010. Um projeto para ampliação deste aterro, objetivando atender a crescente demanda, vem sendo discutido nos órgãos de meio ambiente do Estado e dos municípios de Caucaia e Fortaleza (RODRIGUES, 2006).

No tocante ao planejamento do serviço de limpeza urbana em Fortaleza nos dias atuais, sabe-se que ele é realizado pelas Secretarias Executivas Regionais (SER), pela Empresa Municipal de Limpeza e Urbanização (EMLURB) e pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMAM). Já a coleta direta dos resíduos domiciliares é feita por uma empresa concessionária, a ECOFOR-AMBIENTAL, do Grupo Marquise.

Com o crescimento da população, a diversificação e o aumento das indústrias, do comércio e do consumo aqui existentes, a quantidade de resíduos também aumentou. Em 2006, segundo a EMLURB, eram coletadas, em Fortaleza, em média 90 mil toneladas de lixo por mês²⁴ (cerca de 2.375 toneladas por dia de resíduos domésticos), custando aos cofres da prefeitura aproximadamente 4.000.000 reais. Das 2.375 toneladas de resíduos gerados diariamente, apenas um pequeno percentual é reciclado (MESMO..., 2006). Segundo dados do IMPARH (2006, p. 13), em Fortaleza, “o quadro da reciclagem tem à sua disposição por mês, cerca de 15 mil toneladas, ou seja, cerca de 16,7% de lixo [que poderia ser reciclado]”. Esses dados demonstram o potencial que pode ainda ser reaproveitado via projetos de reciclagem.

Conforme Jacobi (2006, p. 11), “a implementação de programas de coleta seletiva é fundamental para o equacionamento dos impactos que os resíduos provocam no ambiente e na saúde do cidadão”, bem como para o incremento do

²⁴ Segundo os dados disponibilizados pela Ecofor Ambiental, empresa responsável pela coleta domiciliar de Fortaleza, mensalmente são coletados cerca de 45 mil toneladas só de lixo domiciliar na cidade. Disponível em: <<http://www.ecoforambiental.com.br/t1.aspx?id=42>>. Acesso em: 16 dez. 2007.

mercado da reciclagem. Indagamos-nos, porém se somente a reciclagem seria o suficiente para equacionar o problema dos resíduos sólidos em Fortaleza? Neste sentido, apresentaremos, a seguir, algumas características que envolvem a cadeia produtiva da reciclagem em Fortaleza.

2.4 Separar, coletar e reciclar: os meandros da reciclagem em Fortaleza

Segundo o Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas (2007, p.1), “a reciclagem é um conjunto de técnicas que tem por finalidade aproveitar os detritos / resíduos e reutilizá-los no ciclo de produção que saíram”. Ela resulta de uma gama de atividades, pelas quais aquilo que se tornaria lixo é desviado, coletado, separado, processado e torna-se matéria-prima para o surgimento de novos produtos.

A reciclagem ganhou relevância quando as preocupações ambientais entraram em pauta. Reciclar também ganhou importância estratégica com a queda do petróleo nos anos 1970. Leal *et al.* (2002, p. 180), na passagem a seguir, fala sobre o que ele considera como os reais objetivos da reciclagem:

[...] a reciclagem, ou seja, a reintrodução dos resíduos sólidos no circuito produtivo da economia, principalmente a realizada em grande escala, apesar de se beneficiar do discurso da preservação ambiental, não tem nessa idéia o seu objetivo principal, sendo, pois, o objetivo primeiro a reprodução ampliada do capital empregado.

Reconhecendo essa premissa, somente aqueles materiais que congregam baixo custo, grande oferta e mercado consumidor certo serão objetos da indústria da reciclagem. Nas palavras de Leal *et al.* (*op. cit.*, p.181): “Pouco importa se são esses que trazem maiores ou menores prejuízos ao ambiente. Assim, se o papel reciclado é certeza de bons lucros recicla-se o papel, se a reciclagem de um outro material qualquer não dá lucro, o melhor é enterrá-lo”, independente dos prejuízos ambientais que esse material que não será reciclado poderá trazer.

Essas assertivas nos deixam explícitas as faces da reciclagem, isto é, ela é associada à questão da melhoria das condições ambientais, mas não se pode esquecer que a geração de lucros é almejada por aqueles que compõem a cadeia produtiva da reciclagem. Para esses, a preservação ambiental, a preocupação em “salvar o planeta” é posta em segundo plano.

Na atualidade, o Brasil se destaca como um dos grandes países recicladores de papel, plástico e alumínio. De acordo com dados do Compromisso Empresarial

para Reciclagem²⁵ (CEMPRE, 2006), no Brasil, tem se observado desempenho crescente no setor da reciclagem do papel²⁶, o que coloca o país entre as dez nações do mundo com maior taxa de reciclagem no gênero. No setor da reciclagem de plástico²⁷, o Brasil figura em terceiro lugar no rol dos países com crescente atividade de reciclagem, perdendo apenas para Alemanha e Áustria. Em relação à reciclagem de latas de alumínio²⁸, o Brasil é o líder entre os países nos quais a atividade não é obrigatória por lei. Ainda conforme o CEMPRE (2006), a indústria da reciclagem está bem mais desenvolvida e alcança maiores índices de produtividade nas regiões Sudeste e Sul do país. O crescimento da indústria da reciclagem depende diretamente do investimento em coleta seletiva nas cidades.

A cidade de Fortaleza é um dos municípios brasileiros que não conta com um amplo programa de coleta gerenciado pela prefeitura que contemple todos os bairros da cidade e que articule empresas, usinas de triagem dos resíduos, cooperativas e associações de catadores. Em virtude disso, os proprietários de depósitos de compra e venda de recicláveis, as empresas de reciclagem, os catadores associados e os catadores de rua são os principais responsáveis pela implementação de alternativas para movimentar e dinamizar o mercado do reciclável. Para estes últimos, a reciclagem se constitui como um lugar de sobrevivência desde a década de 1950, como veremos nas próximas seções.

Parece evidente que, para pesquisadores e diversos atores sociais, uma coleta seletiva que priorize a reciclagem contribui para aumentar o tempo de vida útil dos lixões e aterros sanitários, pois diminui o acúmulo descontrolado de lixo, bem como a pressão sobre os recursos naturais (economiza os recursos naturais), prevenindo problemas urbanos e gerando renda para parte da população.

Em Fortaleza, o *Projeto Reciclando - Seja um cidadão ecológico*, iniciado no final da década de 1990, revelou-se uma inciativa de coleta seletiva de destaque.

²⁵ Criado em 1992, o CEMPRE se define como uma instituição sem fins lucrativos, criada para promover a reciclagem dentro do conceito de gerenciamento integrado de resíduos sólidos. O CEMPRE é formado pelas seguintes empresas: Alcoa, Aleris Latasa, AmBev, Carrefour, Coca-Cola, Daimler Chrysler, Grupo Pão de Açúcar, Klabin, Kraft, Natura, Nestlé, Nivea, Novelis, Paraibuna Embalagens, Pepsi, Philips, Procter & Gamble, Sadia, SouzaCruz, Suzano, Tetra Pak e Unilever. Disponível em: <http://www.cempre.org.br/fichas_tecnicas_microcenarios.php>. Acesso em: 2 fev. 2007.

²⁶ Vale lembrar que o papel é um material que leva de 3 a 6 meses para se decompor (SEMACE, s.d.).

²⁷ Vale lembrar que o plástico é um material que leva mais de 100 anos para se decompor (SEMACE, s.d.).

²⁸ As latas de alumínio podem levar mais de 200 anos para se integrar à natureza (SEMACE, s.d.).

Este projeto foi fruto de uma parceria entre o Governo do Estado, por intermédio da extinta Secretaria do Trabalho e Ação Social (SETAS), do Sindicato das Indústrias de Reciclagem do Estado do Ceará (SINDIVERDE)²⁹, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e da Federação das Indústrias do Ceará (FIEC). Visava promover uma coleta distinta de materiais recicláveis, estimulando uma cultura ambiental, através da seleção de resíduos secos e úmidos. Dessa maneira, almejava-se a manutenção, criação e geração de empresas de reciclagem, assim como proporcionar ocupação e renda³⁰ para populações de áreas de risco da periferia (GONÇALVES, 2005).

O *Projeto Reciclando* foi estruturado no tecido urbano em um sistema que congregava caminhões especializados para coleta, pontos de recebimento dos materiais (containers, chamados de Ilhas Ecológicas) e coletores de porta em porta, com uniforme e carrinhos padronizados. Também foram implantados galpões de triagem em dez centros comunitários, localizados em bairros da periferia de Fortaleza. Em conjunto com a triagem, eram realizadas capacitações de pessoas interessadas em trabalhar como coletores de recicláveis. Como fruto desse projeto, foi construído um Centro de Triagem de Resíduos Sólidos (CTR), que, além da coleta regular das Ilhas Ecológicas, efetuava a coleta de materiais recicláveis em hotéis e restaurantes de grande porte na cidade (GRADVOHL, 2001).

Conforme Gonçalves (*op. cit.*, p. 94) , “o *Reciclando* foi construído como uma política pública de organização da cadeia produtiva da reciclagem”, tendo sido fundamentado nos estudos do professor Albert Gradwohl. O projeto consubstanciou-se como o passo inicial em direção à organização da reciclagem na capital cearense. Não obstante, com as mudanças de gestores e com a divisão da SETAS em duas outras secretarias estaduais, o *Projeto Reciclando* deixou de se constituir prioridade. Conforme a técnica da EMLURB, Anastácia Martins, entrevistada por nós em Setembro de 2006, os galpões foram desativados, as Ilhas Ecológicas situadas nos postos de gasolina viraram verdadeiros pontos de acumulação de lixo não

²⁹ SINDIVERDE é o Sindicato das Indústrias de Reciclagem do Estado do Ceará, criado em meados da década de 1990. Foi o primeiro sindicato formado por indústrias de reciclagem criado no país, e sua missão é: Organizar o mercado da reciclagem, criando condições para que a oferta e demanda por materiais recicláveis seja plenamente satisfeita. Disponível em: <<http://www.reciclaeis.com.br/sindi.html>>. Acesso em: jun. 2007.

³⁰ Ocupação nos galpões de triagem, bem como coletores de porta em porta. Essa população obteria renda a partir da venda dos recicláveis.

selecionado e alguns galpões passaram a ser objeto de conflitos entre o Estado e alguns grupos de catadores.

Em relação às iniciativas diretas da administração municipal, no tocante a projetos de coleta seletiva de recicláveis no espaço fortalezense, observamos que estas se concentram no espaço do antigo lixão do Jangurussu. Com o fim do lixão, aquele espaço passou por uma verdadeira crise. Muitas famílias que ali moravam e viviam do lixo perderam sua principal fonte de sobrevivência, situação semelhante àquela ocorrida no bairro Henrique Jorge, onde já existiu um lixão. A partir de então, a prefeitura passou a dar apoio a estas famílias, por meios de projetos sociais. Depois de alguns anos e decorrente de reivindicações, foi criada, em 2005, a Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos de Seleção de Materiais Recicláveis do Jangurussu (COOSEL), apoiada pela prefeitura, visando possibilitar fontes de renda para os catadores remanescentes do antigo lixão. A COOSEL foi fruto de um projeto piloto de coleta seletiva em Fortaleza, com a inclusão dos catadores. Este projeto piloto vem sendo desenvolvido desde Março de 2005, contando com o assessoramento técnico da Prefeitura Municipal, da Fundação Banco do Brasil e do CEFET / Ce. Cerca de sessenta empresas³¹ aderiram e se tornaram doadoras de resíduos, fato que denota uma incipiente preocupação dos gestores e de segmentos da sociedade civil com a temática dos resíduos sólidos e com a reciclagem na cidade.

Em 2007, a COOSEL passou a se chamar Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN). A passagem de Cooperativa para Associação se deu em função das dificuldades, custos e exigências legais, burocráticas e financeiras para manter em funcionamento uma Cooperativa. Em nossa visita a ASCAJAN, verificamos que esta Associação dispõe de um caminhão coletor padronizado e de um galpão onde trabalham os catadores associados, que recebem doações de material pré-selecionado, ou seja, material previamente separado por tipo pelos doadores.

No período de nossa visita, constatamos que, apesar dos catadores membros dessa associação trabalharem no galpão de forma organizada, existem ainda membros que também trabalham com carrinhos individuais nas ruas, com o intuito de complementar suas rendas. A ASCAJAN recebe ampla atenção por parte de

³¹ As doze lojas da rede de Supermercado Pão de Açúcar de Fortaleza destacam-se como um dos grandes doadores.

técnicos da prefeitura, por se situar em local que, historicamente, tem a maior quantidade de problemas envolvendo catadores e por estar à frente do projeto piloto de coleta seletiva da cidade.



FIGURA 02: Folder do projeto piloto de coleta seletiva da Prefeitura Municipal distribuído em 2007.

Além dos catadores associados à ASCAJAN, outros catadores que não participam da associação disputavam o lixo que chegava à Estação de Transbordo (ver nota 21) que funciona no Jangurussu. Estes trabalhavam nas piores condições, sem equipamentos, sem adequada proteção e de maneira autônoma. Devido às pressões dos associados e das intervenções do Ministério Público, hoje só trabalham no Jangurussu os catadores da associação. Notamos aqui, o importante papel das organizações sociais dos trabalhadores da cadeia do lixo. Aqueles que se encontram associados têm minimamente melhores condições de trabalho e de remuneração, ainda que não se encontrem em situações plenamente confortáveis.

A implantação da ASCAJAN constituiu a primeira iniciativa da gestão municipal em apoio aos catadores, para possibilitar a entrada dos mesmos na cadeia produtiva da reciclagem na cidade de Fortaleza.



FIGURA 03: Galpão da atual ASCAJAN.
Fonte: Rocha, Janeiro de 2007.



FIGURA 04: Caminhão da ASCAJAN.
Fonte: Rocha, Janeiro de 2007.

Atualmente, em Fortaleza, a cadeia da reciclagem compõe-se por indústrias de reciclagem, depósitos especializados (grandes depósitos que recebem materiais específicos), depósitos pequenos (que recebem todo tipo de material reciclável), sucatas, catadores organizados em associações, catadores de rua autônomos e os catadores de rua vinculados aos donos de um determinado depósito.

Conforme o secretário do Sindicato das Indústrias de Reciclagem do Ceará (SNDIVERDE), em entrevista concedida em Março de 2007, existem muitas empresas e depósitos que atuam na reciclagem de forma clandestina, sem nenhuma espécie de registro. Durante nossa pesquisa, existiam dezenove empresas de reciclagem vinculadas ao sindicato. Entretanto, ele reconhece que a amplitude do

mercado é bem maior. A maior parte dessas empresas situa-se nos demais municípios da RMF (Maracanaú, Eusébio e Caucaia) e não só em Fortaleza (Cf. Anexo A). Em relação aos depósitos, de acordo com a Célula de Controle Urbano da Secretaria Executiva Regional II, não existe cadastro destes que trabalham com reciclagem em Fortaleza. Em termos de catalogação dos depósitos, o que existe de mais sistematizado em Fortaleza é o levantamento do professor Gradvohl, realizado em 2002. Em sua catalogação, constam os principais depósitos da cidade (Cf. Anexo B).

Na cadeia da reciclagem, o catador tem o papel de coletar, nas ruas ou nos lixões, os materiais passíveis de reciclagem, como: papel, papelão, garrafas, plásticos, vidro, aço, PET, alumínio e cobre. Ele realiza um trabalho árduo e degradante, está exposto constantemente a riscos no manuseio do material, bem como no trânsito ao puxar ou empurrar as carroças na labuta diária, da rua para os depósitos. “[Ele] ocupa um lugar de importância. No entanto contraditoriamente, trabalha em condições precárias, subumanas e não obtém ganho que lhe assegure uma sobrevivência digna” (LEAL et al., 2002, p. 180).

Os catadores vendem os materiais para os donos dos depósitos (deposeiros), estes estabelecem os valores dos materiais arrecadados, considerando o tipo, o estado de conservação, a limpeza e o peso. O proprietário do depósito é o intermediário entre o catador e a indústria da reciclagem. É ele quem compra, pesa, separa e vende os materiais para a indústria de beneficiamento.

A relação entre catador de rua e depositeiro é bastante desigual, como observamos em nosso trabalho de campo. Existem catadores que são protegidos e recebem ajuda dos depositeiros, como auxílio na alimentação, medicamentos, adiantamento quando o catador necessita comprar algo para casa ou em casos de acidente durante o trabalho. Enquanto outros se dizem explorados e não recebem qualquer tipo de auxílio e se queixam dos valores praticados pelos depósitos, isto é, dos valores que são pagos pelo produto de seu trabalho nas ruas.

A verdade é que:

o resultado do trabalho do catador, significa para os empresários do lixo, condições para acumular capital, o trabalho social dos catadores proporciona a criação de valor de uso e de troca, mas são os atravessadores que saem lucrando nessa atividade (GALVÃO, 1994, p. 150).

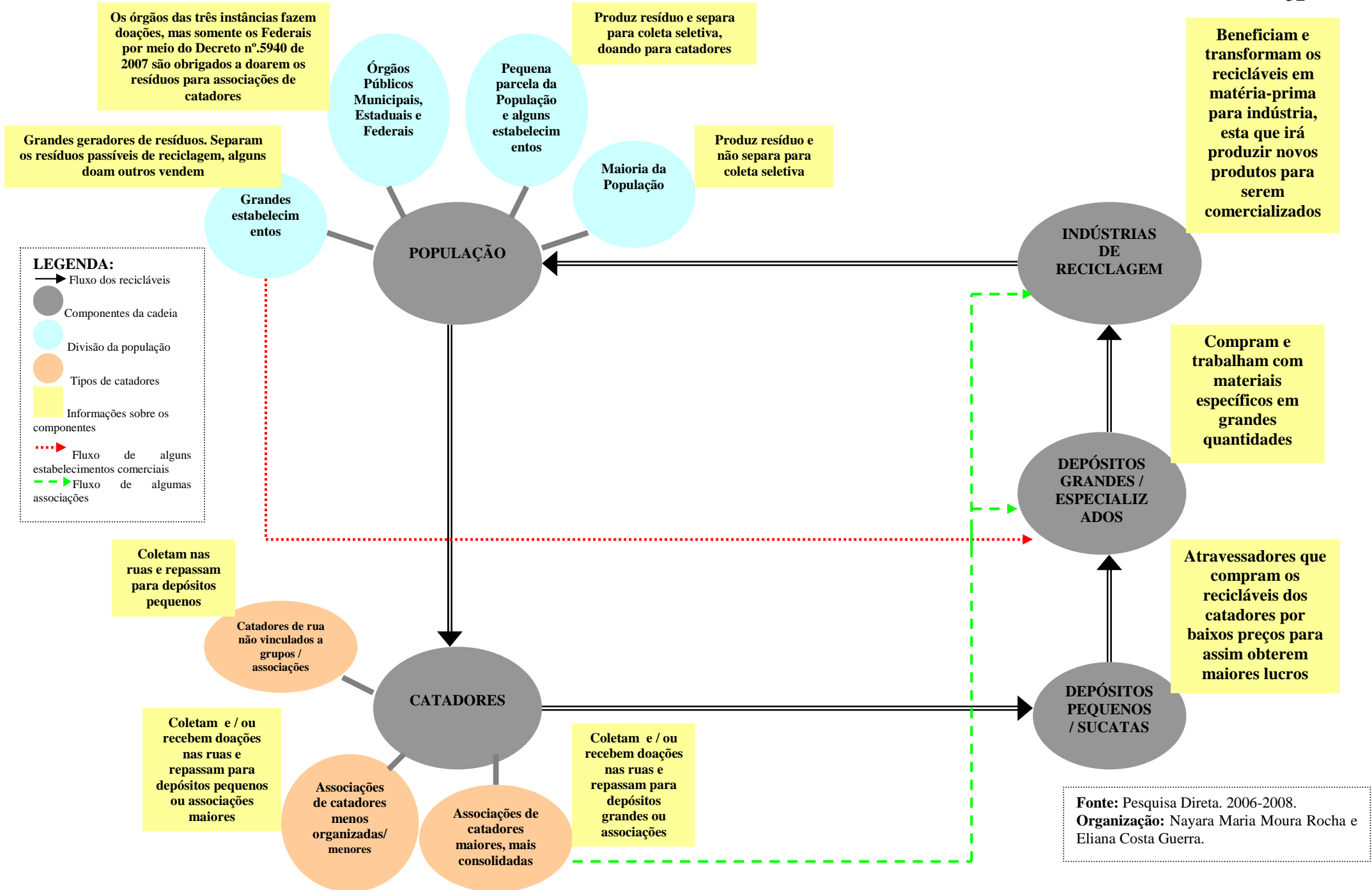
Vale lembrar, que a problemática dos resíduos de Fortaleza e as propostas de coleta seletiva, que priorizem a reciclagem e o envolvimento de grupos de catadores, vêm sendo discutidas pelo Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos, criado em 2004 pela atual gestão municipal, bem como também pelo Fórum Estadual Lixo e Cidadania. Hoje, em Fortaleza, existem três iniciativas de destaque no que tange a coleta seletiva, a saber: o projeto Ecocidadão da Ecofor, no qual essa empresa possui três grandes containeres em pontos de grande movimentação na cidade (Postos de Entrega Voluntária), onde a população pode depositar o lixo seco previamente selecionado; o programa Ecoelce da Companhia Energética do Ceará (Coelce), que se encontra ainda em fase piloto, no qual a população troca seus recicláveis por bônus / descontos na conta de energia elétrica (existe um conflito entre a Rede de Catadores e essa empresa em relação a este programa, como ressaltaremos posteriormente); e o Ecoletivo, iniciativa da ONG Centro de Estudos Aplicados de Juventude, que se situa no bairro de Fátima e capta doações para um grupo de catadores. Na SEMAM, está em fase de captação de recursos, junto ao Ministério das Cidades, o projeto dos Ecopontos (inicialmente pensado para os resíduos da construção civil e, posteriormente, ampliado para os resíduos domiciliares), que visa construir na cidade 41 equipamentos espalhados nos bairros das seis regionais, para recebimento de resíduos recicláveis. Está previsto que estes equipamentos serão gerenciados por grupos de catadores. Em algumas repartições públicas, em nível municipal, estadual e federal, são desenvolvidos internamente projetos de coleta seletiva solidária.

Contudo, sabemos que a redução dos resíduos sólidos da cidade, ou senão, o tratamento, o destino adequado e a coleta seletiva ampla com fins sociais constituem ainda grandes desafios para as coletividades locais. Em especial, de países como o Brasil, com número expressivo de metrópoles e de grandes cidades, onde a problemática do lixo se apresenta de forma mais complexa e contundente, como vimos nas seções anteriores.

Diante de tal realidade, surge-nos o seguinte questionamento: Como pensar na redução dos resíduos sólidos, priorizando projetos de coleta seletiva solidária de recicláveis, em uma sociedade cada vez mais individual e consumista?

A seguir, apresentamos um fluxograma de como está estruturada a cadeia da reciclagem em Fortaleza. Adiante, no próximo item deste capítulo, veremos como os catadores surgiram em Fortaleza e detalharemos os diferentes tipos de catadores.

FIGURA 05 - FLUXOGRAMA SIMPLIFICADO DA CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM EM FORTALEZA / CE.



2.5 Os catadores de recicláveis na paisagem de Fortaleza: O ontem e o hoje

A paisagem, entendida para além da concepção estética, revela as condições socioeconômicas, de produção e a atuação dos sujeitos sociais de um determinado lugar. A paisagem urbana, em particular, expressa as ações destes sujeitos na cidade, exprime as transformações, contradições, permanências e novas dinâmicas que ocorrem no espaço. Em sua apreensão, percebemos os espaços construídos, imóveis, assim como o movimento da vida, dos atores da cidade (CARLOS, 1992).

Para Santos (1998, p. 61), “[...] tanto o espaço quanto a paisagem resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos”. Esses movimentos na paisagem podem ser mais ou menos velozes, dependendo das transformações econômicas, políticas e culturais de um lugar. Em se tratando da cidade, eles são consideravelmente rápidos em decorrência da dinâmica intensa da sociedade urbana.

Ainda segundo Santos (*op. cit.*), a paisagem é o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não sendo formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores e sons em que as contradições ganham visibilidades. Como nos elucida o referido autor, verifica-se que:

A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo onde estejamos [...] A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. [...]. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. (SANTOS, *op. cit.*, p. 61-2).

Conforme Besse (2006, p. 62), discutindo o que seria a paisagem e seus limites de análise para os geógrafos, temos que:

A paisagem é um produto objetivo, do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior. Há como que um “interior” da paisagem, uma substância, um ser da paisagem que só deixa ver seu exterior. É, aliás, isto, que dará, aos olhos de certos geógrafos, o limite da abordagem paisagística. Ao mesmo tempo, a intenção e a esperança científicas do geógrafo consistem em tentar ultrapassar esta superfície, esta exterioridade, para captar a “verdade” da paisagem.

Diante dessas constatações, tentamos entender a paisagem, mas sem nos limitarmos a ela, buscando ultrapassá-la para podermos desvendar como surgiram os catadores na paisagem de Fortaleza e como interferem no cotidiano da cidade.

Em Fortaleza, a qualquer hora do dia, é possível nos depararmos com carrinhos³², atravessando as ruas e becos da cidade. No final da tarde e principalmente à noite, quando o trânsito é aliviado e os descartes das atividades são depositados nas ruas, sua presença se intensifica. Eles tentam chegar antes dos caminhões da coleta regular de lixo, a fim de recolher o que existe de valor no que foi recusado e / ou desperdiçado pela população. Os catadores estão no campo de visão de qualquer cidadão comum que ande por Fortaleza, compondo a paisagem da capital que tem vocação turística, verdadeiro portão de entrada do turismo no Estado do Ceará

Vale lembrar que Fortaleza foi instituída metrópole desde a década de 1970 e, a partir do final dos anos 1980, o turismo é aclamado como uma das vocações da cidade, transformando sua zona litorânea em objeto de programas voltados para exploração do mesmo³³. Sua modernização e consolidação enquanto metrópole, bem como o crescimento do turismo, contribuiu para acentuar as desigualdades sociais que se expressam no tecido urbano.

Essa “metrópole turística”, que se volta para o litoral, guarda em sua paisagem marcas históricas das desigualdades sociais. De acordo com Silva (2005, p. 101), em Fortaleza, “[...] as favelas, os conjuntos habitacionais mal conservados e as áreas de risco são marcas de territórios empobrecidos em expansão, que avançam em direção aos municípios vizinhos, convertendo áreas rurais em espaços sub-urbanizados”. Tal realidade coloca habitantes e autoridades locais diante de grandes desafios referentes à questão da violência urbana, do turismo predatório, da exploração sexual, do déficit habitacional; além das dificuldades históricas de acesso aos serviços de saneamento básico e de coleta e disposição de resíduos sólidos. Tudo isto compõe o complexo quadro de desafios contemporâneos dessa cidade.

É nessa metrópole macrocefálica³⁴, concentradora de investimentos, população, opulência e miséria, nesse espaço urbano marcado por tantas

³² Os carrinhos dos catadores também são chamados de carroças.

³³ Conforme Dantas (2002, p. 53), a valorização das zonas de praia pelo turismo, nos países em desenvolvimento, instaura discussões que se opõem à antiga tradição referenciadora do interior dos estados. Essa reviravolta evidencia, no Nordeste do Brasil, o processo de *litoralização*, movimento iniciado e organizado a partir do final dos anos 1980 e cujas repercussões também atingem o Ceará.

³⁴ O termo macrocefalia indica “aquele que tem a cabeça ou parte dela anormalmente desenvolvida” (FERREIRA, 1988). Segundo Martino (1995), essa noção foi primeiramente usada pelos economistas e, posteriormente, incorporada à geografia. Desse modo, para a geografia, a cidade macrocefálica é a cabeça nacional, é a unidade que influencia economicamente o conjunto do país. Entretanto, em relação ao Estado do Ceará, usualmente costuma-se falar que Fortaleza teve um crescimento

desigualdades, que a presença crescente dos catadores chama a atenção, evidenciando ainda mais as marcas da pobreza e da informalidade que caracterizam a metrópole. Em Fortaleza, a concentração de riqueza revela e esconde as várias faces de uma cidade. Cidade em meio à globalização perversa, onde centenas de famílias sobrevivem do que resta da sociedade do consumo, isto é, sobrevivem do lixo.

Em nossas buscas pelos primeiros indícios do surgimento dessa atividade na capital, nos reportamos a documentos oficiais e jornais de grande circulação na cidade, em função da carência de livros que abordem a temática. Verificamos que no Diagnóstico da Situação Socioeconômica dos Catadores, realizado pela prefeitura municipal em 2005 e publicado em 2006, os catadores de rua são tidos como remanescentes dos garrafeiros ou sucateiros do início da década de 1980, sujeitos que compravam materiais como vidros e ferros nas residências para vender nas sucatas (IMPARH, 2006). Entretanto, em nossas pesquisas na hemeroteca do Jornal O Povo e da Biblioteca Pública Estadual Menezes Pimentel, constatamos que a figura do catador está presente em Fortaleza há mais de cinquenta anos.

Existem reportagens da década de 1980 que fazem alusão à presença de catadores em Fortaleza desde os anos 1950. Década em que Fortaleza recebeu um acréscimo de cerca de 90% em sua população, em decorrência do fluxo migratório do interior do Estado (SOUZA, 1995). Tal fato nos leva a induzir que inicialmente o exercício dessa atividade deve ter sido realizado em grande parte por migrantes que até então não tinham ocupação.



FIGURA 06: Matéria veiculada com referência à profissão de catador.
Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública, 1994.



Eles percorrem a cidade procurando o que interessa. O que resta é lixo

FIGURA 07: Catador trabalhando nas ruas do Centro na década de 1980.
Fonte: Arquivo do jornal O Povo de fevereiro de 1986.

A matéria veiculada pelo jornal O Povo de fevereiro de 1986 nos chamou atenção, uma vez que a mesma trazia a seguinte chamada: “Com a indústria do lixo o catador vai desaparecer” (Cf. Anexo C). Esta é uma chamada curiosa, pois informa que o possível surgimento de uma indústria de reaproveitamento do lixo da cidade poderia resultar no desaparecimento da ocupação de catador.

Em nossa pesquisa, verificamos que, em Fortaleza, o projeto da indústria para o reaproveitamento do lixo nem mesmo foi iniciado, tampouco os catadores desapareceram de circulação. Contrariamente aos prognósticos da década de 1980,

observamos um crescimento vertiginoso do número de indivíduos que passaram a desenvolver essa atividade. Observamos que a catação de recicláveis atravessa várias décadas e passa por mudanças ao passo em que o próprio modo de produção capitalista se transforma, com a comercialização de produtos de vida útil cada vez menor, reforçando o consumismo, a descartabilidade e a geração exacerbada de resíduos sólidos.

Sabemos que a acumulação e o lucro são a força matriz do sistema capitalista, por isso a rotação do capital (distribuição, circulação e consumo) tenta se realizar em tempos cada vez menores (NETTO; BRAZ, 2006). Desse modo, a produção e o consumo assumem novos patamares e, com isso, assistimos ao aumento do que sobra desses processos, a saber: os resíduos, os rejeitos, os descartáveis, que dão origem a uma verdadeira *sociedade do descartável*, de mercadorias descartáveis e de milhares de pessoas destituídas e vulneráveis, como os catadores.

A matéria veiculada pelo jornal O Povo no início dos anos 2000 (Cf. Anexo D) retrata a nítida *invasão* desses trabalhadores na cidade (Cf. Figura 08). Com efeito, a crescente quantidade de catadores chama a atenção de qualquer transeunte, mesmo quando a presença destes trabalhadores torna-se tão naturalizada que os mesmos se tornam, de certo modo, invisíveis. Podemos atribuir essa presença marcante dos catadores nas ruas de Fortaleza, em termos sociais, à redução da necessidade de mão-de-obra na atual fase do capitalismo, ao crescimento do desemprego, à precarização e ao empobrecimento da população. Já em termos locais, dá-se em função da transferência do antigo lixão do Jangurussu para o município de Caucaia, pois, com o fechamento do lixão em Fortaleza, os catadores³⁵ que trabalhavam nas rampas e que não foram atendidos por projetos sociais, foram procurar os materiais recicláveis diretamente nas ruas.

³⁵ Os catadores que trabalham nos lixões também são chamados de casqueadores.



FIGURA 08: Foto da reportagem sobre a situação dos catadores veiculada no ano de 2003. Fonte: Jornal O Povo, 23 de Setembro de 2003.

O catador de materiais recicláveis que trabalha nas ruas aparece e transforma a paisagem urbana. Ele interfere na limpeza da cidade, no trânsito e se relaciona com moradores e comerciantes que doam os materiais recicláveis, assim como com outros moradores de rua, a exemplo dos mendigos.

Verificamos que a atividade da catação de recicláveis em Fortaleza evoluiu ao longo das décadas, tanto em relação aos instrumentos de trabalho, como principalmente nas formas de organização dos catadores. No passado, os catadores trabalhavam com sacos nas costas; hoje, eles possuem carroças³⁶ confeccionadas a partir de carcaças de geladeiras, pneus velhos e grades de camas. Desde a década de 1990, eles começaram a se organizar em associações³⁷ a fim de coletar de maneira mais ordenada os recicláveis. Com o passar dos anos, a catação de recicláveis se transformou em uma opção de trabalho para a população de baixa renda desempregada, que viu nessa atividade uma possibilidade de conseguir se

³⁶ Em 2005, o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea-CE) promoveu um concurso para a elaboração de carroças para o transporte de recicláveis, no intuito de melhorar a situação do trabalho do catador. Entretanto, nenhuma unidade do protótipo vencedor foi produzido, e o que se percebe é que as carroças são desconfortáveis e inseguras. As instâncias governamentais, empresas e grupos de catadores ainda não conseguiram recursos para desenvolver um carrinho melhor, nem tampouco os catadores que trabalham só para donos de depósitos (CRUZ, 2007).

³⁷ A primeira associação de catadores de Fortaleza foi a Sociedade Comunitária de Reciclagem de Lixo do Pirambu (Socrelp), criada em 1994.

reproduzir. Hoje em Fortaleza são quase 8 mil homens, mulheres e crianças nessa atividade (CRISPIM, 2005).



FIGURA 09: A Cata da vida – Capa do caderno veiculado em 2006.
Fonte: Jornal O Povo, Setembro de 2006.

A ampliação do número de catadores, sua organização em associações com vistas a melhorar as condições de realização do trabalho, a emergência do discurso ambientalista que se intensifica no Brasil na década de 1990 (ONU, 1992) e a criação do Fórum Estadual Lixo e Cidadania do Ceará (FEL&C) vêm contribuindo para uma mudança na maneira de encarar o trabalho dos catadores de recicláveis.

Prova disso é que, no decorrer dos anos, a forma com que o trabalho dos catadores vem sendo encarado pela gestão municipal e por alguns setores da sociedade civil vem mudando. Na década de 1980, conforme os jornais da época, os gestores alegavam que os catadores atrapalhavam o trabalho do Departamento de Limpeza Pública (DLP), pois sujavam a cidade e atrasavam o serviço de limpeza, principalmente, nas ruas do Centro. Hoje, há uma inversão na forma de encarar o trabalho dos catadores por parte do poder público e de algumas instituições não governamentais. Os catadores passaram a serem interpretados como “agentes ambientais ou ecológicos”, seu trabalho passou a ser visto como fundamental para a

limpeza da cidade, bem como para preservação do meio ambiente³⁸. Prova disso é que a prefeitura por meio do FEL&C vem desenvolvendo um trabalho de incentivo às associações de catadores. No entanto, apesar desse avanço, as ações da prefeitura ainda não foram suficientes para que o trabalho dos catadores seja realizado de maneira mais organizada e segura.

A gestão atual realizou uma grande pesquisa para conhecer o trabalho desses catadores. Sem embargo, percebemos na prática que as ações tem se restringindo aos catadores dos grupos (associações e cooperativas), e pouco vem sendo feito em relações aos que trabalham aleatoriamente, estes que são os mais precarizados. Em nossas entrevistas com os catadores não associados que trabalham nas ruas do Centro, constatamos que muitos se sentiam ressentidos com a prefeitura. Alguns reclamavam que os agentes da prefeitura já haviam tentado impedir que eles trabalhassem em alguns horários e locais do Centro.

Aproximadamente 4,9 mil toneladas são recicladas através do trabalho direto dos catadores, considerados agentes ecológicos / ambientais pela atual gestão municipal de Fortaleza (IMPARH, 2006). Gonçalves (2005, p. 72) faz uma brilhante ponderação sobre essa situação:

E para muitos, por esse feito, os catadores se tornam um importante agente ambiental. Não será espantoso que em algum momento acabem ganhando um prêmio da ONU pela preservação da natureza. Pena que o prêmio poderá não ser entregue, alguns não tem endereço fixo, nem família e às vezes não têm nem mesmo nome.

A coleta realizada na cidade pelos catadores de associações, cooperativas e pelos catadores de rua não associados está na base da cadeia produtiva da reciclagem. Existem diferentes tipos de catadores no Ceará; Os organizados nos dezesseis grupos / associações, vinculadas à Rede de Catadores da RMF. Existem também centenas de catadores, nos diversos bairros e municípios metropolitanos, que percorrem nossas ruas e que, no entanto, não estão organizados em nenhum tipo de estrutura associativa. Além desses, é particular a situação dos catadores dos

³⁸ A tendência de produção de lixo no século XX foi crescente, chegando a quantidades alarmantes. Por isso, é necessário repensar os modelos não sustentáveis de produção e consumo, para que se diminua a quantidade de lixo. Nessa trilha, o trabalho do catador estaria contribuindo com a preservação do ambiente, por se tratar de um trabalho voltado para a reciclagem de resíduos sólidos (ONU, 1992). Sabemos, entretanto, que a reciclagem é apenas uma forma de melhorar a qualidade ambiental. A alteração maior precisa ser dada no âmbito da produção, do consumo e na política de gestão dos resíduos sólidos urbanos.

lixões³⁹ presentes nos mais diversos municípios cearenses, como revelada no Mapa dos Resíduos Sólidos do Iplance de 2000. Em Fortaleza, só não existe o catador de lixão. Todos os demais foram identificados em nossa pesquisa.

A fim de melhor identificar os diferentes tipos de catadores, elaboramos o quadro a seguir:

QUADRO 01: Categorias de catadores de materiais recicláveis

CATADORES DOS LIXÕES / CASQUEADORES	Estes catam, além dos recicláveis, alimentos e objetos para o próprio consumo nas rampas dos lixões.
CATADORES VINCULADOS A GRUPOS / ASSOCIAÇÕES	Estes não catam nos lixões, mas nas ruas onde já são conhecidos pelos moradores ou comerciantes, e procuram somente os recicláveis, geralmente em locais previamente definidos. Algumas associações possuem caminhões para realização da coleta.
CATADORES DE RUA NÃO VINCULADOS A GRUPOS / ASSOCIAÇÕES	
Estes não catam nos lixões, e sim nas ruas; procuram principalmente os recicláveis e, em alguns casos, alimentos e objetos para próprio consumo. Essa categoria subdivide-se em:	
<p style="text-align: center;">CATADORES DE RUA QUE SÃO AUTÔNOMOS (PROPRIETÁRIOS DOS CARRINHOS / CARROÇAS)</p> <p>Estes são donos de seus carrinhos / carroças, não estão vinculados a donos de depósitos, têm mais liberdade para escolher para quem vender os recicláveis.</p>	<p style="text-align: center;">CATADORES DE RUA VINCULADOS AOS DEPOSEIROS (TRABALHAM COM CARRINHOS EMPRESTADOS OU ALUGADOS)</p> <p>Estes catam nas ruas, mas não são donos de seus carrinhos / carroças, estando subordinados aos donos dos carrinhos / carroças que, geralmente, são os donos de depósitos (deposeiros ou sucateiros). Não têm liberdade de escolha na hora de vender os materiais recicláveis conseguidos nas ruas. Alguns também alugam de outros catadores. Às vezes, um carrinho pode servir para dois ou mais catadores.</p>

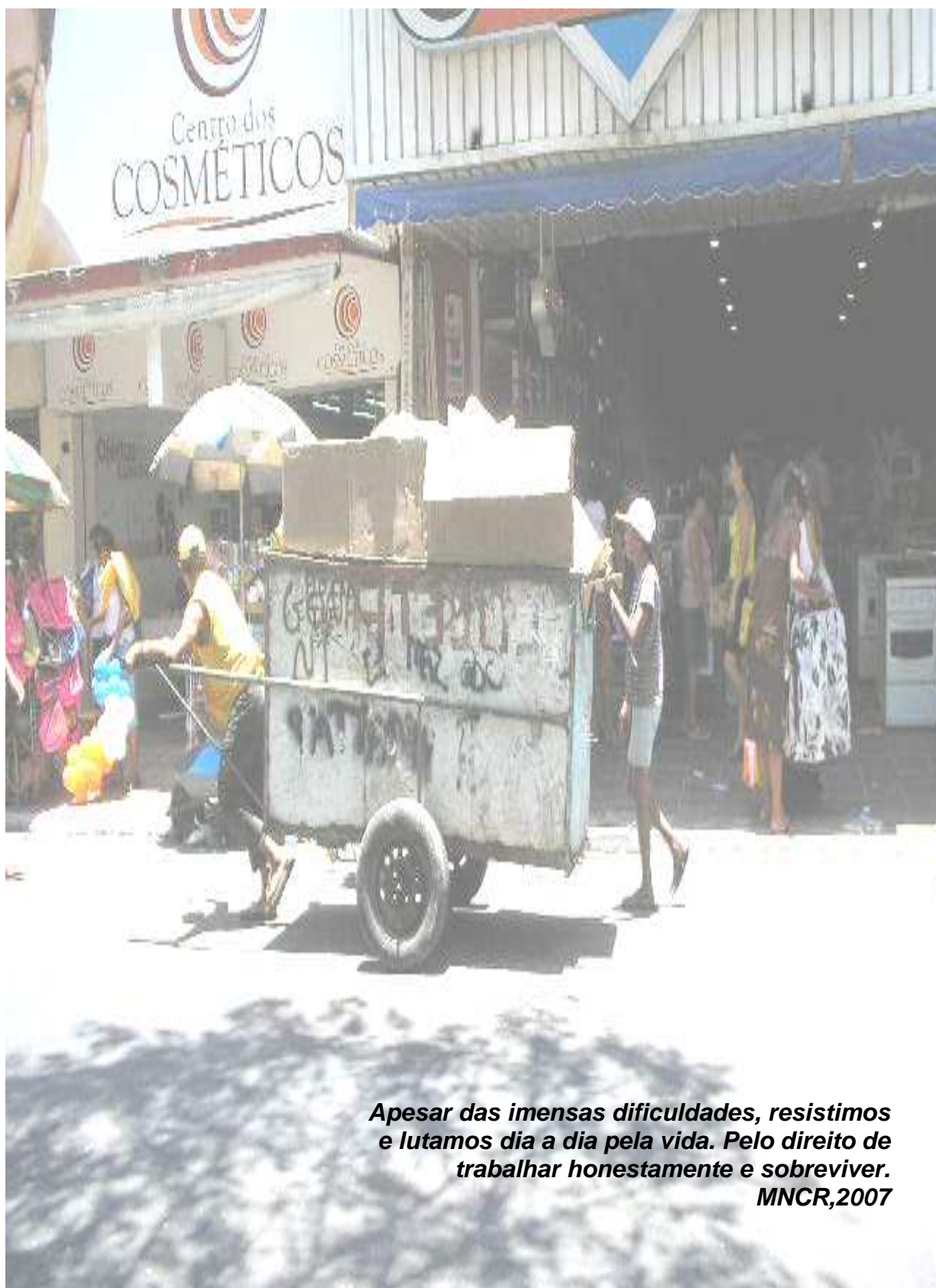
Fonte: Pesquisa Direta, 2006-2007.

As informações supracitadas nos fazem refletir sobre as formas e contradições que envolvem essa atividade que cresce cada vez mais na cidade de Fortaleza. Os catadores com carrinhos ou carroças constituem personagens marcantes na cena urbana fortalezense, por se deslocarem diuturnamente em

³⁹ Segundo o IPLANCE (2000), 70% dos municípios cearenses utilizam os lixões como modalidade de destino do lixo. Esta é a forma de disposição mais freqüente, porém, conforme mencionado anteriormente, é uma forma inadequada de disposição final dos resíduos.

longos percursos buscando sua sobrevivência e por disputarem espaço com carros, bicicletas, ônibus e transeuntes nas ruas e avenidas da cidade. Alguns catadores chegam a percorrer a pé entre 10 e 15 km todos os dias, puxando a carroça / carrinho com um peso que pode chegar até 200 kg. São homens, mulheres e crianças em situação de pobreza e vulnerabilidade.

Por fim, constatamos contradições e dissensos na relação entre catadores de lixo, autoridades locais e sociedade. Na posição oficial da prefeitura de Fortaleza, sob um pano de fundo do discurso ambientalista que chama a atenção para os malefícios da civilização urbana, eles passaram de “desordeiros”, vagabundos a “agentes ambientais”. É preciso, pois, termos cuidado com essa interpretação, posto que esse título atribuído ao trabalho destes sujeitos, considerados “agentes ecológicos”, pode escamotear e, até mesmo, negar o preconceito sofrido e as condições degradantes em que o mesmo é realizado, como vimos no nosso trabalho empírico e apresentaremos nos próximos capítulos.



*Apesar das imensas dificuldades, resistimos
e lutamos dia a dia pela vida. Pelo direito de
trabalhar honestamente e sobreviver.
MNCR,2007*

3 CATADORES DE RECICLÁVEIS: TRABALHADORES URBANOS PRECARIZADOS

3 CATADORES DE RECICLÁVEIS: TRABALHADORES URBANOS PRECARIZADOS

3.1 A centralidade do trabalho: a cata à vida

As transformações ocorridas no mundo do trabalho têm sido objeto de análise dos mais variados pesquisadores, dentre eles os geógrafos. Entretanto, assim como Beserra (2007), não pretendemos discutir a existência e as bases para efetivação científica de uma *geografia do trabalho*, queremos apenas refletir sobre as mutações do trabalho como tema fundamental para o entendimento da atividade e das territorialidades engendradas pelos catadores.

O vocábulo trabalho, originado do latim, em seu significado, nos remete à idéia de sofrimento, tortura, punição, dor, escravidão e castigo. Com o desenrolar da vida em sociedade, o trabalho ganhou outras conotações, ou seja, além de sofrimento e degradação, tornou-se também inspiração, expressão de vida e motivo de felicidade, passando a ser interpretado como ocasião de martírio, mas, igualmente, como momento de purificação e alívio. Essa dupla dimensão existente no trabalho; que degrada e cria; que pode escravizar, mas ao mesmo tempo libertar e emancipar; contribui para manter o trabalho como elemento fundamental para o entendimento da reprodução da vida e do capital. Através dele, se estabelece a dinâmica e o metabolismo entre homem e natureza (ANTUNES, 2005). Como ressalta Netto e Braz (2006, p. 29): “Na base da atividade econômica está o trabalho – é ele que torna possível a produção de qualquer bem, criando os valores que constituem a riqueza social”.

Ainda conforme Netto e Braz (*op. cit.*), o trabalho, além de categoria central para se compreender a atividade econômica, vincula-se diretamente ao modo de vida dos homens em sociedade. Contrapondo-se a autores que advogam o fim do trabalho. Destarte, compreendemos que o trabalho encontra-se no centro da vida, sendo um dos fios condutores de uma gama de relações que dinamizam e estão no cerne da sociedade contemporânea.

Desde o final do século XX, a centralidade do trabalho vem sendo colocada em discussão por algumas correntes de pensamento, em função da constatação do arrefecimento dos contingentes de trabalhadores alocados na produção de bens materiais e do elevado índice de desemprego na sociedade capitalista. Autores, em especial, de viés pós-moderno, colocam-se como arautos do fim da sociedade do trabalho (NETTO; BRAZ, 2006).

Antunes e Alves (2004) se contrapõem aos pensadores que defendem o fim da centralidade do trabalho, ressaltando que, de fato, o que temos a partir de meados do século XX é um processo de reestruturação produtiva, com nítidas e cruciais repercussões no mundo do trabalho, que o transformam, porém não o eliminam. No mundo do trabalho atual temos que:

A redução do contingente de trabalhadores explica-se pelo formidável desenvolvimento das forças produtivas contemporâneas, que exponenciaram a produtividade do trabalho [...] quanto ao extraordinário desemprego dos dias atuais, ele está diretamente ligado aos limites da sociedade burguesa, no interior da qual não há soluções que permitam inscrever todos homens e mulheres aptos nos circuitos do trabalho – sempre foi próprio da sociedade burguesa uma população excedente (NETTO; BRAZ, *op.cit.*, p. 50).

Com os avanços científicos e tecnológicos e com as mudanças nos padrões de organização da produção de mercadorias que ocorreram sob os ditames do capital, orquestrados por políticas neoliberais que preconizam a acumulação flexível do capital, observamos que essa população excedente mencionada pelos autores acima cresce em praticamente todos os países. É próprio do capitalismo, ao se desenvolver, gerar uma população que permanece nas sobras desse processo. Esses que sobram nas relações capitalistas de produção, desempenham um papel estratégico na reprodução do modo de produção capitalista que é justamente o de contribuir com a intensificação da exploração da classe trabalhadora, por meio das defasagens salariais. Parafraseando Singer (1998, p. 13), verificamos que “os desempregados, que outrora eram denominados de *exército industrial de reserva*, desempenham o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras: eles evitam que os salários subam [...] [eles possuem] um importante papel estabilizador”.

É relevante destacar que a realidade do mundo do trabalho, hoje, difere do período que se estendeu do final da Segunda Guerra mundial até os anos setenta do século XX. Naquele momento, precisamente nos países com maior nível de industrialização, a organização da produção capitalista e as relações de trabalho se baseavam no padrão Fordista / Taylorista, fundamentado em formas de organização rígidas. Predominavam, então, a produção e o consumo em massa, os empregos especializados e relativamente estáveis. Segundo Singer (1998), esse período, conhecido como “Anos Dourados”, caracterizou-se pelo intenso crescimento econômico, pelo quase pleno emprego, por salários elevados e pela grande produtividade, em que se preconizava a eliminação da porosidade no trabalho.



FIGURA 10: Cena do filme “Tempos Modernos” que retrata o modelo Fordista.
Fonte: Análise do filme “Tempos Modernos” do projeto Tela Crítica, da UNESP.

Conforme Netto e Braz (2006), os ‘Anos Dourados’ se caracterizaram como a manifestação de onda longa⁴⁰ de expansão econômica capitalista. Entretanto, após essa onda de crescimento econômico, instaurou-se uma onda recessiva, na qual ocorreram quedas nas taxas de lucros das empresas, redução do crescimento econômico e mudanças no cenário sóciopolítico. Desse modo, a partir da década de oitenta do século XX, essa forma de reprodução capitalista predominante sofreu uma retração, sendo substituída gradativamente por formas flexíveis de organização e produção, em que o capital busca se reestruturar e sair da crise gerada pela onda recessiva. Teixeira (2007, p. 37), analisando o capitalismo hoje, assinala que: “No lugar da produção padronizada, surge à produção flexível requerendo máquinas mais flexíveis e de finalidades genéricas, operadas por trabalhadores polivalentes e altamente qualificados”.

Conforme Carvalho e Guerra (2006), o capitalismo teve mecanismos de reprodução particulares até os anos 1970. Ele desenvolveu estratégias para manter trabalhadores em massa para exploração em massa. Desse modo, os países do centro, sob um Estado do *Welfare State* (Bem-estar social), viveram situações de quase pleno emprego. Nos países da periferia, por sua vez, a questão do desemprego sempre foi algo preocupante. Todavia, no atual momento de desenvolvimento do capital, o mesmo adquire característica estrutural. O desemprego estrutural é justamente aquele em que as vagas de emprego são

⁴⁰ O ciclo do capitalismo que se realiza por meio de ondas de crescimento e recessão foi estudado por Ernest Mandel, em seu livro *O Capitalismo Tardio*, publicado em 1982.

substituídas por máquinas ou processos produtivos mais modernos. Ele atinge tanto o setor industrial como os setores de prestação de serviços e a agropecuária (OLIVEIRA, 2007). De acordo com Teixeira (2007, p. 59), vivemos uma época em que “o capital fez da superfluidade do trabalho a razão da acumulação, [ele tenta] superar as imperfeições do homem como instrumento de produção, substituindo-o por máquinas inteligentes”, realidade que torna o desemprego componente próprio da estrutura do capitalismo.

A reestruturação do capital, ocorrida a partir do final do século XX, com vistas a soerguer os ganhos dos capitalistas, metamorfoseou o mundo do trabalho em vários países. Conforme o geógrafo Gonçalves (2005, p. 70):

as implicações para o mundo do trabalho na atual reestruturação produtiva capitalista são diversas, atingindo direta ou indiretamente não só a força de trabalho empregada no processo produtivo fabril, mas a classe trabalhadora de maneira geral, em todas as escalas.

De acordo com Antunes (2005), mais de um bilhão de homens e mulheres que estão disponíveis para o trabalho, tanto nos países do Norte, onde, hoje, só restam resquícios do *Welfare State*, como nos países do Sul, sofrem com as agruras do desemprego estrutural, com a busca quase sem êxito de um emprego e, por vezes, são obrigados a aceitar trabalhos parciais, temporários e precários.

No Brasil, a partir da década de 1990, a reestruturação do capital ganha força através da implantação de “vários receituários oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês,[...] com a implantação de processos de qualidade total, de subcontratações e de terceirização da força de trabalho” (ANTUNES, 2006, p. 18). Conforme Netto e Braz (2006, p. 214), na entrada do século XXI, vivenciamos a ofensiva do capital articulada “sobre um tripé: reestruturação produtiva, financeirização e ideologia neoliberal”.

Neste sentido, compartilhamos do que dizem os geógrafos Gonçalves e Thomaz Junior (2002b, s.n.):

É nesta combinação entre reestruturação produtiva e neoliberalismo, que se desenha o novo contexto social em que os trabalhadores de todo o mundo são mais uma vez aviltados, ora por serem destituídos de seus direitos trabalhistas, levados a cabo por políticas governamentais que deixam de lhe conferir a devida proteção, [...] [eles acabam] por serem obrigados, pela exclusão do mercado formal de trabalho, a sobreviverem do trabalho em condições precárias muitas vezes marcadas pela informalidade.

Segundo Tavares (2004), as relações de trabalho informais, os empregos sem direitos trabalhistas, sem estabilidade, sem amparos jurídicos vêm se

expandindo em função do avanço das restrições no chamado setor formal. O desemprego estrutural amplia-se e uma massa enorme de indivíduos passa a desenvolver trabalhos precários entrando na informalidade, trabalhando mais, entretanto sem nenhuma estabilidade. Neste contexto, convém ressaltar que há uma diferença entre *setor informal* e *informalidade*.

Conforme Dedecca (2007), a noção de setor informal foi formulada no início dos anos 1960 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esse setor é amplo e engloba os trabalhadores autônomos, como camelôs, vendedores ambulantes, prestadores de serviços, empregados domésticos, artesãos e outros. Inclui, ainda, os pequenos negócios registrados ou não, individuais, familiares ou com até cinco empregados, caracterizados por produção em baixa escala e baixo nível de organização. Além desses, fazem parte desse grupo profissionais qualificados, como consultores de empresas, que trabalham sem vínculos empregatícios.

Já a “informalidade está relacionada ao não cumprimento das normas de proteção aos trabalhadores (basicamente, ausência de contribuição para a previdência social e outros fundos que beneficiam a força de trabalho)” (DEDECCA, *op.cit.*, p. 20). Segundo Netto e Braz (2006), a informalidade expandiu-se principalmente nos países periféricos, mas também chegou aos países centrais. Para estes autores, a informalidade “nada mais é que a existência de um enorme contingente de trabalhadores sem quaisquer relações contratuais e, pois, sem quaisquer direitos” (NETTO; BRAZ, *op. cit.*, p. 219).

No mundo do trabalho contemporâneo, existem limites tênues entre a formalidade e informalidade. Com efeito, entendemos que há uma parcela da população que trabalha no *setor informal*, mas que possui carteira assinada, como alguns empregados domésticos, ou seja, eles estão no *setor informal*, mas com relações *formalizadas*, pois recolhem os encargos sociais, enquanto certos profissionais que estão no *setor formal* em empresas regularizadas e com maior escala de produção, trabalham *sem vínculos empregatícios*, e sem recolher os encargos sociais. Esta parcela de trabalhadores atua no mercado de *trabalho formal*, mas está imersa na *informalidade*⁴¹.

⁴¹ Francisco de Oliveira (2007) chama o trabalho informal de trabalho sem-formas. Segundo ele, os dados dos IBGE indicam que o trabalho sem-formas inclui mais de 50% da força de trabalho no

Neste sentido, entendemos que a catação de recicláveis é uma atividade que se situa no setor informal, pois a grande maioria dos depósitos atua na ilegalidade, não tem regularização fiscal, apenas funcionam em Fortaleza com autorização da Vigilância Sanitária. São pequenos negócios, de baixa produtividade, se comparados a outros setores da economia. Os catadores, por vezes, são autônomos (quando são proprietários dos seus carrinhos), e quando não possuem carroças, não têm vínculos empregatícios com os deposeiros, e sim um vínculo feito por um simples acordo para o empréstimo do carro, em troca dos materiais coletados nas ruas. Em síntese, eles não têm contratos de trabalho, não tem direitos trabalhistas, não pagam encargos sociais, ou seja, os deposeiros não lhes garantem fundos para contribuir com a previdência social. Tal constatação os coloca dentro do quadro dos trabalhadores que atuam na informalidade e em condições de trabalho precárias.

Entendemos que o termo precário significa: difícil, minguido, pouco, insuficiente, incerto, vário, contingente, inconsistente, pouco durável, insustentável, débil (FERREIRA, 1988, p. 523). Desse modo, nesta pesquisa, consideramos como *trabalho precário* àquele que engloba tanto os empregos e / ou atividades com relações de trabalho insuficientes, débeis, frágeis e baixos salários, mas, ao mesmo tempo, e principalmente, as atividades degradantes, que oferecem riscos aos seus executores, a exemplo da catação nas ruas.

Neste contexto, a precarização das relações de trabalho no Brasil, que tem nos baixos salários e na informalidade as suas características mais marcantes, se faz cada vez mais presente na atualidade da relação conflituosa que envolve o embate capital x trabalho, explicitando-se social e territorialmente em várias cidades brasileiras em diversas atividades (GONÇALVES, 2005, p. 70).

De acordo com Vasapollo (2005, p. 12), “a globalização neoliberal e a internacionalização dos processos produtivos estão acompanhadas da realidade de centenas e centenas de milhões de trabalhadores desempregados e precarizados no mundo inteiro”. Aqui, como afirmam Netto e Braz (2006, p. 218), reside um dos aspectos mais expressivos do capitalismo atual, a saber: “a retórica do pleno emprego dos anos dourados foi substituída no discurso dos defensores do capital, pela defesa de formas precárias de emprego (sem quaisquer garantias sociais) e do emprego em tempo parcial”.

No discurso capitalista, as formas de trabalho desregulamentadas e sem garantias trariam novas oportunidades de emprego, ou seja, o mercado de trabalho seria expandido. Contudo, verificamos que se realiza o oposto desse discurso. No cenário atual, com o progresso tecnológico, os capitalistas investem no trabalho objetivado, considerando seu potencial de intensificação da produtividade, reduzindo a participação do trabalho vivo. Para o capital, quanto menor a presença do trabalho vivo, menor se faz o custo da produção. Conforme Carvalho e Guerra (2006, p. 10), “Marx, nos Grundrisse II, delimita um elemento definidor da lógica da produção do valor ao afirmar: “se o capital puder produzir apenas com água e vento o fará”.

Vale ressaltar que, de acordo com Antunes (2007), a precarização do trabalho é uma das feições da nova morfologia do trabalho ou nova polissemia do trabalho. Para este estudioso, no momento em que vivemos, a precarização torna-se estrutural:

[...] a precarização do trabalho que estamos vivendo não é circunstancial, mas sim estrutural, assim como o desemprego que também não é circunstancial, é estrutural [...] o capitalismo tem uma lógica destrutiva, ele cresce destruído, destrói o ambiente, destrói a natureza, destrói a força humana de trabalho [...] o sistema precisa destruir para poder se alavancar (ANTUNES, 2006, p. 18).

Nessa perspectiva, percebemos que, nos últimos 25/30 anos, o capital vem expulsando trabalhadores, mão-de-obra do quadro do trabalho formal e substituindo-os por trabalho objetivado ou trabalho morto, empurrando grandes contingentes para exercer trabalhos precários (CARVALHO; GUERRA, *op.cit.*).

Convém ressaltar que, segundo Antunes (2005, p. 14), “o capital incrementa ao máximo o trabalho morto corporificado no maquinário tecnocientífico”, porém não o suficiente para eliminar inteiramente o trabalho vivo, mas reduzindo-o substancialmente, visando à redução dos custos sociais e o aumento dos lucros.

Vassapolo (2005), por sua vez, salienta que a precariedade atinge um cenário cada vez mais amplo, tornando-se um processo quase generalizado. Nos últimos anos, segundo este autor, vem sendo evidenciada a figura do trabalhador precarizado que se converte em componente consistente do mundo do trabalho. Assim, “hoje, é difícil prever a superação ou a substituição desse tipo de trabalho instável” (VASSAPOLO, *op.cit.*, p. 15-16).

Podemos dizer que os trabalhadores informais que percorrem as ruas das nossas cidades para ganhar o sustento diário compõem significativamente o quadro

dos trabalhadores precarizados. Gonçalves e Thomaz Junior (2002) destacam que os trabalhadores terceirizados e alguns autônomos, como os ambulantes, os trabalhadores nos lixões e os catadores de recicláveis nos centros urbanos brasileiros, todos trabalham inúmeras horas, em péssimas condições de salubridade e encontram-se nos limites da precarização.

Dessa forma, compreendemos que a catação de resíduos sólidos recicláveis nas ruas das cidades se consubstancia como uma forma de trabalho precário, que envolve indivíduos de baixa renda, sem nenhuma garantia, segurança ou estabilidade e que requer um esforço físico considerável para conseguir alcançar esses resíduos sólidos, que se tornaram mercadoria e são disputados nas ruas das grandes cidades.

Convém ressaltar, ainda, que ser catador de material reciclável tem status de ocupação, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)⁴², divulgada pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2002. Envolve a catação, a seleção e a venda de materiais recicláveis, como: papel, plásticos, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. Em nossas pesquisas de campo, identificamos três grandes categorias de catadores (Cf. Quadro 01).

Esses sujeitos figuram, assim, como uma categoria que bem expressa uma das facetas da nova morfologia do trabalho (ANTUNES, 2005), categoria que compreende o universo heterogêneo daqueles que buscam nos restos, no lixo, nos dejetos da sociedade do capital, fonte de sobrevivência. Por certo, o trabalho ainda permanece no cerne da vida, como a forma principal de acesso aos meios de sobrevivência, como dimensão não apenas econômica, mas simbólica, como espaço de construção de indivíduos sociais, de formas de sociabilidade. Mas, a que preço estes seres humanos seguram-se na teia fina para não cair no limbo do não-trabalho? Sofrendo de sol a sol, correndo riscos, humilhação, preconceitos e sendo insuficientemente remunerados.

Percebemos que a exasperação das atuais condições socioeconômicas no Brasil exerce um efeito negativo no mercado de trabalho e, por conseguinte, nas condições de vida da classe trabalhadora, deixando poucas saídas para a crescente massa dos trabalhadores, em particular, para aqueles com níveis mais baixos de

⁴² A CBO é o documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro (Cf. subitem 2.4 deste capítulo).

instrução e formação. Estes acabam por buscar atividades por conta própria, de caráter informal. Situados nesta posição no mundo do trabalho, estes sujeitos ficam impossibilitados de desfrutar de direitos trabalhistas, como seguro-desemprego, aposentadoria, férias remuneradas e outros tipos de auxílios, que são resguardados aos trabalhadores legalizados e que colaboram com o pagamento de tributos (GONÇALVES; THOMAZ JUNIOR, 2002b).

O trabalho de catar objetos recicláveis nas ruas requer um deslocamento diuturno por longos percursos puxando uma carroça / carrinho com um peso considerável, em busca de meios de vida. Os catadores se encontram “no fio da navalha do capital”, inseridos de maneira precária e desumana no mundo do trabalho, na disputa pela sobrevivência nas ruas, sendo esta a única forma para muitos de conseguir garantir as necessidades básicas. A fala da catadora Rosa (37 anos),⁴³ que trabalha todos os dias nas ruas da Aldeota (bairro nobre de Fortaleza) e no Centro comercial da cidade, ilustra bem esta situação:

Eu fiquei sem trabalhar né, e eu não posso ficar sem trabalhar, com sete filhos para mim dá de comer né, e tenho que dá de comer para eles e comprar as coisas para eles e ai não posso ficar sem trabalhar [...]. Saio de manhã e volto umas 4 horas e às vezes quando a gente tá muito longe, a gente chega mais tarde, umas 8 horas. Não tem hora marcada. [...] Às vezes é muito ruim, porque a gente anda muito e só consegue pouca coisa, mas pelo menos ou pouco ou muito eu tenho para dá meus filhos todo dia.



FIGURA 11: Rosa e sua filha trabalhando no Centro
Fonte: Rocha, julho de 2007.

⁴³ Entrevista realizada em Julho de 2007, no período noturno, no entorno do Centro Popular dos Pequenos Negócios, conhecido por “Beco da Poeira”, no Centro de Fortaleza.

De acordo com Magera (2003 *apud* Pereira, 2005), a catação de materiais recicláveis constitui um tipo de trabalho precarizado, por ser uma atividade que atende aos desejos do capital ao possibilitar lucros para a indústria da reciclagem, enquanto os catadores exercem sua atividade, em geral, de maneira subumana. São homens, mulheres e crianças em situação de pobreza e vulnerabilidade habitando o sistema capitalista de forma perversa e precária: “[...] os processos de inclusão precária [...] são formas pobres, insuficientes e às vezes, até indecentes de inclusão” (HAESBAERT, 2004a, p. 317). Desse modo:

Nessas formas precárias de inclusão no chamado mundo da informalidade, os limites entre o lícito e o não-lícito são absolutamente fluidos. [...] nas múltiplas formas de inclusões precárias, o capital seduz para sua teia via consumo. É o consumo metamorfoseado no único meio de “estar no mundo” para um amplo contingente que vive nas franjas da sociabilidade do capital (CARVALHO; GUERRA, 2006, p.11)

Um dado não pode ser esquecido: no mundo da catação, as formas ilícitas de conseguir os recicláveis também ocorrem. Em nossas pesquisas de campo, os próprios catadores por nós entrevistados mencionaram que existem o “bom catador” e o “falso catador” ou “mau catador”. Este último, na verdade, utiliza a carroça para carregar produtos oriundos de furtos ou roubos⁴⁴.

Neste contexto, podemos dizer que assistimos no mundo do trabalho da catação uma verdadeira reedição de práticas e atividades comuns nos primórdios do processo de industrialização. “Garantias de trabalho são reduzidas ou mesmos eliminadas, formas de exploração do trabalho (infantil, feminino, de imigrantes) que pareciam relíquias da história são reatualizadas” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 244). Esta pode ser considerada uma faceta a mais nas contradições típicas do modo capitalista de produção. Verificamos essas relíquias da história na atividade laboral dos catadores: o trabalho infantil, uso exaustivo da força física, longas horas de trabalho, exposição a toda sorte de riscos e total desproteção referente aos direitos sociais básicos, características do mundo do trabalho da época da primeira Revolução Industrial, do século XVIII.

⁴⁴ Em nossa pesquisa de campo, verificamos que alguns catadores e deposeiros e / ou sucateiros estão ou já estiveram envolvidos com furtos, principalmente de fios de cobre existentes na fiação telefônica e da iluminação pública de Fortaleza. O cobre é um material de alto preço no mercado da reciclagem e alguns deposeiros recebem esses materiais sem se preocuparem com a origem dos mesmos. Durante nossa visita há um depósito situado no bairro do Barroso, o proprietário do referido depósito nos revelou que já havia sido preso, por ter sido pego em flagrante comprando fios de cobre vendidos por catadores.

3.2 Catadores de associações e catadores de rua: quais as diferenças?

Comungamos com a afirmativa de Telles (2006) para quem há ainda muito a se desvendar sobre as configurações societárias que vêm sendo tecidas nas transformações ocorridas no universo do trabalho. Segundo essa autora, vivenciamos uma sociedade que evidencia, de um lado, “os artefatos da ‘*cidade global*’ sob o foco dos debates entre urbanistas e pesquisadores da economia urbana e, de outro, os ‘pobres’ e ‘excluídos’ tipificados como público-alvo das políticas ditas de inserção social” (TELLES, *op.cit.*, p. 173).

Nesse emaranhado social, há muito a se compreender. É nessa linha que estamos discutindo o trabalho dos catadores de resíduos sólidos recicláveis. Em nossa pesquisa, constatamos que esse é um trabalho realizado sem quaisquer tipos de assistência ou de seguro social e, mais ainda, em situação permanente de risco para a saúde, dada a natureza do trabalho, ou seja, dada a exposição a objetos contaminados, cortantes, a produtos tóxicos, além da possibilidade constante de acidentes durante o ato de coletar os materiais e puxar a carroça em meio às ruas e avenidas movimentadas da cidade.

Esse trabalho que lhes proporciona a sobrevivência, contraditoriamente, os extenua ao restringir suas possibilidades de vida, considerando que essa atividade ocupa-lhe praticamente todas as horas e os dias da semana, restando pouco ou nada para os momentos essenciais de descanso, lazer e vida familiar. A vida é, assim, limitada, restringindo-se ao espaço do trabalho, isto é, ao espaço do disputado e concorrido mercado dos recicláveis, ou seja, aos espaços da coleta, dos depósitos de reciclagem, das sucatas, bem como aos espaços para o descanso, que ocorre nos mais variados logradouros públicos da cidade.

Em nossas incursões em campo, que envolveram: aproximação com entidades que trabalham com esse grupo social; visitas às associações de catadores; observações do movimento, comportamento e trabalho deles no Centro comercial de Fortaleza; bem como entrevistas em alguns pontos do Centro; percebemos que há uma diversidade de formas e de relações que se estabelecem através desta atividade.

Conforme estimativas da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em pesquisa divulgada em 2006, a catação de recicláveis nas ruas envolve entre seis e oito mil pessoas. Já para os representantes do FEL&C, a atividade compreende cerca de quatro a cinco mil indivíduos. Esses números não são estáveis e oscilam de acordo

com os períodos do ano e com a variação do mercado da reciclagem. Em épocas de datas comemorativas, como as festas de fim de ano, é possível visualizar um maior número de indivíduos que passam a trabalhar como catadores, principalmente, nas proximidades dos centros comerciais da cidade. Em períodos chuvosos, isto é, principalmente nos meses do primeiro semestre do ano, a quantidade de catadores em Fortaleza cai, uma vez que nessa época os materiais recicláveis como papel e papelão perdem valor comercial. Por isso, para os catadores, não compensa recolher papel e papelão nesse período. Muitos têm que procurar outras formas complementares de sobrevivência, por vezes oscilando entre o lícito e o ilícito.

Atualmente, existem dezesseis grupos de catadores na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), que são acompanhados pela Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza⁴⁵, desde 2001. São quinze em Fortaleza e uma em Pajuçara, no município de Maracanaú. Juntos, esses grupos congregam cerca de 270 catadores, que executam sua atividade de maneira minimamente organizada. Dentre esses, somente seis associações possuíam CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas) durante o período de nossa pesquisa. Trata-se de instituições que caminham para a existência formal e com o apoio da Cáritas e do Fórum, tentam trabalhar dentro os princípios de uma Economia Solidária. Cabe ressaltar, que segundo o professor Aécio Alves de Oliveira (2006), a Economia Solidária⁴⁶ é um novo modelo de produção e de vida e as características das organizações e empreendimentos solidários são: autogestão, democracia direta, participação efetiva, ações de cunho educativo, cooperação solidária e distribuição igualitária. O Ceará é um dos estados brasileiros que se destaca em números de empreendimentos solidários.

Em termos de infra-estrutura, nível de organização e número de participantes, essas associações são bem distintas e suas áreas de coleta dos resíduos também divergem. A única área de onde praticamente todas as associações recebem doações é o Centro comercial, tradicional e histórico da cidade, em função da maior

⁴⁵ A Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza, fundada em 15 de outubro de 1967, é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que integra a rede Cáritas Brasileira, com sede em Brasília. Tem o objetivo de promover e animar o serviço de solidariedade ecumênica libertadora, participar da defesa da vida, da organização popular e da construção de um projeto de sociedade a partir dos excluídos e excluídas, contribuindo para a conquista da cidadania plena para todas as pessoas a caminho do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/pastorais.asp>>. Acesso em: 14 abr. 2007.

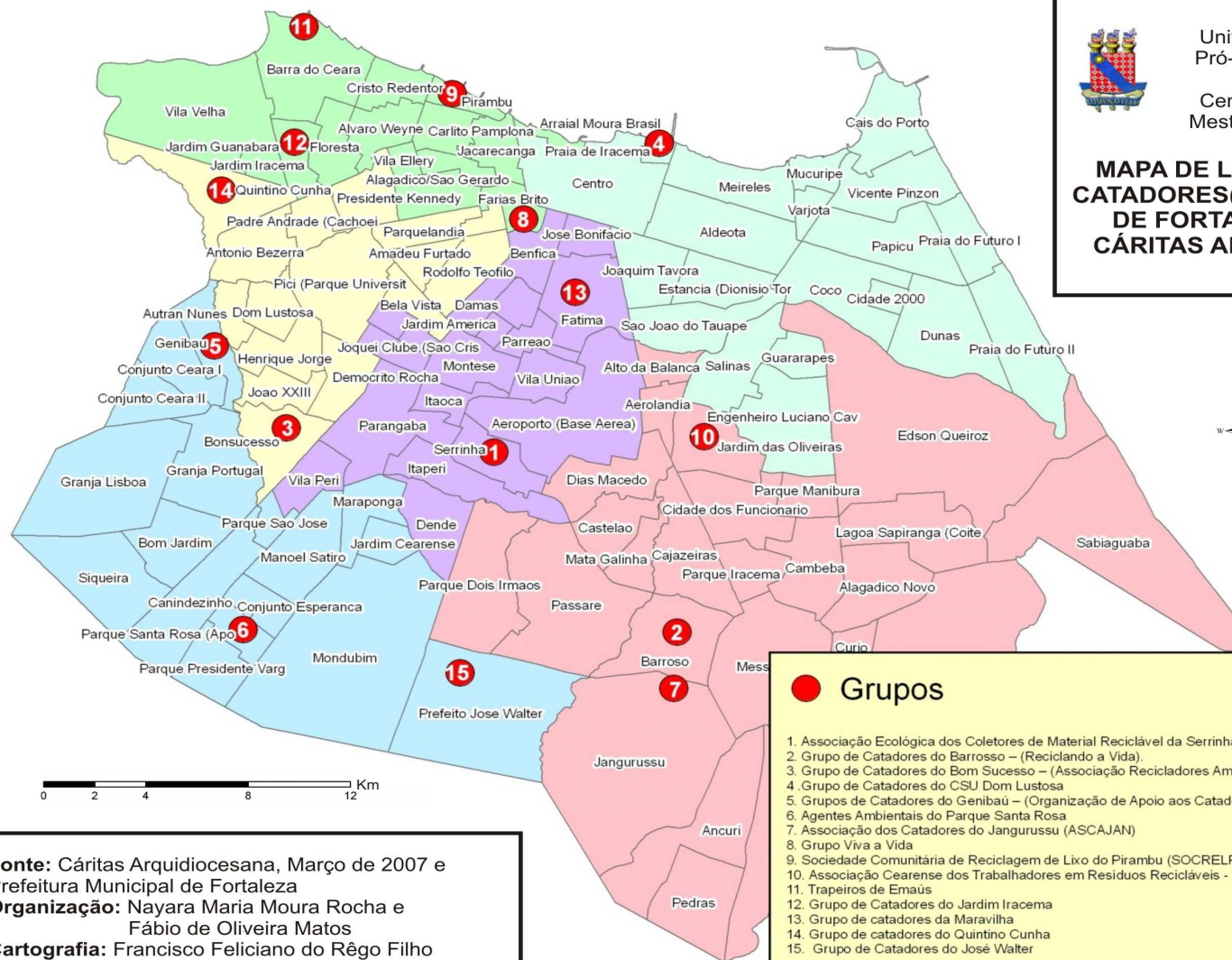
⁴⁶ Para maiores informações sobre Economia Solidária ver o site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária: <http://www.fbes.org.br/>

quantidade de materiais recicláveis depositados diariamente nesta porção da cidade, decorrentes de uma maior concentração de estabelecimentos comerciais, que geram grande quantidade de resíduos passíveis de serem reciclados.

Em todas as regiões administrativas, isto é, nos territórios que compõem o município de Fortaleza e onde atuam as Secretarias Executivas Regionais (SER) do município, existe pelo menos um grupo de catadores que é assessorado pela Cáritas e que, por conseguinte, é membro do FEL&C e da Rede de Catadores (as) da RMF, (Cf. itens 2.4 e 2.5 deste capítulo).

Os integrantes do Fórum afirmam existir outras associações de catadores na área metropolitana, além das dezesseis. Todavia, não encontramos pesquisa ou documento disponível que catalogue estes outros grupos. Ademais, considerando a dinamicidade destes trabalhadores em seu processo ainda incipiente de organização, esta catalogação se torna muito difícil, ou mesmo impossível, pois diariamente dezenas de novos catadores chegam às ruas iniciando a atividade, enquanto outros tantos se deslocam ou a abandonam, definitiva ou temporariamente, por diferentes motivos em busca de outras formas de sobrevivência.

Os catadores pertencentes aos grupos / associações possuem suas respectivas áreas de atuação, com inscrições territoriais dentro da cidade de Fortaleza, sendo estas espaços prioritários para a realização da coleta diária. Em um esforço de sistematização de dados, organizamos informações das associações amparadas pela Cáritas e elaboramos um mapa de localização por bairro de cada associação (Cf. Mapa 03), a fim de termos uma noção de onde estão e atuam os grupos de catadores minimamente organizados em Fortaleza. Todavia, como anteriormente citado, não desconhecemos a existência de outras associações em municípios vizinhos. O caso mais conhecido é aquele de Maracanaú, município de maior PIB no Estado, excetuando Fortaleza, e onde se localiza o distrito industrial.




 Universidade Estadual do Ceará
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 Centro de Ciências e Tecnologia
 Mestrado Acadêmico de Geografia



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS GRUPOS DE CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE FORTALEZA ACOMPANHADOS PELA CÂRITAS ARQUIDIOCESANA - MARÇO/2007

Secretarias SER

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI

● Grupos

1. Associação Ecológica dos Coletores de Material Reciclável da Serrinha e Adjacências - (ACORES).
2. Grupo de Catadores do Barroso - (Reciclando a Vida).
3. Grupo de Catadores do Bom Sucesso - (Associação Recicladores Amigos da Natureza - ARAN).
4. Grupo de Catadores do CSU Dom Lustosa
5. Grupos de Catadores do Genibaú - (Organização de Apoio aos Catadores (as) de Material Reciclável - Raio do Sol).
6. Agentes Ambientais do Parque Santa Rosa
7. Associação dos Catadores do Jangurussu (ASCAJAN)
8. Grupo Viva a Vida
9. Sociedade Comunitária de Reciclagem de Lixo do Pirambu (SOCRELP)
10. Associação Cearense dos Trabalhadores em Resíduos Recicláveis - (Reciclando).
11. Trapeiros de Emaús
12. Grupo de Catadores do Jardim Iracema
13. Grupo de catadores da Maravilha
14. Grupo de catadores do Quintino Cunha
15. Grupo de Catadores do José Walter

Fonte: Cáritas Arquidiocesana, Março de 2007 e Prefeitura Municipal de Fortaleza
Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Fábio de Oliveira Matos
Cartografia: Francisco Feliciano do Rêgo Filho

MAPA 03: Mapa de Localização dos Grupos de Catadores de Materiais Recicláveis de Fortaleza acompanhados pela Cáritas Arquidiocesana – Março de 2007.

No tocante aos catadores de rua, não pertencentes a grupos organizados, o Diagnóstico da prefeitura, realizado pelo IMPARH, em 2005, e divulgado em 2006, revela seus modos de vida. Segundo o IMPARH (2006, p. 15):

A atividade de catação tem muitas nuances, hora é fluida, fazendo do catador um autônomo [em sentido geral, quando ele é totalmente independente], hora é fixa, quando ele necessita cumprir metas estabelecidas pelo dono do depósito. Por isso, às vezes, o “catador está catador”, não encarando, em muitos momentos, essa atividade como um trabalho fixo. A ausência de controle enquanto trabalha faz dele um sujeito aparentemente livre, não cumpre regras estabelecidas, pode infringir normas de conduta civil, pode parar quando estiver cansado, pode beber ou usar drogas para aliviar suas dores. Se desejar, pode trabalhar acompanhado pelos seus parceiros sexuais ou familiares. Não tem idade certa para iniciar [ou largar] a atividade de catador, o que se pode ouvir da grande maioria é que eles começaram quando eram crianças.

Como a própria prefeitura aponta, essa atividade é suficientemente fluida e diversa. Em nosso trabalho de campo, tivemos a oportunidade de conhecer e entrevistar catadores de rua e, diferente do que foi revelado pela prefeitura, nossos entrevistados, em sua maioria, se consideravam trabalhadores da reciclagem. Dessa maneira, não “estavam catadores”, e sim “eram catadores” há alguns anos, tendo essa atividade como principal fonte de renda. Alguns demonstravam apreço pela atividade e não queriam deixar a ocupação. Isso explicita o quão diverso é esse universo. Através das palavras de Antúrio (30 anos),⁴⁷ mergulhamos um pouco nesse mundo. Antúrio é um trabalhador que vive da reciclagem e mesmo com todas as adversidades diz que gosta do que faz:

Pra mim, faltou emprego e como agente tem de correr atrás e não pode ficar parado, eu vim para cá [centro, trabalhar como catador]. Gosto do que faço [...] Trabalhar aqui é bom e não vejo nada de ruim [...] Nunca percebi se alguém tem preconceito comigo e se alguém me discriminasse eu nem ligava.

Nas palavras de Antúrio, percebemos uma tentativa de afirmação e valorização da sua atividade. Ele tem 30 anos, e antes, de ser catador, havia sido zelador. Trabalha na catação há cinco anos e se auto-intitula trabalhador da reciclagem. Ele é o que podemos chamar de catador independente (autônomo), isto é, dono de seu carrinho. Ele é alfabetizado, estudou até a terceira série do Ensino

⁴⁷ Essa entrevista foi realizada no Centro, em Julho de 2007, no período noturno. Nosso entrevistado estava arrumando o material coletado na Praça José de Alencar, na frente da loja Insinuante.

Fundamental. É casado, tem três filhos e reside no bairro Barra do Ceará, zona oeste de Fortaleza.

Para iniciar a atividade o catador de rua procura um depósito e faz um cadastro onde ele possa comprovar sua identificação e seu local de residência. Quando o catador é morador de rua, sua entrada no ofício depende de relações de amizade e confiança com os deposeiros. Quem não tem carroça fica obrigado a trabalhar para o deposeiro que cede a carroça, mesmo que este não pague o melhor preço pelos recicláveis coletados. Dependendo do tamanho e do material de uma carroça ela pode chegar a custar até 250 reais. Se por acaso o catador quebrar, perder ou for roubado é descontado dele o valor da carroça durante as coletas diárias.

A catadora Margarida (34 anos) da Associação Viva a Vida, por nós entrevistada em Março de 2007, também se dizia satisfeita por ser catadora: “Gosto do que faço, não tenho vergonha e nós no Fórum estamos lutando para que nosso trabalho seja cada vez mais valorizado e para conseguirmos nossos direitos como trabalhadores da reciclagem”.

Nesses depoimentos vemos que, malgrado as dificuldades que permeiam tal ocupação, alguns se dizem “felizes” por estarem nela. Essa constatação nos revela como esses trabalhadores, por vezes, acabam se sujeitando e se conformando com as condições degradantes do trabalho que exercem. Essas condições findam por ser encaradas com naturalidade e a catação como oportunidade de trabalho, mesmo que sendo exercida de maneira precária.

Em Abril de 2007, em umas das visitas à Associação Viva a Vida, tivemos a oportunidade de acompanhar um dia inteiro de trabalho das catadoras desta Associação, localizada na Avenida Domingos Olímpio s/n, nas dependências da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, no bairro Farias Brito. Saímos pelas ruas, fiquei exausta, entretanto satisfeita, pois pude conhecer de perto um pouco do mundo, da vida e da atividade de catadores que pertencem a associações. Senti o quão árduo e quão desvalorizado e desgastante é esse trabalho, que requer muita coragem e força, tanto para encarar o preconceito e as formas explícitas ou veladas de discriminação, quanto para se dispor a andar por várias ruas carregando a carroça, o que demanda muito esforço físico. Todavia, ao conhecer o trabalho dessas catadoras, pude entender que existem significativas diferenças entre catadores de associação e catadores de rua. As diferenças são perceptíveis desde o

nível de organização até a aparência dos trabalhadores, dos carrinhos e dos objetos coletados. Outras diferenças estão na necessidade de se deslocar mais ou menos, na regularidade dos materiais coletados, nos pontos de coletas e na relação com a sociedade. Os catadores organizados tentam padronizar os carrinhos ou até mesmo usar fardas que os identifiquem, a fim de serem mais facilmente reconhecidos pela população. Também existem associações que possuem caminhões que coletam os materiais. Já os catadores de rua não possuem padronização; por vezes trabalham sem camisa, descalços e levam em seus carrinhos os mais curiosos adereços, tais como: bandeiras, faixas, cones, camas velhas, colchões, que chamam a atenção dos populares e que os distinguem facilmente na paisagem. Segundo o catador Lírio (32 anos), os motoristas reclamam porque a carroça atrapalha o trânsito, mas como ele mesmo afirma: “nós vamos catando tudo que pode ter algum valor para a gente e por isso o carro fica parecendo uma montanha”.



FIGURA 12: Catador de rua e sua carroça com a bandeira do Brasil
Fonte: Rocha, agosto de 2007.



FIGURA 13: Catador de rua e sua carroça com faixa promocional
Fonte: Rocha, junho de 2007.

Nesse sentido, podemos afirmar que os catadores das associações, em especial as catadoras da associação Viva a Vida, já alcançaram um patamar mais elevado de organização e conscientização acerca do seu ofício na sociedade. As catadoras dessa associação realizam uma coleta em pontos previamente determinados, possuem o controle do que ganham e dos gastos da associação e já adquiriram a confiança dos moradores dos bairros onde trabalham, além de trabalharem com fardas e com os carrinhos devidamente identificados; enquanto os catadores de ruas estão expostos à própria sorte, principalmente aqueles que não têm seus próprios carrinhos e acabam trabalhando com aqueles pertencentes aos donos dos depósitos ou a outros catadores. Eles estabelecem vínculos e acordos informais com os deposeiros. Os catadores de rua e de associações estão na base da cadeia produtiva da reciclagem em Fortaleza. Os catadores de rua, em especial, recebem pouca atenção dos gestores municipais, além de sofrerem preconceitos por parte da população, como veremos adiante no terceiro capítulo.

Vale mencionar que, em 2007, foi instituída pela primeira vez em Fortaleza uma política pública para moradores de rua, que está sendo executada pela Secretaria de Ação Social do Município. Uma das assistentes sociais da referida Secretaria nos informou que os catadores que trabalham e moram nas ruas estão sendo acompanhados, pois eles são apontados como um dos principais grupos que moram nas ruas. Entretanto, constatamos que as ações de tal Secretaria ainda encontram-se em estado inicial e não conseguem abarcar demandas de um número considerável de catadores.



FIGURA 14: Grupo de Catadoras da Associação Viva a Vida.
Fonte: Rocha, março de 2007.



FIGURA 15: Carrinhos e galpão da Associação Viva a Vida
Fonte: Rocha, março de 2007.



FIGURA 16: Catador de rua trabalhando acompanhado de sua mulher no bairro Montese. Fonte: Rocha, maio de 2007.

Gonçalves (2005), que estudou a situação dos catadores de Fortaleza, afirma que a participação em grupos organizados, acrescida de uma intervenção por meio de políticas públicas constitui imperativo para melhoria nas condições de vida e trabalho dos catadores. De fato, em nossa pesquisa, constatamos que tal afirmação é verdadeira, pois os catadores engajados em movimentos políticos e organizados vivem e trabalham em condições menos desumanas, são mais bem remunerados e possuem um maior nível de conscientização em relação à ocupação que exercem, porém não são inteiramente autônomos, pois dependem do apoio de ONG's e entidades filantrópicas para conseguirem tocarem as atividades das associações. Convém ressaltar ainda, que a quantidade de catadores que pertencem a associações, em relação ao universo dos catadores, é reduzido, o que nos leva a inferir, o quão difícil é a organização dessa categoria.

3.3 Discutindo o perfil socioeconômico dos catadores

Baseados nos dados oficiais sobre os catadores de rua de Fortaleza, divulgados no Diagnóstico realizado pelo IMPARH (2006) e em nossas entrevistas tanto aos catadores das associações, como os catadores de rua, apresentamos a seguir o perfil dos catadores da capital cearense. Convém ressaltar que o FEL&C havia solicitado à prefeitura um censo dos catadores ao invés de um Diagnóstico por amostragem. Todavia, em função da escassez de recursos e tempo, a prefeitura realizou apenas a pesquisa com uma amostra de 906 catadores nos mais diversos

bairros de Fortaleza, por meio de questionários e de 12 entrevistas semi-estruturadas⁴⁸.

Sobre os motivos que levaram os catadores de Fortaleza a ingressarem nessa ocupação (Cf. Tabela 01), a pesquisa da prefeitura apresenta o desemprego, a falta de oportunidade de trabalho como principal motivo. Em nossas entrevistas também encontramos semelhante realidade. Por vezes, eles chegam à catação não por opção e sim por falta de um trabalho tanto na cidade como nas zonas rurais, e, por isso, acabam tendo a catação como única atividade que lhes garante alguma remuneração. Podemos afirmar que tal fato é reflexo do desemprego em massa existente no Brasil, que, segundo Pochmann (2006), é uma realidade incontestável, ou seja, caracteriza-se como um fenômeno complexo, heterogêneo e que atinge de forma generalizada todos os segmentos sociais. Segundo o referido autor, “não há mais estratos sociais imunes ao desemprego no Brasil” (POCHMANN, *op.cit.*, p. 62). Em muitos casos, os catadores nunca vivenciaram situação de emprego no setor formal, e, para aqueles que trabalharam regularmente em condições de informalidade, a perda do emprego informal foi definitiva.

Nas palavras do catador Lírio (32 anos)⁴⁹, visualizamos como ocorreu sua entrada no mercado da reciclagem e como ele se refere a sua condição de catador de rua:

Eu era agricultor e tava fraco no interior e devido eu achar que aqui na cidade seria melhor para mim eu resolvi entrar no ramo [...] Isso é um serviço estranho, trabalho todo dia, ganho dinheiro, mas é estranho ter que catar lixo, eu queria voltar a ser o que era antes, não gosto de ser catador. Tenho vontade de ir embora.

⁴⁸ Segundo os membros da diretoria FEL&C, essa pesquisa refletiu bem a realidade dos catadores. Já alguns membros de associações de catadores sentiram que não foram contemplados na pesquisa; eles alegam que há uma ausência de dados e informações sobre os grupos organizados.

⁴⁹ Essa entrevista foi realizada em julho de 2007, na Praça José de Alencar.

Tabela 01: Motivo de ter começado a trabalhar como catador

Motivo de ter começado a trabalhar como catador	#	%
Desemprego	750	82,8
Complemento de renda	127	14,0
Por opção própria	64	7,1
Para acompanhar a família	25	2,8
Outras	38	4,2
NS /NR	-	-

Fonte: IMPARH (2006).

No tocante ao gênero desses trabalhadores, a pesquisa oficial relevou que 75,6% dos entrevistados eram homens e 24,4% mulheres (Cf. Tabela 02), comprovação que sugere que os homens constituem a maioria desses trabalhadores, mas que as mulheres também transitam em busca de recicláveis para conseguir o sustento. Segundo essa mesma pesquisa, nas associações, as mulheres compõem a maioria dos associados, fato que denota o maior potencial de organização feminino nesta atividade. Em nosso trabalho de campo, comprovamos tal realidade. A Associação Viva a Vida, por exemplo, é composta por sete mulheres. Segundo elas, os homens não se adequaram às exigências da associação⁵⁰. Também nas reuniões do FEL&C, a presença feminina é mais marcante do que a masculina. Sendo assim, nas ruas é fácil visualizar homens trabalhando, enquanto à frente das associações têm-se, em sua maioria, mulheres.

Tabela 02: Classificação por gênero

Classificação por gênero		
Sexo	#	%
Masculino	685	75,6
Feminino	221	24,4
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

Em relação à faixa etária desses trabalhadores, em nossa pesquisa de campo conhecemos catadores de mais de 70 anos, bem como crianças e adolescentes que andavam pelas ruas sozinhas à procura de garrafas e latinhas. As crianças e os mais velhos muitas vezes são obrigados a trabalhar para complementar a renda da família. Para trabalhar nessa atividade não tem idade limite, o que fala mais alto é a necessidade.

⁵⁰ Algumas das exigências são: não beber em horário de trabalho, ter assiduidade, responsabilidade e compromisso com o grupo.

O Diagnóstico do IMPARH (2006) também aponta que esta atividade envolve desde crianças até pessoas de mais de 60 anos (Cf. Tabela 03). Também foi constatado que há um contingente significativo de catadores que possui entre 41 e 50. Estes são os trabalhadores que, visivelmente, mais sofrem com a exclusão ou o não acesso ao chamado mercado formal. Para os catadores dessa faixa etária, perder o emprego significa dificilmente ser reinserido no mercado. Em nossas entrevistas pelo Centro, encontramos um catador de 42 anos, que aqui o chamamos de Cravo (42 anos)⁵¹, suas palavras são elucidadoras sobre essa questão:

Tenho 42 anos, trabalhava em casa de família, fazia serviços gerais e fui despedido e num consegui mais nada, estudei só até a 3ª série, um amigo me falou da reciclagem e ai fui no depósito e a moça me deu um carrinho para trabalhar.[...]Trabalho todo dia da semana e sábado metade do dia.

Tabela 03: Faixa etária dos catadores

Faixa etária	#	%
De 08 a 17 anos	90	9,9
De 18 a 25 anos	253	27,9
26 a 30 anos	127	14,0
31 a 40 anos	214	23,6
41 a 50 anos	126	13,9
51 a 60 anos	60	6,6
Mais de 60 anos	34	3,8
NS / NR	02	0,2
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

No que se refere à Escolaridade desses trabalhadores (Cf. Tabela 04), a pesquisa da prefeitura constatou que a maioria deles possui poucos anos de estudos, apenas 1,5% conseguiu completar o Ensino Médio, isto é, conseguiu terminar o ciclo da Educação Básica. Esses dados coincidem com os que encontramos em nossas entrevistas. Em nossas abordagens, a maior parte dos entrevistados havia interrompido seus estudos nas séries do Ensino Fundamental. Ao analisar a relação entre anos de estudos e desemprego no Brasil, Pochmann (2006) estima que o aumento da escolaridade não é suficiente para evitar o desemprego. Entretanto, sabemos que quanto maior o número de anos de estudos, maiores são as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Todos os catadores que entrevistamos afirmaram possuir deficiências na leitura e escrita. Realidade que os distancia ainda mais dos postos de trabalhos formalizados e contribui para com aumento do número de desempregados na cidade.

⁵¹ Nosso entrevistado estava no entorno da Praça do Ferreira, trabalhando com dois rapazes que eram seus vizinhos. Entrevista realizada em Julho de 2007

Tabela 04: Escolaridade dos catadores

Escolaridade	#	%
Não alfabetizado	205	22,6
Alfabetizado	114	12,6
Ensino Fundamental I incompleto	265	29,2
Ensino Fundamental I completo	101	11,1
Ensino Fundamental II incompleto	149	16,4
Ensino Fundamental II completo	29	3,2
Ensino Médio incompleto	28	3,1
Ensino Médio completo	14	1,5
Outros	01	0,1
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

Sobre a naturalidade dos catadores (Cf. Tabela 05), a pesquisa oficial apontou que mais de 50% deles são naturais de Fortaleza. No entanto, também existe um contingente considerável de migrantes de outros municípios do estado e às vezes até de estados vizinhos. Em nossas entrevistas no Centro, encontramos catadores que são naturais de outros estados, a exemplo do Rio Grande do Norte. Contudo, também detectamos que a maioria deles é de Fortaleza.

Com a análise dos dados sobre a naturalidade, ficou claro para nós que não podemos associar unicamente a ocorrência desses trabalhadores como sujeitos que vieram tentar a vida na capital, inchando Fortaleza, gerando problemas advindos do êxodo rural, tendo em vista que um grande percentual de catadores nasceu na própria cidade, sendo vítimas dos problemas que ocorrem no próprio espaço urbano da capital.

Tabela 05: Naturalidade dos catadores de rua

Naturalidade do catador		
Naturalidade	#	%
Fortaleza	524	57,8
Outros municípios do Ceará	345	38,1
Outra resposta	37	4,1
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

No tocante à cor da pele (Cf. Tabela 06), mais de 50% dos entrevistados pela prefeitura se declararam morenos claros, morenos ou negros. Em relação a esta característica, concordamos com o que pondera o Diagnóstico do IMPARH (2006, p. 27-8):

Essa situação reforça [sem entrar em determinismos] a tese de que os afro-descendentes são maioria entre os pobres, fruto de uma exclusão [racial] com raízes históricas no Brasil, além de ter pele morena ou negra, os corpos dos catadores, de modo geral, são queimados pelo sol. A

aparência física contrasta muitas vezes com a pouca idade. É perceptível no corpo a dureza da atividade laboral, manifestada nas mãos calejadas, unhas sujas, cabelos desalinhados, pele enrugada pela exposição do sol. Os pés e as pernas, fundamentais para o exercício da atividade, são particularmente atingidos pelo ressecamento e pela ação do atrito no chão.

Tabela 06: Cor da pele dos catadores de rua

Cor da pele	#	%
Branco	147	16,2
Negro	64	7,1
Moreno	487	53,8
Moreno claro	166	18,3
Pardo	39	4,3
Índio	01	0,1
Outros	01	0,1
NS/NR	01	0,1
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

No que tange às formas de habitação desses trabalhadores (Cf. Tabela 07), foi verificado que mais de 90% deles moram em casas, em bairros periféricos de Fortaleza. Existe também uma quantidade significativa de catadores que se encontram mais precarizados e moram nas ruas.

Tabela 07: Onde moram os catadores de rua

Onde moram	#	%
Casa	852	94,0
Ocupação	31	3,4
Albergue	02	0,2
Rua	12	1,3
Pensão	02	0,2
Outras	07	0,8
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

Em nossas entrevistas no Centro, encontramos muitos catadores que moram em bairros do lado oeste de Fortaleza, como Barra do Ceará e Goiabeiras. Conhecemos também catadores que não possuem casas e que, por isso, vagam pelas ruas, dormem nas calçadas, nas praças, nos depósitos para os quais trabalham; alguns contam com ajudas de entidades filantrópicas.

No Centro, mais especificamente na Avenida Tristão Gonçalves (Cf. Figura 18), todos os dias, existem vários catadores que se encontram e ficam esperando a

ajuda de organizações religiosas⁵² e filantrópicas que trazem o que muitas vezes se consubstancia como a uma única refeição do dia - a sopa ou o baião. Depois da refeição, eles cochilam nas calçadas; descanso necessário para que eles possam retornar a puxar seus carrinhos. Outro local de Fortaleza onde foi possível visualizar um grande número de catadores morando sem a menor assistência dos gestores municipais foi sob o viaduto da BR-116 (Cf. Figura 17). Lá, eles realizavam todas as suas atividades diárias, como cozinhar, tomar banho e dormir. Em Agosto de 2007, cerca de 50 pessoas dividiam espaço entre as colunas do viaduto. Este fato foi divulgado em um jornal de grande circulação de Fortaleza. Na reportagem, os catadores são metaforicamente denominados de nômades urbanos.



FIGURA 17: Catadores que moravam em baixo do viaduto da BR 116
Fonte: Jornal Diário do Nordeste, 9 de agosto de 2007.

⁵² Uma dessas organizações religiosas é a Comunidade Católica Obreiros da Tardinha (COT) que, por meio do Projeto Social São Francisco, distribui às quintas-feiras pratos de sopa para mais de cem pessoas que passam a noite nas ruas do Centro de Fortaleza, dentre essas muitos catadores. A igreja Universal também distribui refeições no Centro. Os catadores mencionaram que comumente os evangélicos doam baião para quem está na rua. Alguns membros do Centro Espírita Francisco de Assis também realizam doações de baião no Centro às sextas-feiras à noite.



FIGURA 18: Catadores dormindo na calçada de um estacionamento da Av. Tristão Gonçalves. Fonte: Rocha, julho de 2007.

No que se refere ao estado civil e à situação familiar dos catadores (Cf. Tabela 08), analisando os dados oficiais, verificamos que mais de 40% dos catadores abordados são juntos, ou seja, vivem maritalmente, mas de forma não oficializada, e que mais de 70% deles possuem filhos. Estes dados evidenciam a complexidade da situação familiar destes trabalhadores que não podem ser analisados, nem tratados como indivíduos isolados. Revelam ainda a gravidade da situação de crianças e adolescentes que se encontram desprotegidos na rua ou em casa, devido à ausência dos pais, em função do tipo de trabalho que realizam. Dos nossos 15 entrevistados (nove catadores de rua e seis de associação), cinco eram juntos e 11 tinham filhos. O mundo da catação é também marcado por histórias de abandono, de exploração de crianças e adolescentes, por situações de violência, por vezes cometidas pelos pais ou por outros catadores, como denunciou o jornal O Povo de setembro de 2003 (Cf. Figura 20).

Tabela 08: Estado civil e existência de filhos entre os catadores

Estado civil	#	%	Filhos	#	%
Casado	127	14,0	Sim	674	74,4
Separado	92	10,2	Não	232	25,6
Junto	395	43,6	Total	906	100,0
Solteiro	273	30,1			
Viúvo	19	2,1			
Total	906	100,0			

Fonte: IMPARH (2006).



FIGURA 19: Flagrante de crianças desacompanhadas catando recicláveis no bairro Montese. Fonte: Rocha, maio de 2007.



FIGURA 20: Manchete da reportagem sobre crianças na catação
Fonte: Jornal O Povo, 29 de setembro de 2003.

Em relação aos rendimentos (Cf. Tabela 09), a pesquisa do IMPARH (2006) conclui que o maior percentual de resposta caiu nos valores de mais de 200,00 até 300,00 reais por mês. Esse valor não equivale a sequer um salário mínimo por mês. Em nossas entrevistas, registramos que, por semana, os catadores de rua ganham, em média, entre R\$ 50,00 e 100,00, o que totaliza um valor mensal próximo do que foi encontrado na pesquisa da prefeitura. Contudo, esses rendimentos variam de acordo com os meses do ano, pois existem períodos em que os materiais podem estar bem cotados ou não, como anteriormente nos referimos. Os catadores da

Rede de Catadores da Região Metropolitana Fortaleza, composta pelas 16 associações que são assessoradas pelo FEL&C, criaram em 2007 a Bolsa de Resíduos, na qual divulgam os preços que estão sendo comprados os recicláveis. Assim, os catadores associados têm a possibilidade de vender para os depósitos ou indústrias que oferecem os melhores preços, e logo se aumenta a possibilidade de ter melhores rendimentos.

Tabela 09: Rendimento mensal dos catadores de rua

Rendimento mensal	#	%
Até R\$ 50,00	26	2,9
De R\$ 51,00 a R\$ 100,00	77	8,5
De R\$ 101,00 a R\$ 200,00	235	25,9
De R\$ 201,00 a R\$ 300,00	301	33,2
De R\$ 301,00 a R\$ 600,00	201	22,2
De R\$ 601,00 a R\$ 900,00	23	2,5
Mais de R\$ 900,00	05	0,6
NS / NR	38	4,2
Total	906	100,0

Fonte: IMPARH (2006).

Nossos entrevistados declararam que, atualmente, há uma intensa disputa em função da concorrência intensa pelos recicláveis que são encontrados nas calçadas, nas ruas ou doados pela população. Tanto as catadoras da Associação Viva a Vida, como os catadores de rua mencionaram em suas falas que eram constantes as brigas pelos materiais recicláveis. Foi mencionado que esses conflitos ocorrem principalmente entre os catadores que trabalham no Centro.

Após a análise de nossas entrevistas, observações e dos dados da prefeitura, constatamos que ser catador é exercer um trabalho sem a mínima garantia trabalhista, além de estar exposto a constantes riscos de contaminação, acidentes e, em geral, ser alvo de preconceitos e estigmas. As condições socioeconômicas, como vimos, são péssimas. Por conta disso, ante as adversidades, eles criam estratégias para superar os desafios, uma dessas estratégias é a organização em associações.

Desse modo, apresentamos, a seguir, informações acerca do nível de organização desses trabalhadores da reciclagem em âmbito nacional. Posteriormente, apresentamos as formas de organização e envolvimento político dos catadores no Ceará, destacando a articulação dos catadores que acontece principalmente via entidades que compõem o FEL&C.

3.4 Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR) em: A luta por direitos e cidadania no universo dos que vivem dos materiais recicláveis

O Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR) tem uma história relativamente recente no cenário brasileiro, se comparado a outros movimentos sociais de expressão nacional, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As primeiras articulações em prol do surgimento de um organismo que buscasse contemplar as demandas dos catadores em âmbito nacional emergiram na década de 1990. O MNCR “busca a afirmação política e social de Sujeitos históricos na luta pela superação da iniquidade social que os exclui e os massacra” (GONÇALVES, 2005, p. 70).

Conforme Alencar (2007), as primeiras associações de catadores surgiram nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, ainda na década de 1980. As bases iniciais do movimento nacional foram discutidas durante o *1º Encontro Nacional de Catadores de Papel*, ocorrido em novembro de 1999, na cidade de Belo Horizonte⁵³, onde existe uma das associações de catadores mais representativas do Brasil, a saber, a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis (ASMARE)⁵⁴.

Em junho de 2001, ocorreu o *1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis* em Brasília. O encontro reuniu 1700 delegados de 17 estados. Nesse congresso, foi lançada a Carta de Brasília, documento que expressa as principais reivindicações da categoria: implantação de coleta seletiva nos municípios, capacitação técnica dos catadores e reconhecimento da profissão (MNCR, 2007).

Segundo Alencar (*op.cit.*), após a realização desse congresso, o número de grupos de catadores ampliou-se no Brasil, assim como o número de entidades de fomento, ONGs e empresas que passaram a contemplar os catadores em suas ações.

⁵³ Na cidade de Belo Horizonte, acontece anualmente o Festival Lixo e Cidadania, apoiado pelo MNCR. É um festival nacional que promove o intercâmbio de experiências entre catadores, pesquisadores, artistas e gestores, com vistas à ampliação do debate sobre a gestão compartilhada dos resíduos sólidos, enfatizando o papel central dos catadores nesse processo. Em Setembro de 2007, foi realizada a 6ª edição do Festival, sendo um dos convidados o pesquisador português *Boaventura de Sousa Santos*, além de ministros e secretários nacionais. Fato que demonstra a expressão que o movimento dos catadores vem ganhando dentro e fora do Brasil.

⁵⁴ A ASMARE é uma associação internacionalmente reconhecida. Nela, os catadores obtiveram o reconhecimento do poder público por meio de grandes lutas com apoio da Pastoral de Rua, e hoje trabalham de maneira digna, organizada, possuem infra-estrutura adequada, além de terem renda garantida e apoio da população local.

Em janeiro de 2003, ocorreu o *1º Congresso Latino-Americano de Catadores (as)*, que reuniu catadores de vários países, como Brasil, Argentina, Uruguai, Canadá e México, na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Nesse congresso, foi lançada a Carta de Caxias (Cf. Anexo E), que difunde a situação dos catadores da América Latina a fim de unificar a luta dos catadores desses países. As principais reivindicações traduzidas na Carta de Caxias foram: reconhecimento da profissão, disponibilidade de linhas de financiamento para a categoria e uma aplicação, em nível nacional, de uma política de coleta seletiva que apóie as associações e cooperativas de catadores (MNCR, *op.cit.*).

A partir do Congresso Latino-Americano, o MNCR começou a mostrar sua força nacionalmente, e a problemática passou a ser discutida em diversos espaços. Muitas lutas foram travadas em todo o Brasil, e muitas conquistas alcançadas. Uma dessas conquistas foi à inclusão da categoria na Classificação de Ocupações do Brasil (CBO). Também, em 2003, foi criado um Comitê Interministerial de Inclusão para os Catadores de Materiais, coordenado pelos Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), que conta, atualmente, com a participação dos ministérios das Cidades, da Educação e da Saúde.

Os catadores do MNCR se classificam como uma categoria historicamente *excluída* da sociedade, pois muitos sobrevivem de forma precária em lixões e nas ruas. Em meados de 2004, o movimento contava com 35 mil catadores cadastrados e reunidos em 330 grupos de cooperativas (ROMANI, 2004). Estimativas indicam que existem entre 330 e 1 milhão de catadores no país.

Em 2005, na cidade de São Leopoldo / RS, foi realizado o *2º Congresso Latino - Americano*, e novas ações foram exigidas. Para eles, o trabalho de coleta representa a garantia de alimentação, moradia e condições mínimas de sobrevivência para uma parcela significativa dos brasileiros. O objetivo do movimento é assegurar o protagonismo popular na coleta seletiva do lixo, a fim de garantir a independência. Eles acreditam na prática da ação direta, em uma participação ativa do trabalhador em todas as instâncias do seu trabalho, buscando a transformação da sociedade, por meio da justiça (MNCR, *op.cit.*).

Eles buscam desenvolver uma solidariedade entre a classe com o objetivo de lutar contra a exploração, a competição e o individualismo. Lutam contra as ofensivas do capitalismo. Na prática, isso envolve a luta pela autogestão do seu trabalho e pelo controle da cadeia produtiva de reciclagem, garantindo que os

serviços não sejam utilizados em benefício de alguns poucos (os exploradores), mas que sirvam a todos os catadores. No trecho a seguir, verificamos como os catadores do Movimento interpretam seu trabalho:

Os catadores prestam um serviço público, preservam a natureza e dão vida útil aos aterros sanitários, que são de responsabilidade municipal. Nada mais justo que investir nesses trabalhadores que prestam esse serviço gratuitamente. Nossa parceira com o governo restringisse ao interesse público que o Estado deve ter com todos os cidadãos. Temos nossa independência e autonomia e não temos vínculos políticos com órgãos governamentais. [...]. Apesar das imensas dificuldades, resistimos e lutamos dia a dia pela vida. Pelo direito de trabalhar honestamente e sobreviver (MNCR, 2007).

O Movimento afirma que é o catador quem faz, diariamente, a maior parte do processo da reciclagem, mas que é o que menos recebe pelo seu trabalho, pois fica submisso à ação dos donos de depósitos, sucateiros e empresas da reciclagem. Conforme dados do Movimento, 89% do trabalho de produção da matéria-prima que vai para a indústria da reciclagem é realizado pelos catadores.

Conforme o sociólogo e economista Pedro Jacobi (2006, p. 153), que estudou a gestão compartilhada dos resíduos sólidos:

Os catadores de rua, que recolhem ou retiram do lixo urbano os materiais recicláveis para, revendendo-os, obter renda, não são um fenômeno recente, tampouco exclusivo das cidades brasileiras. [segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), a figura do catador existe desde de 1950], mas desde o fim dos anos 80, começaram a ocupar um papel cada vez mais importante num sistema informal de reciclagem e por conseqüência, de coleta seletiva e gerenciamento dos resíduos domiciliares, no vácuo dos programas municipais oficiais, que quando existem, são, na maioria das vezes restritos e sujeitos à descontinuidade e à alternativa de interesses dos grupos políticos no poder.

Os objetivos específicos do Movimento são: a) Coleta de materiais recicláveis feita por catadores; b) pagamento aos catadores pelos serviços de coleta de materiais; c) controle dos catadores sobre a cadeia produtiva de materiais recicláveis; d) conquista de moradia, saúde, educação, creches para os catadores e suas famílias; e) fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos. Em dezembro de 2007, o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, participou de um encontro em São Paulo com o MNCR, o qual teve grande repercussão. Nesse encontro, os catadores cobraram a criação de postos de

trabalho e a desburocratização no acesso ao financiamento para cooperativas de catadores.

O Movimento estrutura-se em bases orgânicas, que congregam cooperativas, associações, entrepostos e grupos de catadores espalhados principalmente pelas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, onde o movimento tem maior expressão (GONÇALVES, 2005).

O 3º Congresso Latino-Americano de Catadores ocorreu em Bogotá, Colômbia, em março de 2008, juntamente com o 1º Congresso Mundial de Catadores. O MNCR teve presença ativa nesses eventos. Foi à primeira vez que esse Congresso ocorreu fora do Brasil.

No Ceará, os catadores organizados tentam estar em consonância com o movimento nacional por meio das ações, eventos, reuniões e atividades organizadas pelo FEL&C e pela Cáritas. Alguns catadores cearenses participaram do I Congresso Nacional, ocorrido em 2001, em Brasília. Um dos desafios e objetivos postos nas reuniões da Rede de Catadores da RMF para o ano de 2007 foi tentar estabelecer uma articulação maior com o MNCR, objetivo que vem sendo alcançado aos poucos.

Percebemos que o MNCR luta por meio de pressões, encontros, manifestações, congressos e reuniões para construir uma identidade do trabalho do catador em termos nacionais. Em termos locais, sobre o processo de organização dos catadores cearenses, em especial de Fortaleza, verificamos que esse é ainda incipiente, se comparado com a realidade de outros estados do Brasil. Prova disso: em nossas pesquisas constatamos que só quem conhece a existência e o trabalho do MNCR são os catadores de grupos que são assessorados pelas entidades do FEL&C. Os catadores das ruas, em nossas entrevistas, revelaram ter completo desconhecimento das ações do Movimento, ou melhor, da própria existência dele. Realidade que alarga o fosso entre os catadores de grupos e os catadores das ruas de Fortaleza.

Nas figuras a seguir, vemos, respectivamente, uma manifestação realizada pelo MNCR, no eixo monumental da capital federal, em 2006, que contou com a participação de 700 catadores, e o símbolo do MNCR. Nele, aparece um desenho de um catador puxando um carrinho na frente do mapa do Brasil, figura que faz alusão à tentativa de expansão do MNCR em todo o território Nacional.



FIGURA 21: Marcha Nacional dos Catadores em Brasília no ano de 2006
Fonte: Arquivo MNCR.



FIGURA 22: Símbolo do MNCR
Fonte: Arquivo MNCR.

3.5 Fórum Estadual Lixo e Cidadania e a Rede de Catadores da Região Metropolitana de Fortaleza: a busca pela valorização dos catadores

Atualmente, no Brasil, existem o Fórum Nacional e os Fóruns Estaduais e Municipais que articulam os temas Lixo e Cidadania. Em âmbito nacional, o Fórum Nacional Lixo e Cidadania surgiu quando o gerenciamento do lixo passou a ser interpretado como uma questão de cidadania e quando foi constatado que cerca de 45 mil crianças trabalhavam com lixo nos estados do Brasil. Diante desta constatação, em 1998, um grupo constituído por mais de 40 entidades, dentre elas: a UNICEF, o Ministério do Meio Ambiente, o Ministério Público Federal, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano, a Caixa Econômica Federal, a Fundação Nacional da

Saúde (FUNASA) e a Missão Criança, instituíram em Brasília, na sede da UNICEF, o Fórum Nacional Lixo e Cidadania. Em 1999, o Fórum lançou a campanha “Criança no Lixo Nunca Mais”, baseada no Programa Nacional Lixo e Cidadania. O Fórum Nacional é a reunião de órgãos governamentais, entidades técnicas, ONGs e instituições religiosas que atuam na área da gestão de resíduos sólidos urbanos, bem como na área social (ABREU, 2001).

Os principais objetivos da criação desse Fórum foram: a retirada das crianças do trabalho no lixo, oferecendo alternativas à renda da catação e vaga nas escolas; a ampliação da renda das famílias que vivem da catação por meio de capacitações; a priorização dos mesmos em programas de coleta seletiva, a fim de apresentar-lhes novas oportunidades e a erradicação dos lixões, na tentativa de recuperar as áreas degradadas (ROMANI, 2004).

No Estado do Ceará, assim como em outros estados e municípios do Brasil, existe um Fórum Estadual Lixo e Cidadania. Conforme o artigo 1º do Estatuto do Fórum Estadual Lixo e Cidadania do Ceará, aprovado em 2006, o Fórum se define como um espaço de discussão da problemática dos resíduos sólidos e de proposições nos aspectos ambientais, educacionais, organizacionais e do desenvolvimento da cidadania, tendo tempo de duração indeterminado e sendo composto por organizações legalmente constituídas.

Segundo a atual coordenadora do Fórum⁵⁵, o Fórum no Ceará foi criado em 1999, orquestrado pelos ideais do pesquisador cearense Albert Gradvol, referência nos estudos sobre reciclagem no Estado. Nesse período, ele era organizado e composto apenas por órgãos municipais e estaduais, tendo curta duração neste formato, voltando a funcionar somente em 2001, depois do 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis, ocorrido em Brasília, mencionado na seção anterior. Após esse Congresso, que contou com a participação de catadores do Ceará⁵⁶, o Fórum passou a funcionar com incentivo e participação de professores

⁵⁵ A atual coordenadora do FEL&C é a senhora Cristina França da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza.

⁵⁶ Conforme a coordenadora do Fórum, Cristina França, em 2001, a secretaria nacional procurou a Cáritas Fortaleza e solicitou que a entidade realizasse um levantamento para verificar a existência de população com perfil de catadores em Fortaleza, para que eles pudessem participar da Marcha da População de Rua e do I Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis que iria ocorrer em junho de 2001, em Brasília. A Cáritas daqui realizou a pesquisa e constatou que na área do grande Mondubim havia uma grande quantidade de catadores que eram acompanhados pelas irmãs do Bom Pastor no Mondubim e pela a Pastoral Social, com os padres Maristas e Jesuítas. Assim, foram escolhidos três catadores do Mondubim e mais 10 catadores do Jangurussu para participar do Congresso. Ao retornarem de Brasília, os catadores viram a necessidade de dar continuidade aos

universitários, vereadores, entidades de classe, Igreja Católica por meio da Cáritas e muitos empresários. Convém ressaltar que, durante nossa participação no Fórum (2006 / 2008), o mesmo contava com a presença de apenas uma empresa, a Cia. Metalic Nordeste (empresa que produz latas de aço para bebidas e localiza-se em Maracanaú). Diferente da realidade observada em sua segunda formação, ocorrida após o Congresso em Brasília, período em que o Fórum era composto majoritariamente por representantes de empresas. Sua evolução fez evidenciar seu cunho mais social do que mercadológico, por isso muitos empresários deixaram de participar e pouco a pouco catadores e organizações sociais ocuparam esse espaço de debate.



FIGURA 23: Reunião do FEL&C
Fonte: Rocha, março de 2007.

Quando de nossa pesquisa, o Fórum estava composto por órgãos públicos federais (Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Serviço de Processamento de Dados do Governo Federal (SERPRO)), estaduais, municipais, universidades, entidades de classe, associações de catadores e por instituições religiosas. A coordenação estava sob a

encaminhamentos oriundos do Congresso. Desse modo, a Cáritas passou a realizar reuniões periódicas, mensais, e visitas com os grupos. Inicialmente, com dois grupos; hoje, com 16, uns mais organizados e outros menos. A Cáritas abraçou essa causa porque, na visão da instituição religiosa, os catadores eram pessoas totalmente excluídas da sociedade, desvalorizadas, que não tinham identidade. A Cáritas incentiva os catadores a se organizar através de associações ou cooperativas, a lutar por políticas públicas que visem preconizar a coleta seletiva com a inclusão social. A Cáritas busca realizar um trabalho de maneira integral que pensa na família do catador como um todo. A entidade possui um Programa de Atuação com Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis que atua nos estados do Amapá, Pará, Amazonas, Ceará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Distrito Federal e São Paulo.

responsabilidade da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza. A diretoria era de responsabilidade da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (ABES), e os membros da secretaria eram da Secretaria Executiva Regional V (SER V) e da Associação Viva a Vida. No quadro a seguir, apresentamos as finalidades do Fórum do Ceará, segundo seu próprio Estatuto.

QUADRO 02: Finalidades do FEL&C

I	Congregar as organizações governamentais, não governamentais e organizações privadas, envolvidas com a questão dos resíduos sólidos neste Estado.
II	Fomentar a discussão para o desenvolvimento de estratégias, planos, projetos e políticas públicas voltadas para a gestão integrada e compartilhada de resíduos sólidos neste Estado.
III	Apoiar ações e campanhas de erradicação do trabalho infantil, bem como as relacionadas, direta ou indiretamente, com a natureza do FORUM ESTADUAL LIXO E CIDADANIA - CEARÁ.
IV	Estimular a capacitação de pessoas envolvidas na cadeia produtiva dos resíduos sólidos neste Estado
V	Contribuir para a formação de uma consciência coletiva sobre a problemática de resíduos sólidos neste Estado.
VI	Promover a integração de grupos e instituições nas ações do Fórum, tendo como indicativo a implantação de Programas de Coleta Seletiva de Matérias Recicláveis, visando a geração de ocupação e renda com inclusão dos catadores e catadoras em todo o Estado.
VII	Fomentar a identificação e disseminação de tecnologias de coleta, reciclagem, tratamento e destino final de resíduos sólidos.
VIII	Estimular e apoiar a organização do movimento dos catadores e catadoras de materiais recicláveis.
IX	Buscar parcerias nas organizações governamentais, não governamentais e organizações privadas para todas as ações e campanhas sugeridas e aprovadas pelo Fórum.
X	Possibilitar a divulgação de ações e iniciativas relacionadas às atividades de coleta seletiva e reciclagem de resíduos sólidos, através das reuniões do Fórum.
XI	Incentivar e apoiar a participação do Fórum em outros conselhos afins.
XII	Apoiar, no Estado do Ceará, as ações propostas pelo Fórum Nacional Lixo e Cidadania.

Fonte: Estatuto do FEL&C.

As reuniões do Fórum ocorriam na segunda quarta-feira de cada mês, no auditório da Secretaria Executiva Regional III, no bairro Parquelândia. Entre os meses de outubro de 2006 e fevereiro de 2008, freqüentamos as reuniões do Fórum na condição de membros. Em função disso, pudemos participar das reuniões e tivemos direito a voz e voto nas decisões das assembléias. Durante as reuniões do Fórum,

ocorriam palestras e apresentações de projetos relacionados com meio ambiente, resíduos sólidos, reciclagem, projetos sociais, cooperativismo e associativismo.

No período de nossa participação, além do trabalho constante de incentivo e apoio à organização dos grupos de catadores que compõem o Fórum, este também organizava eventos e manifestações de interesse de seus integrantes. Um dos maiores esforços de trabalho que presenciamos no Fórum foi à tentativa de pôr em prática o cumprimento do decreto 5.940, de 25 de Outubro de 2006, que instituiu a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis. Segundo o MDS (2007), esse decreto veio suprir duas demandas urgentes e crescentes no Brasil, a saber: a inclusão social por meio do trabalho e geração de renda e a busca por uma melhor relação com o meio ambiente, tendo em vista que o trabalho do catador ameniza a pressão sobre a busca de novas matérias-primas na natureza ao devolver os materiais para o ciclo produtivo. Por conta desse decreto, algumas entidades federais se aproximaram do Fórum, com o objetivo de se adequar às exigências do mesmo.

O Fórum teve papel fundamental para a formação da Rede de Catadores da Região Metropolitana de Fortaleza, que é coordenada pelos próprios catadores desde 2006, e visa unir as associações para que elas consigam alcançar melhores condições de funcionamento. As reuniões da Rede ocorrem em quatro níveis, a saber: na segunda quarta-feira de cada mês, acontece a reunião da rede de catadores com os representantes da Cáritas (reunião com a comissão arquiocesana) – esse é o momento de formação e capacitação para os catadores e acontece na sede da Cáritas; mensalmente ocorre a reunião da Rede de Catadores, na qual, na terceira quinta-feira de cada mês, participam somente os catadores para discutir temas de seu interesse. Existem, ainda, as plenárias itinerantes, que ocorrem no último domingo de cada mês nas associações, e propiciam uma maior interação entre as mesmas. Nestas plenárias, a cotação da Bolsa de Resíduos constitui ponto forte, isto é, nela são apontados os lugares na cidade onde os recicláveis estão com o melhor preço. Nessa reunião, os catadores interagem e trocam experiências.

Em sua maioria, os grupos de Fortaleza estão ainda sem infra-estrutura e nível de organização adequado. Para tentar amenizar essa realidade, contam com o

apoio das instituições vinculadas ao Fórum, em especial a Cáritas e a Emlurb. O nível de organização dos grupos ainda é muito incipiente, se comparado com outros espalhados pelo país. Prova disso: em 2006, nenhum grupo cearense conseguiu ser contemplado com os recursos oriundos do financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os recursos objetivavam apoiar grupos de catadores em todo o Brasil. Entretanto, nenhuma associação do Ceará preencheu os requisitos básicos solicitados pelo Banco, dentre estes infra-estrutura para realizar a triagem e classificação dos resíduos e estar constituída formalmente / legalmente.

O trabalho da Rede de Catadores almeja a transformação dos catadores em reais trabalhadores da reciclagem, ou seja, eles não querem estar no imaginário social como eternos *rasgadores* de lixo, de sacos de lixo, por isso eles tentam fincar suas bases em um projeto que privilegie a formação e capacitação para manuseio e gerenciamento correto dos materiais, a fim de que possam trabalhar dignamente, ter melhores remunerações, bem como desenvolver habilidades artísticas com os recicláveis. Em nossos contatos com os representantes da Rede, vimos ainda que eles possuem uma preocupação nítida com as condições de desenvolvimento de seus filhos. Percebemos que os catadores jamais querem que seus filhos trabalhem nessa atividade, por isso são desenvolvidos projetos sócio-educativos com os seus descendentes. Eles não querem que seus filhos abandonem os estudos ou sejam alvo de violência nas ruas, como por vezes eles foram.



FIGURA 24: Reunião da Rede de Catadores da RMF
Fonte: Rocha, março de 2007.

Conforme a representante da Cáritas, para realizar qualquer trabalho social é preciso muito *amor, compreensão e paciência*. Com os catadores, essa postura não é diferente, pois alguns dos participantes apresentam problemas de convivência em grupo e opiniões bem divergentes, e outros, ainda, são analfabetos e possuem problemas com drogas e bebidas. Esses são fatores que, por vezes, dificultam uma maior evolução no andamento dos projetos.

Ainda segundo a representante da Cáritas, os catadores de Fortaleza historicamente não são respeitados. As gestões municipais passadas nunca realizaram ações voltadas para estes trabalhadores. A esperança de mudanças está depositada na atual gestão da prefeita Luizianne Lins, que tem demonstrado uma preocupação maior com a questão social.

A Cáritas só atende catadores associados, e aqueles que não são de grupos ficam acompanhados indiretamente pela Pastoral do Povo da Rua⁵⁷. Segundo sua representante, a Pastoral realiza um trabalho difícil com os catadores drogados, doentes mentais, dentre outros, que moram nas ruas. Com efeito, os catadores das ruas, não associados, são trabalhadores que se encontram em um nível de precarização maior. Os associados caminham para alcançar um nível de organização maior em seu trabalho, na tentativa de estabelecer parcerias, ganhar aprendizados, doações e melhores valores nos materiais recolhidos, enquanto os catadores de rua não associados ficam à mercê da ação dos deposeiros, sendo cada vez mais explorados, mais vulneráveis.

As palavras da catadora Helicônia, do Grupo Raios de Sol, proferidas durante uma das reuniões do FEL&C, nos informam a relevância do papel do Fórum no processo de mobilização, organização e valorização dos catadores de Fortaleza: “Antes do Fórum, nós não sabia nem para onde ir, agora nós sabemos, lutamos de maneira unida, organizada e correta”.

Em nossos contatos com a Rede de Catadores, identificamos que uma de suas maiores reivindicações para com a gestão municipal e, por extensão, para com a população em geral, é justamente a luta para conseguir a implantação de um amplo projeto de coleta seletiva na cidade de Fortaleza, com políticas públicas de inclusão e capacitação, bem como um galpão onde os catadores pudessem

⁵⁷ Desde 2002, a Pastoral do Povo de Rua de Fortaleza trabalha junto à população de rua, em um trabalho de evangelização e filantropia. Em Fortaleza, ela funciona na Rua Sobral, s/n – Centro, no subsolo da Catedral Metropolitana.

armazenar o material coletado e que também servisse como sede⁵⁸ para a Rede de Catadores. Objetivos compartilhados igualmente pelo Fórum.

Enquanto fomos membros do Fórum, também presenciamos manifestações dos catadores contrárias a projetos de coleta seletiva implantados em Fortaleza por algumas empresas que não beneficiavam os catadores. Um deles, alvo de grandes críticas, foi o da Concessionária de Energia Elétrica do Ceará. Segundo os catadores, a população fortalezense estava deixando de doar os recicláveis para ganhar descontos na tarifa mensal de energia. Com isso, os catadores estariam sendo prejudicados.

Como vimos, os catadores são trabalhadores urbanos precarizados. Nas palavras proferidas pela catadora Angélica (Grupo Dom Lustosa) - na primeira reunião do Fórum de 2008 -, constamos tal realidade: “O catador, trabalha o dia todo, todos os dias, de sol a sol, faça chuva ou faça sol, feriado, dia santo, se não trabalhar, não tem o que comer, não tem o que levar para casa, por isso, nós sai para rua todo o dia”. Assim, eles estão nas ruas, trabalhando todos os dias e, em seus deslocamentos, desenvolvem estratégias e tentam construir territorialidades, a fim de se apropriarem de porções da cidade, para garantir os recicláveis, como veremos a seguir.

⁵⁸ Os catadores objetivam obter da prefeitura o antigo prédio da Companhia de Abastecimento, situado na frente do prédio da Emlurb, no bairro Benfica. O prédio estava abandonado. Segundo eles, ali seria um lugar ideal para a instalação de uma usina de separação de recicláveis, bem como para o funcionamento da sede da Rede. Os catadores ainda afirmam que a presidência da Emlurb mostra-se, por ora, favorável a esta idéia.



A exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias a que as relações capitalistas relegaram a maior parte da humanidade faz com que muitos, no lugar de partilharem múltiplos territórios, vaguem em busca de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana.
Rogério Haesbaert

4 TERRITORIALIDADES DA ATIVIDADE DA CATAÇÃO DE RECICLÁVEIS EM FORTALEZA

4 TERRITORIALIDADES DA CATAÇÃO DE RECICLÁVEIS EM FORTALEZA

4.1 Espaço Público e Territorialidades

As territorialidades dos catadores discutidas no presente trabalho, são territorialidades estabelecidas nos espaços públicos da cidade de Fortaleza. Teoricamente os conceitos de espaço público e territorialidades possuem um certo distanciamento, tendo em vista, que o público se refere ao espaço de todos e as territorialidades, aos espaços apropriados, entretanto como nos adverte Gomes (2002), do ponto de vista concreto e físico da cidade, esses conceitos se relacionam e se aproximam.

Em nossa pesquisa, enfocamos justamente os processos de territorializações engendrados principalmente nos espaços públicos, em especial, nas ruas, nas calçadas e nas praças, espaços estes que possuem uma dinâmica particular na reprodução do espaço urbano capitalista.

As contradições, suscitadas pela expansão do capitalismo, dão-se a partir do seu processo de reprodução, que exerce influência direta no processo de reprodução do espaço. No bojo dessa dinâmica, tem-se a necessidade de se aprofundar o debate em torno das contradições entre o espaço público e o privado (CARLOS,1999).

Segundo Silva (2006, p.29):

[...] a expressão '*público*' traz uma variação de significados, podendo estar associada ao conceito de estatal, gerido pelo Governo, seja na esfera nacional, estadual ou municipal. E também está associado ao uso coletivo ou comum de um determinado espaço ou bem público.

Para melhor apreender o conceito de espaço público, seguimos a proposta de Gomes (*op.cit.*, p. 172), que, o define como sendo: “[...] um conjunto indissociável de formas físicas, práticas e dinâmicas sociais”. Ao se referir sobre o conceito de espaço público, Gomes (*op.cit.*) ainda ressalta a existência de algumas inadequações que devem ser debatidas, a saber: o espaço público não é apenas aquele espaço que não é privado, nem somente uma área delimitada juridicamente pela lei, nem puramente um espaço definido pela característica de livre acesso, ou seja, o espaço público adquire uma dimensão mais complexa, possuindo uma relação direta com a vida pública, a cidadania, a diversidade e a democracia, isto é, o espaço público é onde se desenvolve a vida pública, a diversidade de

pensamentos e onde os princípios da democracia e da cidadania devem estar presentes.

Conforme Gomes (2002), na atualidade, ocorre um recuo da valorização e da dimensão do espaço público urbano por parte das classes mais abastadas, em função de diversos fatores – dentre estes, há o que ele chama de *emuralhamento da vida social*, possibilitado pelos serviços telemáticos, pela internet, pelas redes de televisão, bem como pelo crescimento das *ilhas utópicas*, ou seja, do aumento dos espaços coletivos fechados, como shoppings e condomínios residenciais exclusivos, estes oferecendo aos seus usuários: segurança, prazer, limpeza, lazer e conforto. Tais empreendimentos estão se expandindo fortemente nas zonas urbanas, verificando-se, em conseqüência, uma desvalorização dos espaços públicos, como as ruas e as praças. Os atributos presentes nos espaços privados nem sempre estão presentes nos espaços públicos da cidade capitalista. Nessa perspectiva, verificamos que, na urbe, “[...] cada vez mais o lazer e o flunar; o corpo e os passos [daqueles que podem] são restritos a lugares vigiados, normalizados, privatizados” (CARLOS, 1999, p. 178).

Silva (2006, p.37) nos esclarece que:

Em virtude do ‘abandono’ dos espaços comuns pela classe dominante da cidade e da sua recusa em compartilhar uma vida social dentro de um espaço coletivo, surge o fenômeno da ocupação dos espaços públicos por grupos sociais mais pobres que estão, em sua maioria, excluídos da economia formal.

Assim, com o aprofundamento da pobreza, vemos que os espaços públicos das cidades acabam por serem habitados, muitas vezes pelas camadas mais populares que os utilizam como lugares de moradias ou como lugar de trabalho para conseguir o sustento diário. Nesses espaços são visualizados processos de territorializações por meio de apropriações. Segundo GOMES (*op.cit.*), em muitas cidades brasileiras, há uma tendência dos espaços públicos se transformarem em locais agregadores da classe menos abastada. O comércio ambulante de mercadorias, a prostituição, a mendicância, são cenários encontrados nas calçadas dos centros das cidades e nas praças.

Um outro componente significativo no processo de recuo dos espaços públicos é a afirmação das identidades territoriais que se processa através da diferença social. Nesse sentido, um território próprio a um grupo é concebido em um terreno onde existem regras e limites (Gomes, *op.cit.*).

Jovens que se organizam em gangues, demarcando sua área de influência, evangélicos que pregam a promessas de Deus nas praças e nos terminais de ônibus, narcotraficantes que controlam bairros nas periferias das grandes cidades com o intuito de garantir sua atuação, flanelinhas que disputam a guarda dos carros em determinadas ruas e prostitutas que se apropriam de praças para garantir seu espaço de trabalho, são apontados por Silva (2006), como grupos que estabelecem territorialidades e tentam se auto-afirmar ao exercerem influência sob determinadas áreas das cidades.

Em nosso estudo identificamos mais um ator que se tornou protagonista das ruas e contribui com os processos de territorializações nos espaços públicos, a saber: o catador de resíduos sólidos recicláveis.

Nesse sentido, entendemos que a evolução das territorialidades identitárias urbanas, corroboram com a atual dinâmica existente nos espaços públicos, pois determinados grupos sociais como; ambulantes, prostitutas, mendigos, catadores, limpadores de carros, flanelinhas, entre outros, apropriam-se das ruas, calçadas, praias e praças e buscam garantir nesses espaços suas demandas. Neste contexto, as dificuldades, o medo, a insegurança, a violência, os conflitos e a criatividade povoam os espaços públicos de Fortaleza, principalmente por uma população de menor poder aquisitivo. Para essa parcela da população, as ruas e as praças, são interpretadas como pontos estratégicos para se garantir a sobrevivência.

4.2 Territorialidades precárias, territorialidades da sobrevivência

Os conceitos de território e territorialidades na Geografia constituem motivo de longos e exaustivos debates. As perspectivas tradicionais da Geografia vinculam com frequência o território à noção Jurídico-Política e à formação dos Estados Nacionais. Uma concepção mais contemporânea elaborada pelo geógrafo Haesbaert (2004a) defende que o território seja interpretado de forma integradora, isto é, que seu entendimento contemple a dimensão simbólica ou cultural, bem como a dimensão material associada aos aspectos econômicos e políticos em diversas escalas (HAESBAERT, *op cit.*).

No decorrer de nossa investigação percebemos que o debate sobre território desenvolvido pelo geógrafo Rogério Haesbaert (2004a, 2004b, 2005) foi o que mais se adequou a nossa temática de estudo.

O referido autor (2004a, p. 235), defende que o território e os processos de territorialização sejam interpretados como: “fruto da interação entre relações sociais e controle do / pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo da apropriação)”.

Nesse sentido, o território é visto como uma área de feições e relações de poder, onde as territorialidades tentam controlar o acesso e os fluxos da mesma. Nessa concepção de território, as territorialidades podem ser ativadas e desativadas (SACK, 1986 apud HAESBAERT, 2004a).

Em relação à territorialidade humana comungamos também com o que nos informa Sack (*op cit.*, apud Haesbaert, *op.cit.* p. 86), ou seja:

A territorialidade é definida como uma tentativa, por um indivíduo ou grupo de atingir / afetar influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, pela delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Esta área será chamada território.

No tocante à compreensão das territorialidades, compartilhamos ainda da tese de Haesbaert (*op.cit.*, p. 16) o qual afirma que:

Cada um de nós necessita como recurso básico territorializar-se não nos moldes de um “espaço vital” ratzeliano, que impõe o solo como um determinante da vida humana, mas num sentido muito mais múltiplo e relacional, mergulhado na diversidade e na dinâmica temporal do mundo.

Nas leituras de Haesbaert (2004a, 2004b, 2005) é recorrente a máxima de que o homem não pode subsistir sem território e que são cada vez mais constantes as situações de precarização territorial, as quais ele associa aos grupos excluídos. Para ele as situações degradantes em que se encontram grupos socialmente excluídos ou inclusos precariamente não implicam em processos de desterritorialização, mas sim, se caracterizam como formas de estabelecimento de territorialidades de maneira precária, ou seja, de maneira insuficiente. Nesse sentido, o que muitas vezes poderia se caracterizar como um processo de desterritorialização, isto é, situações em que esses grupos estariam sem território, se configura, com efeito, como uma territorialização em novas bases, em bases que apenas lhes garantem a sobrevivência cotidiana, sem o efetivo ou total controle do território. Na verdade, o que observamos, são formas de apropriações para atender às necessidades individuais ou de um grupo. Uma apropriação que não implica necessariamente “propriedade” (LEFEBVRE apud HAESBAERT, *op.cit.*, p. 94).

No debate sobre desterritorialização, entendemos que este processo nunca ocorre de maneira total, isto é, nunca ocorre desvinculado de processos de

reterritorialização. Desse modo, Haesbaert (2004), nos adverte que essa forma de se territorializar em novas bases, em bases insuficientes deve ser vinculada a situações ou fenômenos de: “efetiva instabilidade ou fragilização territorial, principalmente entre grupos socialmente mais excluídos e / ou profundamente segregados e, [que] como tal estão de fato impossibilitados de construir e exercer efetivo controle sobre seus territórios” (HAESBAERT, *op.cit.*, p. 312).

Para o referido autor à exclusão poderia produzir indivíduos desterritorializados, porém como o mesmo adverte “não há uma situação de completa exclusão social, também não há completa exclusão e / ou privação territorial, isto é, a desterritorialização num sentido absoluto” (HAESBAERT, *op.cit.*, p. 315).

No que se refere às situações da “completa exclusão social” e ao processo de inclusão precária, partilhamos da tese de José de Souza Martins (1998), para quem a exclusão ou desenraizamento, em termos absolutos e rigorosos é um absurdo, pois ela não constitui fato isolado. Ora, no sistema capitalista, os desempregados, subempregados ou atores desprovidos de recursos materiais também consomem minimamente e / ou realizam determinados trabalhos que acabam por contribuir com a manutenção da lógica capitalista, esta que tenta tudo reduzir à condição de mercadoria. Logo eles, não vivenciam uma exclusão total e sim estão incluídos, porém de maneira precária.

Segundo Martins (1997) apud Haesbaert (*op.cit.*) os pobres, os marginalizados, os refugiados, os desprovidos de bens, os expropriados, estes compõem o universo dos que vivenciam uma inclusão precária e são vítimas de processos sociais, políticos e econômicos perversos.

Em Fortaleza, em nosso entendimento existe uma gama de sujeitos que estão incluídos precariamente na sociedade e que vivenciam processos de fragilidade territorial, que não possuem um controle efetivo de seu território e que por conta disso estão territorializados precariamente. Meninos e meninas que moram nas ruas, flanelinhas, mendigos, prostitutas, vendedores ambulantes sem regularização e os catadores de recicláveis que trabalham nas ruas, são exemplos de atores que tecem territorialidades precárias no espaço urbano fortalezense.

É dessa forma que os catadores de recicláveis ora analisados se inserem na realidade atual, ou seja, vivenciando processos de inclusão precária na sociedade de consumo, processos que geram territorialidades precárias. Essa inclusão

degradante se manifesta em “formas pobres, insuficientes e, às vezes até indecentes de inclusão [...] [contudo] é importante considerar que eles não estão fora dos limites da sociedade” (HAESBAERT, 2004, p. 317).

Castel (1998, p. 568-569), se referindo a sociedade francesa, assim revela a situação de parte da população:

[...] não há ninguém fora da sociedade, mas um conjunto de posições cujas relações com seu centro são mais ou menos distendidas: antigos trabalhadores que se tornaram desempregados de modo duradouro, jovens que não encontram emprego, populações mal escolarizadas, mal alojadas, mal cuidadas, mal consideradas etc [...].

Estes indivíduos constroem, ao nosso ver, territorialidades mínimas, territorialidades da sobrevivência, pois dialogando com Haesbaert (*op.cit.*, p.17), vemos que:

[...] a exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias a que as relações capitalistas relegaram a maior parte da humanidade faz com que muitos, no lugar de partilharem múltiplos territórios, vaguem em busca de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana.

A catação nas ruas, muitas vezes é uma atividade itinerante, os catadores movimentam-se em busca dos melhores resíduos recicláveis em diferentes pontos da cidade, em locais, na maioria das vezes distantes de suas residências. Podemos também dizer que suas territorialidades são flexíveis, pois os territórios são antes relações sociais projetadas no espaço do que espaços concretos (SOUZA, 1992).

Esses sujeitos constroem territorialidades no desenvolvimento de sua atividade laborativa diária, nos seus deslocamentos, na mobilidade, que para eles se constitui como um verdadeiro trunfo, um elemento de grande relevância, de grande riqueza como veremos a seguir.

4.3. Catadores: sujeitos em movimento tecendo territorialidades

No espaço urbano contemporâneo, com a ampliação das comunicações e uma maior interação entre pessoas e mercadorias, o movimento ganha outra dimensão, ou seja, surgem novos fluxos decorrentes de novos padrões de mobilidade vivenciados pela população e, em especial, pela população das cidades e das metrópoles. Cada vez mais, as sociedades urbanas instauram modos de vida baseados no consumo, no instantâneo e na “descartabilidade”. Ao mesmo tempo, estas se caracterizam, por serem sociedades em que os movimentos, a mobilidade, ganham amplitudes e latitudes nunca antes vistas. As mobilidades ganham tanto

destaque que cientistas de vários campos consideram o movimento “como característica maior da modernidade”⁵⁹. Para Ascher (2004), a mobilidade não pode ser reduzida unicamente aos deslocamentos físicos em um espaço, restrito, às estradas e demais infra-estruturas de transporte, pois “o movimento encontra-se no coração de nossas sociedades, economicamente, socialmente e urbanisticamente”, estando no centro da própria vida (ASCHER, 2004, p. 21).

Com relação à mobilidade dos catadores, conforme Amora e Guerra (2005c, b), esses trabalhadores revelam dispor de capital mobilidade importante que lhes permitem transitar no espaço metropolitano, sendo possível situá-los dentre os sujeitos sociais de grande mobilidade física intra-urbana. Em nosso trabalho de campo constatamos que para os catadores de rua que não são de associações, quanto maior este capital, melhor situado está o catador de rua em relação aos demais, pois a amplitude de seus deslocamentos é maior e em muitos casos, ampliam-se as possibilidades de conseguir melhores materiais recicláveis e em maiores quantidades para venda. Seus sistemas de mobilidade pela cidade são mais complexos do que aqueles dos catadores que são de associações e seus territórios são mais precários.

Dentro dos complexos sistemas de mobilidade que envolvem, a mobilidade das pessoas, dos bens e da informação, que podem ser cotidianas, pendulares, raras e excepcionais (AMORA e GUERRA, 2005b). Destacamos sinteticamente nesta pesquisa, aquelas mobilidades cotidianas relacionadas com a precarização e a degradação das condições de vida e de trabalho dos catadores de materiais recicláveis. Neste contexto, efetivamos uma análise sucinta dos seus sistemas de mobilidades, enquanto definidores de novas territorialidades urbanas associadas a estas condições precárias de existência e, em última instância, definidores de novas urbanidades em grandes cidades como Fortaleza.

O movimento é uma característica marcante na atividade dos catadores. É intensa sua mobilidade espacial dentro da cidade, mobilidade essa que os possibilita coletar grande número de materiais recicláveis. Podemos até mesmo dizer que eles possuem uma *competência de mobilidade* (LÉVY, 2001), adquirida em sua experiência cotidiana.

⁵⁹ Em junho de 2003, um grande colóquio reuniu na França pesquisadores de diversos horizontes para tratar da problemática da mobilidade (geógrafos, arquitetos, urbanistas, sociólogos, politólogos, economistas, especialistas em meio ambiente, dentre outros).

No âmbito da Geografia brasileira Haesbaert (2004), iniciou a discussão sobre a relação mobilidade e território. Este autor afirma que mobilidade não é necessariamente sinônimo de desterritorialização, “a territorialização pode ser construída no movimento, no movimento sobre o qual exercemos nosso controle e / ou com o qual nos identificamos” (HAESBAERT *op.cit.*, p. 236). Assim *na repetição do movimento*, é possível se territorializar.

Em relação aos catadores de rua, suas territorialidades são estabelecidas nos espaços públicos fortalezenses, como: praças, ruas, avenidas, calçadas, viadutos, calçadões, praias e becos. A apropriação desses espaços ocorre de maneira frágil, porém de forma expressiva, tendo em vista que tais espaços lhes proporcionam um determinado nível de segurança, conforto, descanso, além de interações com outros colegas de atividade, sem contar que em alguns casos eles são usados até mesmo como abrigo. A experiência em acessar vários lugares durante o trajeto na busca pelos recicláveis mostra a mobilidade dos catadores.

Considerando seus deslocamentos e sua fluidez na metrópole, os catadores poderiam ser tidos como indivíduos desterritorializados. Notamos, ao contrário, que eles constroem territorialidades estabelecendo teias de relações sociais nos lugares por onde passam cotidianamente. Nestes lugares, a precariedade e, por vezes, a extrema riqueza se encontram lado a lado; a filantropia se renova e retoma sentido; a riqueza dos bairros por onde passam, a força de homens e mulheres contrasta com os farrapos e resíduos coletados.

Os catadores percorrem as ruas da cidade, puxando ou empurrando as carroças, construindo territorialidades mínimas que lhe garantem a sobrevivência cotidiana. O espaço dos deslocamentos cotidianos desta camada da população é consideravelmente amplo. A rua passa a ser o território privilegiado de vida, principalmente para os catadores que não pertencem a associações. O local de moradia, situado em bairros mais distantes, implica longos deslocamentos em direção aos bairros da catação que em geral estão distantes. Dentre os catadores por nós entrevistados, constatamos que grande parte, quando não era morador de rua, residia em bairros periféricos da zona oeste, como: Goiabeiras, Barra do Ceará e Jardim Iracema e sudoeste como: Canidezinho, Siqueira e Parque São José, seus trajetos ocorriam no sentido Periferia-Centro- Aldeota.

Entre os catadores de rua, possuir esse grande potencial mobilidade física e de conhecimento da cidade é quase uma pré-condição para execução de sua

atividade. Todavia, estas mobilidades, este capital mobilidade está diretamente relacionado com suas condições precárias de vida, constituindo inclusive um capital que lhes possibilita sobreviver materialmente e ter uma existência social. Esta hipótese levantada no início da pesquisa, revelou-se verdadeira, pois em nossas incursões no campo, nas observações empíricas, constatamos que o avanço no processo de organização dos catadores em associações resultou em maior ordenamento dos sistemas de mobilidade e na configuração de territórios da catação melhor definidos, organizados pelas entidades que mapeiam e sistematizam a coleta orientando seus associados. Para os catadores não associados essa mobilidade reveste ainda de maior valor.

Jacques Lévy (2001), em seu artigo “os novos espaços da mobilidade” nos convida a entender a mobilidade como uma relação social de grande riqueza, atrelada à mudança de lugar, não se reduzindo ao mero deslocamento e pondo os lugares em relação, aproximando as distâncias e possibilitando o acesso a diversificados locais. Conforme Amora e Guerra (2005b), todo movimento no espaço da cidade, isto é, as expressões físicas dos movimentos no espaço, nos conduzem a territórios produzidos e apropriados por diferentes agentes. Ainda segundo Lévy (*op.cit.*, p. 3), “A mobilidade é efetiva porque os seus operadores possuem uma competência de mobilidade. A mobilidade tem sentido porque, no quadro do domínio do espaço, ela entra na composição do capital social dos indivíduos”. Esse potencial de mobilidade possibilita o desenho de estratégias pelos indivíduos no espaço.

A mobilidade nos espaços urbanos por vezes interpretada sob a ótica do determinismo econômico, era tida como diretamente proporcional às condições materiais de existência, ou seja, a amplitude e diversidade dos deslocamentos, era associada fundamentalmente ao poder aquisitivo dos indivíduos que os propiciava, por exemplo, ter acesso a veículos. Contudo, na atualidade, essas interpretações merecem ser ampliadas, tendo em vista, que mesmo indivíduos que não possuem recursos financeiros consideráveis mostram deter outros recursos e capitais, como o *capital mobilidade* (AMORA E GUERRA, 2005b). Os catadores são exemplos desse sujeitos.

Tratando-se das cidades, as mobilidades ascendem à condição de complexos sistemas, que demandam análises cada vez mais acuradas, capazes de apreender a problemática em seu amplo espectro, considerando-a em contextos sócio-políticos e econômicos específicos, em uma perspectiva de totalidade.

Em nossas incursões de campo, identificamos áreas onde os catadores de rua tentam em seus movimentos cotidianos estabelecer uma relação de controle, mesmo que frágil, a fim de garantir a coleta de materiais recicláveis. Não há um controle efetivo dessas áreas, mesmo porque eles trabalham em espaços públicos (ruas, avenidas, praças, calçadas, viadutos), porém é nítido o movimento diário e sistemático desses trabalhadores em muitos logradouros da cidade, na tentativa de assegurar bons lugares para coleta, lugares estratégicos para chegar antes do caminhão da coleta regular de lixo ou mesmo antes de outros catadores.

Em Fortaleza, o Centro comercial da cidade, em especial a praça José de Alencar, a praça General Tibúrcio (dos Leões), a praça Coração de Jesus e a praça da Lagoinha são locais onde os catadores se encontram e se apropriam de fragmentos destes espaços em alguns horários do dia e, principalmente, à noite. Os grandes corredores comerciais como as avenidas; 13 de Maio (bairro de Fátima), Bezerra de Menezes (bairro São Gerardo), Pontes Viera (Dionísio Torres), Domingos Olímpio (bairro Centro), Antonio Sales (bairro Dionísio Torres), Barão de Studart (bairro Aldeota), Santos Dumont (bairro Aldeota), Gomes de Matos (bairro Montese), Alberto Magno (bairro Montese), Aguanambi (bairro de Fátima), Fernandes Távora (Henrique Jorge) e Avenida dos Expedicionários (porção centro sul da cidade) são espaços bastante visitados e nitidamente territorializados pelos catadores, em razão de deterem grandes quantidades de “lixo bom”, o rejeito que é matéria-prima para o mercado da reciclagem. Outro lugar que concentrava grande número de catadores e que foi identificado em nossa pesquisa, foi à parte inferior do viaduto da BR 116 (marco zero da BR), espaço que se tornou o lar de um grupo de famílias catadoras como fizemos alusão no capítulo anterior.

A concentração de catadores nos bairros depende também dos dias da coleta do lixo domiciliar, por exemplo, nos bairros Aldeota e Meireles, este ocorre as segundas, quartas e sexta-feiras, no Bairro de Fátima e Montese nas quintas, terças e sábado e no Centro a coleta ocorre todos os dias em função do maior volume de resíduos gerado nessa área.



FIGURA 25 : Catadores conversando em uma praça localizada no bairro de Fátima.
Fonte: Rocha. Outubro 2007.

Nossa pesquisa empírica, confirma a afirmativa de Lévy (2001, p. 4):

[...] a tentação de reduzir a competência de mobilidade a um nível de renda [afirmando que] os pobres não se moveriam porque não teriam os meios de se deslocar, nem de morar em bairros bem conectados com o resto da cidade. É uma tese que parece não ter credibilidade.

Em nossa pesquisa empírica tivemos a oportunidade de conhecer pessoas de baixa renda que dependem de seus corpos, de sua mobilidade para trabalhar. Em seus movimentos diários elas acessam vários espaços da cidade de Fortaleza, mesmo que não possam usufruir o que eles oferecem, ou melhor, usufruem somente dos rejeitos dos mesmos.

Ressaltamos novamente a existência de vários tipos e diferentes razões para a mobilidade, a saber: mobilidades sociais, físicas, culturais, comportamentais, afetivas, cognitivas entre outras. A mobilidade citada em nosso estudo não se refere ao mero deslocamento em transportes, mas sim à relação social estabelecida com o espaço urbano, com a cidade, realizada independente de transporte, isto é, de veículos automotivos. Nessa relação é comum identificar uma gama de indivíduos que realizam longos percursos a pé, mesmo sem deter recursos materiais consideráveis. Assistimos a uma verdadeira mobilidade compulsória realizada por muitos indivíduos que buscam a sobrevivência cotidiana e que desenvolvem esses movimentos na cidade de maneira precária.

Muitos vendedores ambulantes, a exemplo dos vendedores de picolé, de tapiocas, churrasquinhos, os galegos⁶⁰ e os catadores de recicláveis se inserem no grupo dos trabalhadores que trabalham em mobilidade. Vale lembrar que, conforme Amora e Guerra (2005c), nos países subdesenvolvidos, a busca de atividades que possibilitem a sobrevivência envolve uma diversidade de modos de deslocamento que compreendem desde as longas caminhadas cotidianas, aos transportes de trabalhadores em carroças, caminhões e bicicletas e demais formas de transporte coletivo precário, como os velhos trens urbanos que percorrem vastas periferias em condições aviltantes.

Os “excluídos” do mundo do trabalho formal, mas incluídos precariamente na sociedade capitalista de consumo, são muitas vezes obrigados a adentrarem no mundo da informalidade da economia, sujeitando-se a exercer trabalhos subumanos, de forma precária e vulnerável, que requerem, em alguns casos, intensa mobilidade cotidiana. Esse é o caso dos catadores de materiais recicláveis, empurrados para os “circuitos de mobilidade compulsória na luta pela sobrevivência cotidiana humana” (HAESBAERT, 2004, p. 22).

Nessa perspectiva, entendemos que a territorialidade desses sujeitos sociais é construída no movimento, ou seja, a partir de seus deslocamentos cotidianos, assim verificamos que “sua territorialidade é construída na própria mobilidade espacial. Até porque não se trata de um movimento pelo movimento, completamente sem rumo” (HAESBAERT, *op.cit.*, p. 242). “[...] é um movimento dotado de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói” . (HAESBAERT, *op.cit.*, p. 281). É um movimento no espaço urbano contemporâneo norteado pela busca do melhor lixo, ou seja, da melhor forma de se obter rendimento em seu labor cotidiano. Vimos que nesta busca alguns espaços são privilegiados. Nestes, as tensões, as relações de poder e os conflitos estão presentes ou latentes.

4.4 O Centro de Fortaleza na mira dos catadores

O Centro comercial tradicional de Fortaleza, delimitado pelas Avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel é o espaço onde podemos visualizar uma considerável quantidade de catadores de rua, seja trabalhando, descansando,

⁶⁰ O Galego é uma espécie de vendedor de porta em porta, que vende principalmente móveis à prestação, para população que geralmente não tem acesso às opções de compra parcelas em lojas. Ele combina os dias de pagamento com o cliente e vai pessoalmente na casa do comprador com seu carrinho para receber pagamento.

dormindo ou conversando. Este podemos dizer é o espaço por excelência da catação em Fortaleza.

A lógica dos que vão para o Centro é tentar se apropriar de algumas ruas onde exista um grande número de estabelecimentos que gerem boas quantidades de “lixo bom”. Os materiais que eles mais conseguem no Centro é papelão, papel e plástico oriundos principalmente das embalagens dos produtos comercializados nas lojas. É comum encontrar catadores próximos aos contêineres de lixo localizados nas praças ou calçadas do Centro.

Na praça José de Alencar, praça emblemática e popular do Centro da cidade, onde transeuntes disputam lugar com vendedores ambulantes, turistas, artistas, trombadinhas, policiais, prostitutas e religiosos, é comum visualizar carroças de catadores estacionadas ao lado de três contêineres dispostos no canto sudoeste da praça, mais especificamente do lado do Centro Popular dos Pequenos Negócios Ambulantes (popularmente conhecido como Beco da Poeira).

Em nossas entrevistas e observações, percebemos que este se consubstancia como um lugar estratégico para os catadores, é lá onde eles encontram os outros colegas de atividade, conversam, separam os materiais recolhidos durante o dia e esperam que os empregados das lojas depositem o lixo nos contêineres. No mês de Dezembro, período de grande movimentação no comércio, o número de catadores que trabalham no Centro aumenta, diferentes catadores chegam a passar o dia inteiro nas imediações da Praça José de Alencar, esperando e separando os recicláveis.



FIGURA 26: Catadores de rua na Praça José de Alencar no período natalino
Fonte: Rocha, Dezembro de 2007.



FIGURA 27: Catadores na praça José de Alencar próximo ao Beco da Poeira
Fonte: Rocha, Dezembro de 2007.



FIGURA 28: Catador descansando na praça dos Leões no Centro
Fonte: Rocha, Janeiro de 2006.

A calçada do estacionamento situado na frente da loja Acal, na Av. Tristão Gonçalves destaca-se como outro “reduto de catadores”. Nesse local, catadores se misturam a mendigos e malandros. Em nossas observações constatamos que ali os catadores bebem, se drogam, dormem e conversam. Este é um ponto bem conhecido por estes trabalhadores, por isso é possível visualizar muitas carroças estacionadas ali.



FIGURA 29: Carrinhos dos catadores estacionados na Avenida Tristão Gonçalves.
Fonte: Rocha, julho. 2007.



FIGURA 30: Família de catadores dormindo em um posto de gasolina do Centro
Fonte: Lima, dezembro de 2007.

Na figura 31 destacamos com traços amarelos, os locais citados pelos catadores de rua e também onde visualizamos o maior número deles dormindo, conversando, comendo, descansando, bebendo e / ou recebendo ajuda de entidades filantrópicas. Esses lugares são a calçada localizada em frente à loja Acal, situada na Rua Tristão Gonçalves entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua General Clarindo de Queiros, o posto de gasolina que fica na esquina da praça da Bandeira e as praças José de Alencar, da Lagoinha, do Carmo, dos Leões e do Coração de Jesus, são praças onde geralmente existem templos religiosos e vários

contêineres de lixo. A presença da igreja significa a espera por ajuda dos religiosos e os contêineres a espera pelo lixo. Sobre essa realidade comungamos da tese de Bursztyń (2000), para quem essa população sobrevive, mas:

[...] valendo-se apenas de um acesso precário a mecanismos públicos, como a assistência social e os serviços de saúde e de forma assistemática, também, a caridade privada, a filantropia ou as entidades assistenciais religiosas. Infra-estrutura privada, como habitação, vai se tornando algo distante, inacessível. [...] [eles] transformam o espaço público - as ruas - em seu universo de vida e de sobrevivência privado.

Na representação a seguir, tentamos mostrar os pontos onde a presença de catadores foi marcante durante nosso trabalho de campo. Isso não significa que em outras praças ou lugares não existam catadores, apenas no período de nossas observações no Centro esses lugares ficaram evidenciados e aqui chamamos de territórios dos catadores que trabalham no Centro.



Figura 31: Territórios dos catadores que trabalham no Centro

Legenda: — Territórios dos catadores

Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth, 2007.

Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

Por fim, entendemos que esses trabalhadores urbanos precarizados, verdadeiros *nômades urbanos*, também necessitam de territórios, mesmo que precários, para poder garantir sua existência na cidade capitalista. A vida e o trabalho nas ruas são árduos como veremos nos itens a seguir.

4.4.1 A vida nas ruas: nas trilhas dos catadores das ruas do Centro

Segundo Bursztyn (2000, p.19), “viver no meio da rua não é um problema novo. Se não é tão antigo quanto a própria existência das ruas, da vida urbana, remonta, pelo menos, ao renascimento das cidades, no início do capitalismo”. As ruas, o espaço público são palcos de novos e antigos usos e funções, dentre os usos atuais desses espaços na cidade de Fortaleza, emergem os usos dos catadores.

Os caminhos trilhados pelos catadores de rua não pertencentes a grupos se assemelham aquales dos catadores de associações em relação ao objetivo que é justamente conseguir o maior número de recicláveis, entretanto, com efeito, os primeiros têm de desenvolver sistemas mais complexos de mobilidades, realizando, inclusive, percursos mais longos e às vezes aleatórios na busca diária por recicláveis. Nesse sentido, o estudo do trabalho destes personagens urbanos contemporâneos nos permitiu repensar paradigmas dos estudos das mobilidades espaciais, que associavam as possibilidades de maior mobilidade, da ampliação do capital mobilidade, unicamente às condições materiais de existência, isto é, quanto maior o poder aquisitivo mais variados e mais numerosos seriam os deslocamentos.

Em Fortaleza, os catadores de rua, sujeitos que compõem uma população de baixa renda com vimos no capítulo anterior, se deslocam quilômetros em sua labuta diária. Observamos em nossa pesquisa que quanto mais precarizado o catador, mais o deslocamento se faz relevante em sua atividade, pois assim ampliam-se a possibilidades deles atingirem vários lugares onde potencialmente eles possam encontrar mais lixo reciclável. Em muitos casos eles passam vários dias andando pelas ruas sem voltar para casa e, em outros casos, eles saem com suas próprias famílias, fato que ameniza a saudade e ainda ajuda no trabalho, pois as (os) companheiras (os) e os filhos também se tornam garimpeiros das ruas.

Em nossas entrevistas pelo Centro de Fortaleza, encontramos catadores de vidas sofridas, permeadas por inúmeras dificuldades no âmbito pessoal e profissional. Também encontramos catadores que mesmo diante das adversidades

da vida de catador, gostam do que fazem. Para cada um dos sujeitos entrevistados, a catação tornou-se uma alternativa, uma alternativa por vezes perversa que os obriga a percorrer várias trilhas urbanas para acessarem o maior número de lugares. E estabelecerem territorialidades a fim de lograrem êxito na procura dos recicláveis e assim terem uma renda mínima para viver.

Em nossas idas ao Centro da cidade, nas noites do mês de Julho de 2007, encontramos catadores que não tinham residências fixas e por isso moravam nas ruas. Um deles, o catador Jacinto, um rapaz de 33 anos, separado, natural de Mossoró no Rio Grande do Norte e pai de um filho, assim explica sua vida:

[...] Moro na rua, vivo por ai para ganhar a vida e durmo no depósito de um amigo, quando eu tô lá longe... prefiro dormir dentro do carrinho, coloco ele em algum lugar que fique perto de uma loja que tenha vigia a noite, porque assim meu descanso do trabalho fica mais seguro.

Quando encontramos Jacinto, ele estava lendo um jornal em frente ao Teatro José de Alencar, por volta de nove horas da noite. Nesse dia, já estávamos indo embora, terminado os trabalhos daquele dia. Porém, aquele catador parado, concentrado e lendo jornal, nos chamou atenção. Por isso, fomos conversar com ele. Jacinto relatou que no início dos anos 2000, passou por momentos difíceis, estando sem rumo na vida. Por isso, resolveu sair de sua cidade natal e vir para o Ceará tentar melhorar a vida: *“vim para cá, pegando carona no meio da estrada e tô aqui, não tenho vontade de voltar, só sinto saudade do meu filho”*.

Jacinto trabalhava como garçom em Mossoró, mas desde que chegou aqui a única ocupação que conseguiu foi a de catador. Desde 2000, trabalha como catador, não tem casa, não tem documentos e nem família aqui no Ceará, segundo ele a única coisa que possui é o carrinho de geladeira, este é seu único bem.

No começo, eu trabalhava com um carrinho do dono do depósito lá da Princesa Isabel, perto da Tristão, com dois anos eu consegui juntar meu dinheiro, fiquei conhecido lá no depósito e ai com muito esforço deu para comprar meu próprio carro para trabalhar pegando o lixo

Em sua fala, Jacinto também afirma conhecer Fortaleza toda, em função do trabalho da reciclagem. Para ele, o melhor lugar para trabalhar é *“no Centro e para as bandas da Aldeota”*. Em seu trabalho ele diz ter liberdade, pois trabalha a hora que deseja e vende para quem tem o melhor preço, pois a carroça é sua. Tem renda semanal em média de cento e vinte reais. Ele não pretende deixar a ocupação, pois afirma ter autonomia e não precisa receber ordens de ninguém.

[...] Às vezes ganho pouco, ando muito e fico cansado, mas prefiro trabalhar aqui com isso, do que ficar sendo mandado. Aqui o trabalho é do meu jeito, por enquanto acho que não vou largar meu carrinho não, conheço muita gente, tenho muito amigo.

Durante nossa conversa, Jacinto se mostrou satisfeito com sua atividade, disse que fez vários amigos e que além de catador às vezes presta serviços de limpeza e pequenos consertos nas casas onde recolhe reciclável. Além disso, às vezes ele ainda faz fretes com a carroça para carregar entulhos.

Em sua fala, percebemos que a possibilidade de trabalhar com mais liberdade, mesmo que seja de maneira precária também atrai pessoas para essa ocupação. Na verdade, uma falsa *sensação de liberdade* norteia o trabalho desse e de outros catadores.

Na figura abaixo, os bairros grafados em azul representam os lugares onde Jacinto trabalha, a saber: Montese, Bairro de Fátima, Aldeota, Papicu, Praia de Iracema, Meireles, Varjota e Centro. Ele diz que procura lixo na cidade toda e não tem horário certo para trabalhar. Na fala desse catador percebemos a amplitude de seu deslocamento diário.



Figura 32 : Locais de trabalho de um catador que é morador de rua

Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth, 2007.

Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

Outra entrevista revela o quão árdua é a vida de trabalho nas ruas. Trata-se da entrevista do catador Lírio, rapaz de 32 anos. Durante nossa abordagem, o catador estava na praça José de Alencar ao lado do Beco da Poeira, separando o material recolhido naquele dia. Nossa abordagem aconteceu durante seu momento de trabalho. Apesar disso, ele mostrou-se bem receptivo e respondeu com atenção nossas indagações. Lírio mora no bairro Goiabeiras e é natural do município de Acaraú, município localizado na porção norte do estado, como vemos a seguir:

Moro lá na Grito de Alerta, nas Goiabeiras, [...] nasci no Acaraú é lá pros lado de Sobral [...] meus quatro filhos tão lá. Tá com quatro meses que tô fazendo isso [catando lixo]. Um amigo me chamou pra vim para Fortaleza, dizendo que ia arranjar emprego pra nós trabalhar na construção, só que quando chegamo aqui a única coisa que ele arranjou pra nós foi trabalho com o cara lá da sucata, do depósito de papel e plástico da Barra. Eu era agricultor e tava fraco no interior e devido eu achar que aqui na cidade seria melhor para mim eu resolvi entrar no ramo.

Lírio não gosta do que faz, diz que é um trabalho cansativo e estranho, se dependesse dele, voltaria para o interior para *“capinar e plantar feijão, pois no lixo a gente encontra muita coisa ruim, podre e fedorenta”*. Quando a semana de trabalho é boa ele consegue tirar oitenta reais. Sua carroça pertence a um deposeiro da Barra do Ceará. Nesse depósito trabalham cerca de 20 catadores que fazem o mesmo percurso de Lírio. Para ele, ser catador significa andar muito, trabalhar muito, sofrer nas ruas e ganhar pouco. Lírio diz que carrega diariamente na carroça cerca de 200 kg, como vemos em seu depoimento:

[...] Acho que pego uns 200 kilos, a gente pesa lá e dá mais ou menos isso [...] trabalho de manhã no depósito e à tarde quando dá umas três horas eu e mais meus colegas saimo e a gente volta lá pelas oito, nove horas porque nós acha que é o melhor horário para trabalhar, porque tem mais lixo na rua para agente separar e pegar o que serve para gente.

Ele afirma que às vezes tem vergonha do que faz, de ter que pegar lixo na frente das pessoas que estão na rua. Assim que conseguir juntar dinheiro ele vai voltar para Acaraú, pois trabalhar com lixo para ele é muito difícil.

Lírio sai da comunidade Grito de Alerta todos os dias, vai ao depósito que se localiza na Barra do Ceará e desce em direção ao Centro, pela avenida Castelo Branco (Leste / Oeste), passando pelos bairros Cristo Redentor, Nossa Senhora das Graças (Pirambu), Jacarecanga e Arraial Moura Brasil. Quando chega próximo da Marinha, já no bairro Pirambu, ele pára para descansar. Quando chega ao Centro, ele fica na praça da Lagoinha e depois vai para praça José de Alencar. Segundo ele,

é no Centro onde se consegue encontrar muito material limpo e bom. Na figura a seguir, representamos o percurso diário de Lírio produzido a partir de sua fala. Em seu percurso de ida e volta ele anda aproximadamente 15 km diariamente

Lírio é um exemplo de catador que acha que trabalha demais e não ganha o suficiente para compensar o que faz. Na verdade, ele é mais um dos inúmeros catadores que por não conseguir outra ocupação é explorado pelos donos de depósito.



Figura 33: Percurso diário de um catador de rua

Legenda: — Percurso

Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth, 2007.

Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

Em nossas entrevistas realizadas no mês de Dezembro de 2007 - período de grande afluência de catadores no Centro da cidade - encontramos Delfim, um outro jovem catador e morador de rua, solteiro, natural de Fortaleza, ex - servente de pedreiro que estudou até o 1º ano do Ensino Médio.

[...] tenho de 22 anos, moro aqui na rua mesmo, não encontrei mais emprego e por isso estou nas ruas faz três anos, sendo catador. **Ser catador é ser discriminado, mas é melhor do que estar roubando a negada, porque aqui nós ganha um dinheiro honesto** [grifos nossos] [...] trabalho todos os dias para o dono do depósito da Pinto Madeira, que fica

aqui perto do Parque da Criança, trabalho no bairro de Fátima, Aldeota e Centro.[...] conheço umas associações de catadores lá da Prainha [seminário], mas não trabalho em associação, não porque agente tem de dar o dinheiro apurado pra eles (DELFIN, 22 anos, dezembro de 2007)

Como vimos nas palavras de Delfim, ele trabalha nas ruas há aproximadamente três anos e demonstra que sofre discriminação por trabalhar como catador nas ruas. Ele prefere trabalhar sozinho, pois assim ele afirma ganhar mais e ter mais liberdade, além de poder conhecer mais gente e trabalhar por onde ele entende que é mais vantajoso. Como vimos, ele conhece associações de catadores, mas não quer trabalhar em grupo por achar que os integrantes ficam com o dinheiro conseguido por ele. Essa declaração nos chama atenção, pois demonstra que há catadores que preferem ficar nas ruas trabalhando para os depósitos, ao invés de trabalhar de maneira organizada em associações, por achar que é desvantagem ter que dividir o dinheiro. Assim, continuam sendo explorados e possuem uma falsa sensação de liberdade.

Delfim afirma trabalhar principalmente no Centro e Aldeota. No Centro, ele sempre pega material nos contêineres das praças e na, Aldeota, ele recolhe os materiais descartados principalmente nas avenidas Barão de Studart e Santos Dumont.

Durante nossa entrevista, Delfim estava recolhendo o lixo de contêineres do Parque da Liberdade (Cidade da Criança). Delfim é mais um catador de rua que trilha longos percursos e estabelece pontos estratégicos nas ruas citadas. Vive nas ruas, para ele o espaço público confunde-se com sua casa e seu percurso é penoso para conseguir alcançar o lixo reciclável que garante seu sustento.



FIGURA 34: Delfim em cima do carrinho coletando o lixo do contêiner
Fonte: Rocha, Dezembro de 2007.

Convém ressaltar, que para alguns, os catadores que vivem nas ruas estão excluídos socialmente e vivem às margens da sociedade; exclusão esta que se caracteriza como “um processo de ruptura dos vínculos sociais de um determinado grupo em relação a toda sociedade” (TOSTA, 2000, p. 203). Esse processo relaciona-se principalmente ao mundo do trabalho e ao acesso aos bens e serviços existentes nas cidades. Para Castel (2005, p.12): “Nestes tempos de mundialização da economia, as agendas econômicas e políticas pautadas pela ideologia neoliberal desnudam as novas formas pelas quais o capitalismo “encolhe” sociabilidades, ao excluir cada vez mais pessoas da relação assalariada”. Aqui também, em nossa sociedade observamos um “encolhimento” de formas de sociabilidade, associadas à inserção no mundo do trabalho, mas contraditoriamente, constituem novas formas relacionadas à vida na precariedade.

No contexto atual, a pobreza agrava-se por toda parte, tanto nos países subdesenvolvidos como naqueles ditos desenvolvidos. “A razão disso é que a modernização tecnológica engendra disparidades sociais e econômicas crescentes” (SANTOS, 2000, p. 193). Essas disparidades sociais implicam diretamente na construção e reconstrução de estratégias de sobrevivências nas ruas.

Nos relatos de Jacinto (ex-garçon), Lírio (ex-agricultor) e Delfim (ex-servente), é recorrente a identificação da ausência de emprego como principal motivo para entrar no ramo da catação. As condições precárias e degradantes na realização da atividade também foram mencionadas e por nós observadas. Jacinto e Delfim, apontam como pontos positivos da ocupação a possibilidade de conhecer a cidade e assim, fazer amigos por onde andam. A necessidade de andar muito por vários lugares e tentar delimitar territórios para garantir a coleta do lixo reciclável é outra máxima em suas falas.

Nesta perspectiva, nas trilhas dos catadores de rua que conhecemos, vemos que estar disposto a caminhar longas distâncias pelas ruas e avenidas para atingir lugares onde há grande concentração de riqueza econômica como Centro e Aldeota. Logo, grandes quantidades de resíduos, é um hábito rotineiro desses trabalhadores. São lugares onde eles adentram e tentam manter relações e condutas que lhe permitam tocar no pouco que sobrou e foi rejeitado nesses espaços.

4.4.2 Violência, medo, discriminação e disputa no percurso dos catadores de rua

O catador em seu trabalho pelas ruas é alvo de várias interpretações, ora ele é um amigo do meio ambiente, ora ele é um mendigo, ora ele é ladrão. Existe uma discriminação por parte da população que tem medo dos catadores. Há uma relação de aceitação e convivência harmônica com uma parcela da população que o ajuda e, por vezes, estabelece relações amigáveis, enquanto outra parcela discrimina esses trabalhadores

Conforme Bursztyn (2000), há uma relação direta entre a vida nas ruas e a sobrevivência a partir da coleta de materiais recicláveis. Nessa relação, seus sujeitos às vezes podem tornar-se perigosos, na proporção que praticam delitos. Também são facilmente estigmatizados e discriminados como sujeitos que oferecem riscos à segurança pública, além de serem vítimas de violência e assaltos.

A reflexão do referido autor se confirma nas ruas de Fortaleza, na rotina de trabalho dos catadores. Podemos constatar tal realidade nos depoimentos colhidos nos Centro. Dentre as entrevistas que nos chamaram a atenção e que representam bem as assertivas acima, está a da catadora Rosa.

[...] Moro aqui no Centro ali perto do Mercado Central, em uma casinha pequena, humilde [...] tô com 37 anos [...] sou solteira e mãe de sete filhos [...] Já fui Faxineira e Lavadeira. [...] **mês passado fui assaltada, levaram o carrinho com o todo meu material ali perto da Acal**, [grifos nossos] tô devendo o carrinho para o dono do depósito, por isso quando vou no depósito deixar o material do dia, ele desconta o valor do carrinho que me **roubaram** [...] **Não saio sozinha, porque é perigoso, tenho medo e também porque não tenho com quem deixar os filhos e ai eles vão me ajudando**. [grifos nossos] [...] Agente sofre com o preconceito, mas não pode fazer nada, **olha tem gente que tem nojo da gente que passa e fica se ajeitando e com cara feia**, [grifos nossos] mas eu continuo meu trabalho, preciso (ROSA, 37 anos, julho de 2007).

Nas palavras de Rosa vemos que o medo da violência e a discriminação estão presentes em seu cotidiano. Para Rosa, os melhores lugares para se trabalhar são: Centro, Aldeota e Beira Mar. Ela sai para catar no período da tarde e não tem hora certa para voltar, depende de onde e do peso do material que consegue recolher.

No momento de nossa entrevista, dois filhos seus, estavam presentes - uma menina de seis anos, que estava dentro do carrinho e um menino de doze anos que separava o material conseguido no Beco da Poeira - . Rosa perdeu o emprego e o companheiro. Por isso, resolveu pegar um carrinho e trabalhar com recicláveis.

Ela trabalha todos os dias e está no ramo há dois anos. Rosa revela que não gosta do que faz, mas precisa e por isso não pode parar, diz que anda muito e recebe pouco. Por semana, em média, ela só consegue ganhar cerca de trinta reais. Por dia, a catadora afirma que chega a pegar quase cem kilos de material. “O carrinho vem cheio, mas quando chega no depósito só dar uma mixaria⁶¹” (ROSA, 37 anos Julho de 2007). O carrinho não é dela e sim do deposeiro.

Baseados na fala de Rosa e nas ruas que ela mencionou durante nossa entrevista, elaboramos uma figura para tentar visualizar melhor seu deslocamento diário. Considerando seu depoimento, ela anda no Centro, na Aldeota e vai até a Beira Mar no Meireles. Assim a distância percorrida em seu trajeto de ida e volta é de aproximadamente 20km, segundo a medida do Google Earth (Cf., figura 35). Ela mencionou como locais de coleta, as avenidas General Bezerril, Duque de Caxias / Heráclito Graça, Barão de Studart, Santos Dumont, Desembargador Moreira, Beira mar e Dom Manoel. Estas estão tracejadas em vermelho na figura 35.



Figura 35: Percurso de uma catadora de rua

Legenda: — Percurso

Fonte: Pesquisa Direta. Google, Earth, 2007.

Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

⁶¹ Mixaria: Coisa sem valor, bagatela (AURÉLIO, 1988)

Pela fragilidade de seu corpo feminino, as chances de ocorrência de violência e / ou acidentes nas ruas ao puxar a carroça ainda aumentam. Contudo, como mãe e responsável pelo destino dos seus sete filhos, Rosa, enfrenta os riscos que essa ocupação oferece e sai às ruas procurando o lixo que garante o alimento da família.

Outro relato que nos chamou a atenção, pelos momentos de violência e preconceito vivenciados nos percurso da catação, foi o do catador Cravo de 42 anos, solteiro, natural de Fortaleza e morador do bairro Nossa Senhora da Graças (Pirambu), entrevistado em Julho de 2007.

[...] **Tem gente no meu próprio bairro que tem preconceito e também tem motorista que não respeita e bota o carro quase em cima da gente.** Sempre saio para trabalhar com alguém, **porque é perigoso ter roubo,** [grifos nossos] ai a pessoa que tá comigo fica olhando a carroça, enquanto eu vou pegar o papelão. [...] **já fui assaltado, foi uma barra,** [grifos nossos] foi quando tava passando lá pelo trilho da Francisco Sá e os malandros me assaltaram. Os malandros, pensam que a agente tem dinheiro todo dia e ai querem roubar agente [...] Outra vez, um carro bateu em mim aqui no Centro, e o cara do carro **quis brigar comigo,** [grifos nossos] falou que eu tava no meio da rua, só que eu não tava, me afastei dele porque ele queria brigar mesmo, mas eu tava certo, as pessoas da rua viram tudo e ficaram do meu lado [...]depois a moça do depósito veio e não precisou pagar nada para o motorista.

Cravo trabalha como catador há nove (9) anos e relata que em épocas de festas do final do ano, quando o movimento no Centro aumenta e as lojas ficam abertas até mais tarde, ele chega a dormir no Centro para pegar mais material e não perder tempo voltando para casa. Porém é nesse mesmo período que segundo ele, tem mais catadores nas ruas e aumentam-se as possibilidades de disputas pelo lixo das lojas “tem muito sucateiro [catador], mas Deus é bom e dá para todos [...] mas quando tem muito catador em Dezembro é ruim e tem até tem briga” .

Nas palavras de Cravo, vemos alguns dos riscos, aos quais o catador está exposto ao trabalhar nas ruas. Como Cravo expressa, “*é uma barra*”, ou seja, é difícil e sofrido.

O catador Narciso, de 38 anos, analfabeto, natural de Fortaleza, morador do bairro Canidezinho, porção sudoeste da cidade é trabalhador das ruas há sete anos. Em sua fala, também nos relata momentos de conflitos vividos nas ruas. Narciso entrou na catação por intermédio de seu irmão e de alguns sobrinhos que também são catadores e que, lhe deram as dicas para entrar na atividade.

Entrevistamos esse catador ao lado do container da Ecofor, situado na praça José de Alencar. No momento de nossa conversa, o caminhão do lixo parou para

recolher o lixo do contêiner. Segundo Narciso, tudo de valor que ali estava ele já havia catado. No local além do mau cheiro, havia muito barulho. Apesar disso, continuamos nossa conversa.

Antes de se tornar catador, Narciso havia sido servente de pedreiro. Começou na catação em função da ausência de oportunidades para se empregar.

Não gosto muito do que eu faço não, mas como não tenho outro meio de vida prefiro tá aqui catando do que tá mexendo no que é alheio [...] **As pessoas têm preconceito com o catador, principalmente as mulheres. Elas passam fechando o nariz e escondendo a bolsa. Tem gente que passa bem longe da gente, pensando que agente é ladrão**” [grifos nossos] (NARCISO, 38 anos, julho de 2007).

Seu depoimento nos mostra que este catador vivência com frequência situações discriminatórias. Ao se expor, considera que é melhor está na catação do que mexer no que é alheio, Narciso afirma que prefere trabalhar como catador a entrar no *mundo do crime*, como ocorreu com alguns de seus conhecidos.

Quando o indagamos sobre sua relação com os demais catadores, se havia disputa entre os catadores por determinados espaços / locais da cidade, onde é melhor para conseguir recicláveis, como Centro e Aldeota, Narciso respondeu que no Centro com sua experiência, ele podia dizer que existem mais de mil catadores e que existem catadores que chegam a brigar e roubar os carrinhos dos outros.

[...] aqui tá difícil trabalhar porque alguns brigam e fazem questão de tudo. Eu prefiro não ir em lugares onde já tenha carroceiro para evitar discussão [...] pra mim, quem chega primeiro pega e leva e onde já tem carroceiro você não pode encostar para catar, se você encostar em um lugar que já tem catador, pode causar briga, por isso é bom não ir [...] tem que ter respeito” (NARCISO, 38 anos, Julho de 2007).

Narciso assim como outros catadores, também já havia sido assaltado. Ele disse que foi roubado por um outro catador no Centro e teve que pagar para o dono do depósito para qual ele trabalhava mais de cem reais pelo valor da carroça.

[...] fui assaltado tá com um tempo já, e como a carroça não era minha passei mais de mês para pagar o prejuízo [...] hoje trabalho com uma carroça que é minha mesmo, consegui com muito esforço, durmo na rua, como na rua, tô aqui no Centro todo dia [...] já fui entrevistado outras vezes aqui, são sete anos aqui, antes minha mulher vinha, mas hoje ela é doméstica (NARCISO, 38 anos, Julho de 2007).

Esse catador passa a semana inteira no Centro da cidade trabalhando. Como ele mesmo afirma, já foi até entrevistado por jornais e outros pesquisadores. Ele dorme na Avenida Tristão Gonçalves em frente à loja de construção Acal, mais especificamente na calçada de um estacionamento que permanece fechado à noite.

Nesse mesmo lugar, dormem vários outros catadores (C.f., figura 29) que catam no Centro, trata-se de uma calçada ampla, com pouco movimento, onde grupos de religiosos distribuem sopa e baião depois das dez horas da noite. No passado, ele trabalhava nas ruas com a mulher e os três filhos pequenos dentro da carroça. Depois que sua mulher conseguiu um trabalho como doméstica, ele passou a trabalhar sozinho.

Narciso faz a seleção, descansa e encontra com alguns conhecidos na Tristão Gonçalves e na Praça José de Alencar. Volta para casa apenas nos finais de semana. Trabalha na maioria dos dias no Centro, mas também trabalha em outros bairros.

[...] Fico aqui mais no Centro, e às vezes saio pra catar ali no Benfica, Montese, Jóquei, Parangaba, Vila Peri, São José e Jerusalém, sempre vou andando e remexendo o lixo para encontrar mais Pet, plástico e alumínio. Quando tô no Centro, ando em todas as ruas e passo a tarde e a noite trabalhando.

Ao retornar a sua casa no Canidezinho, ele fala que sempre vai pelas avenidas tentando encontrar maiores e melhores quantidades de materiais. Ele menciona como lugares de trabalho as avenidas Senador Pompeu, Expedicionários, Gomes de Matos, Germano Frank e Osório de Paiva. Na volta para casa, Narciso leva quase o dia inteiro andando e no caminho para casa ele também recolhe material.

Na figura 36, tentamos representar o percurso realizado por Narciso, na ida para o local de trabalho e na volta para casa, são cerca de 18 km de distância entre o Centro e o bairro Canidezinho.

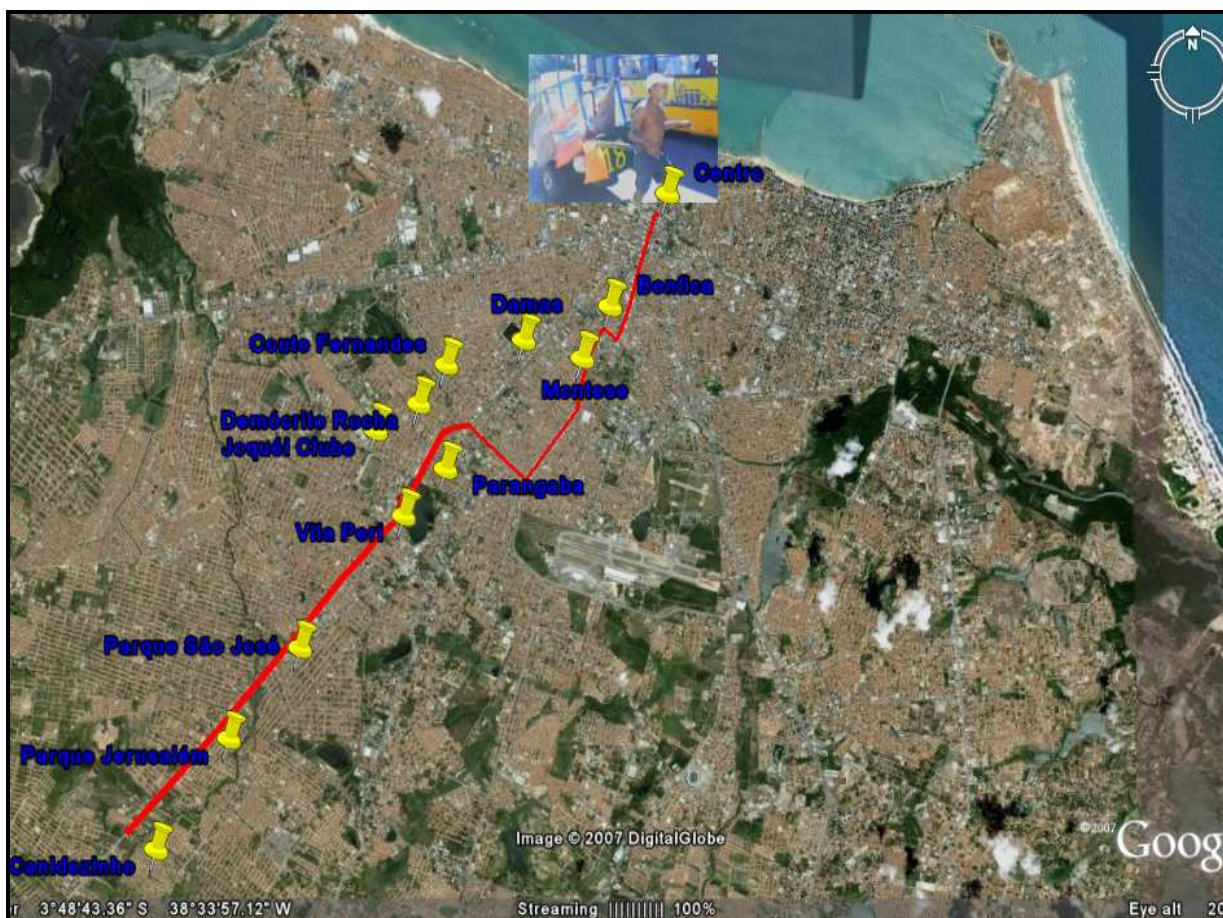


Figura 36: percurso semanal de um catador de rua

Legenda: — Percurso

Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth, 2007.

Organização: Navara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

Nos relatos de Rosa, Cravo e Narciso vemos o quão sofrido e arriscado é o ofício de catador. Trabalhar nas ruas e, em especial, nas ruas do Centro é difícil em função da concorrência, da violência, preconceito e assaltos. Os catadores de rua são constantemente vítimas dessas formas de violência. Os catadores de associações também, porém estão menos expostos do que os que trabalham de forma individual.

4.5 Nas trilhas dos catadores da Associação Viva a Vida

A Associação Viva a Vida foi criada para dar continuidade aos trabalhos de um Franciscano defensor do meio ambiente, antigo pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores. O pároco incentivava a separação e doação de recicláveis entre os fiéis, a fim de preservar o ambiente, manter a cidade limpa e ajudar famílias carentes. A mesma foi fundada em janeiro de 2006, seu estatuto foi aprovado nesse

mesmo ano, porém as atividades executadas nessa associação, são anteriores a sua fundação oficial. Além do trabalho da reciclagem também existe um horto de plantas medicinais no local onde funciona a Associação.

Essa Associação tem inscrição no CNPJ e Alvará de funcionamento da Prefeitura. Suas dirigentes não são remuneradas pela função de direção que exercem e o ganho da Associação é dividido mensalmente entre as participantes. Dentre as finalidades da Viva a Vida, estão: à arrecadação de material reciclável para ajudar na preservação do meio ambiente e ajudar na renda de famílias carentes da associação; a divulgação e aplicação de conhecimento sobre a coleta e reciclagem de lixo e a captação de recursos financeiros para o desenvolvimento de suas ações, projetos e programas visando à manutenção de uma economia solidária entre as famílias de baixa renda.

Por medida de segurança as catadoras dessa Associação só saem para trabalhar nas ruas em dupla ou em grupo. A rota do dia é estabelecida previamente e os moradores de algumas ruas dos bairros São Gerardo, Parquelândia e Monte Castelo já separam e deixam os recicláveis limpos para as catadoras. Por isso, em pouco tempo e em poucas ruas, os carrinhos de geladeira das catadoras ficam rapidamente repletos de doações.

No período de nossas visitas, a Associação possuía sete membros (sete mulheres): duas cuidavam do horto e cinco faziam o trabalho da coleta, separação e venda dos recicláveis. Trata-se de mulheres carentes que participam dos movimentos da Igreja Nossa Senhora das Dores. A idade das participantes variava de 34 a 53 anos.

Em termos de infra-estrutura física, a Associação possuía um pequeno galpão para armazenar os materiais recolhidos e um escritório onde funcionava a administração e a tesouraria. Nesse galpão, também ficavam uma balança e quatro carrinhos. Os principais materiais recolhidos nas rotas eram: o PET, PVC, vidro, jornais, papelão, papel branco, ferro e alumínio. Apesar da organização do trabalho dessa Associação a quantidade de materiais recolhidos à época era considerada pequena em relação a outras associações, pois a mesma não possuía equipamentos e nem estrutura física suficiente para armazenar grandes quantidades, além de não possuir um caminhão de coleta como outras associações. Por isso, elas não conseguiam vender grandes quantidades diretamente para as indústrias de reciclagem. A Associação vendia seus materiais para alguns depósitos grandes e

associações de maior porte, como a Associação do Tancredo Neves, situada próximo à BR 116.

Em relação às estratégias de coleta pela cidade e o estabelecimento de territórios para o recolhimento dos recicláveis, percebemos que os catadores de associações têm seus territórios mais estáveis, percorrem distâncias menores, têm territórios melhor definidos e locais cativos para realizar a coleta, sendo assim potencialmente colhem os resíduos de maior valor de venda e em maiores quantidades.

Para demonstrar a afirmativa acima, apresentamos nas figuras (figuras 37 e 38) duas rotas que são realizadas duas vezes por semanas pelas catadoras da Associação Viva Vida.

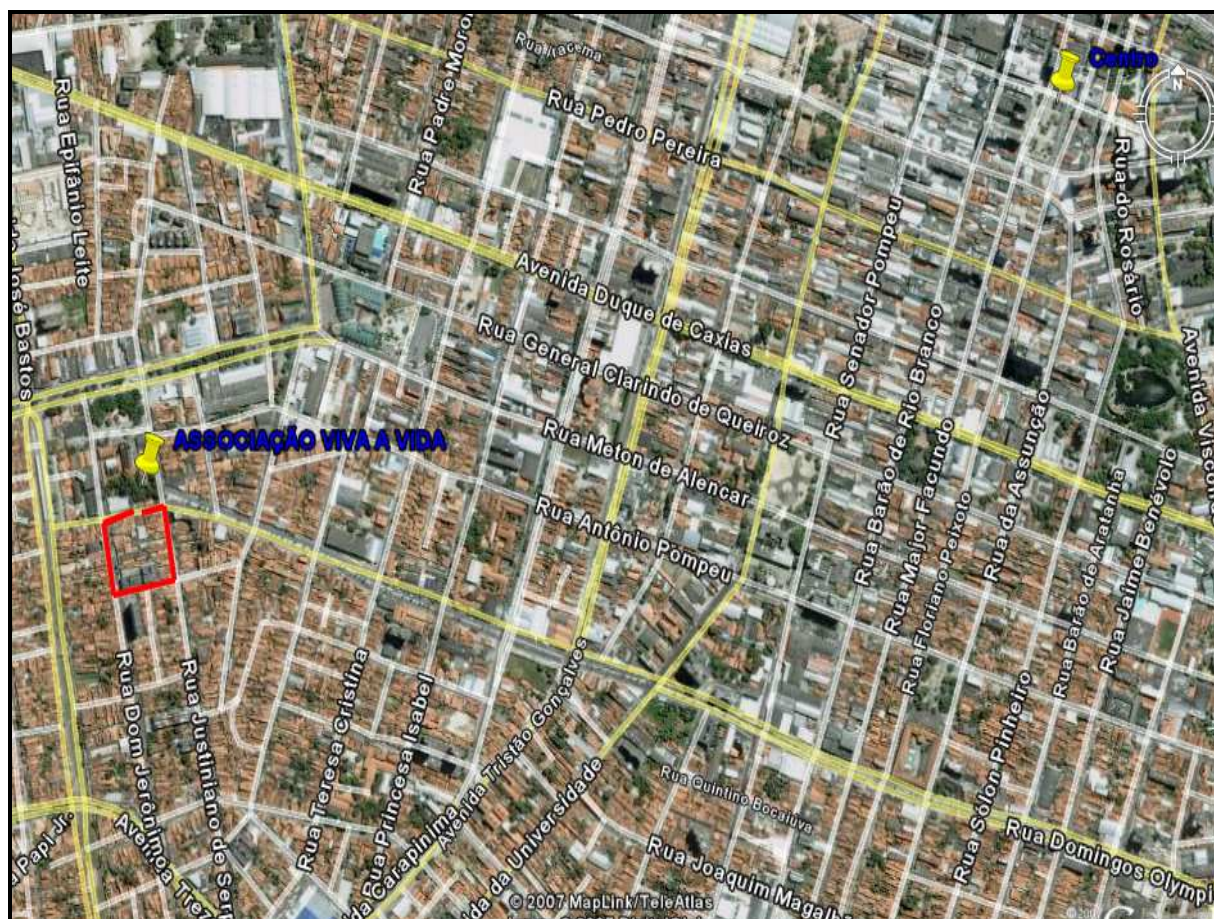


Figura 37: Percurso matutino de duas catadoras da associação Viva a Vida
 Legenda: — Percurso
 Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth, 2007.
 Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra

O traçado em vermelho da figura 37 mostra o percurso que foi realizado em uma terça-feira do mês de Abril de 2007 pelas catadoras Margarida e Dália de

respectivamente 34 e 45 anos. Acompanhei as mesmas nesse trajeto que foi realizado no período da manhã. Estava chovendo e o relógio da praça do Otávio Bonfim marcava uma temperatura de 24° naquela manhã, em Fortaleza. Mesmo com o tempo chuvoso, as catadoras precisavam sair para trabalhar. Eram 9:30, quando Margarida, Dália e eu saímos da Associação para coletar os recicláveis nas casas do entorno da Igreja, enquanto as demais catadoras ficaram organizando os materiais no galpão. Saímos com um só carrinho e fomos em busca dos materiais que representam o *Ouro* da vida dessas mulheres.

[...] antes eu trabalhava de faxineira e lavadeira, mas a renda era pouca, fiquei sabendo que tinha a reciclagem na paróquia e falei com a Margarida e ela me aceitou, veio eu, minha irmã e a mulher do meu sobrinho. **Hoje o reciclável é um ouro prá nós** [grifo nosso]. [...] Aqui nós recebemos por mês e varia muito, tem mês que agente ganha 50,00 ou 60,00, mas tem mês bom, como foi dezembro que deu 93,00 para cada, mas nunca chegou a 100, 00.[...] É preciso muita coragem, tem que tá disposto, às vezes agente vem com a carroça lotada e nem consegue carregar direito (DÁLIA, 45 anos, abril de 2007).

Enquanto uma catadora entrava nas casas para pegar o material separado pelos moradores, a outra “pastorava⁶²” e arrumava o carrinho para que ele pudesse comportar a maior quantidade de recicláveis.

Saímos pela rua Domingos Olimpio depois entramos na rua Justiano de Serpa. Nossa primeira parada foi em um Cabeleireiro. A proprietária do estabelecimento, foi bem simpática e atenciosa com as catadoras. Dália entrou no estabelecimento e saiu com várias garrafas PET, enquanto Margarida e eu ficamos conversando com a cabeleireira na entrada do estabelecimento. Continuando o trajeto por essa mesma rua, elas recolheram materiais em mais quatro residências, que costumeiramente doam para a Associação. Em seguida, pegamos a travessa Bela Cruz. Nessa rua, foram recolhidos materiais em uma única casa. Logo após, fomos para rua Justiano de Serpa. Lá paramos em um apartamento, onde o morador acenou com a mão, informando que havia material. Foi então que Dália subiu no prédio e desceu repleta de caixas de papelão.

Ao longo do trajeto passamos por casas, bares e restaurantes. Praticamente todos doavam materiais para as catadoras. Em pouco mais de uma hora de coleta, nas ruas próximas à Associação, elas já estavam com o carrinho lotado e prontas para retornar. O percurso foi realizado em pouco mais de uma hora. Ao longo de todo trajeto, as catadoras mostravam-se dispostas, sorridentes e satisfeitas com o

⁶² Pastorar na linguagem popular significa vigiar, olhar, tomar conta.

trabalho que realizavam. No caminho, encontramos outros catadores. Eram constantes os cumprimentos e as brincadeiras entre os colegas de trabalho e também entre os moradores e conhecidos que passavam nas ruas.

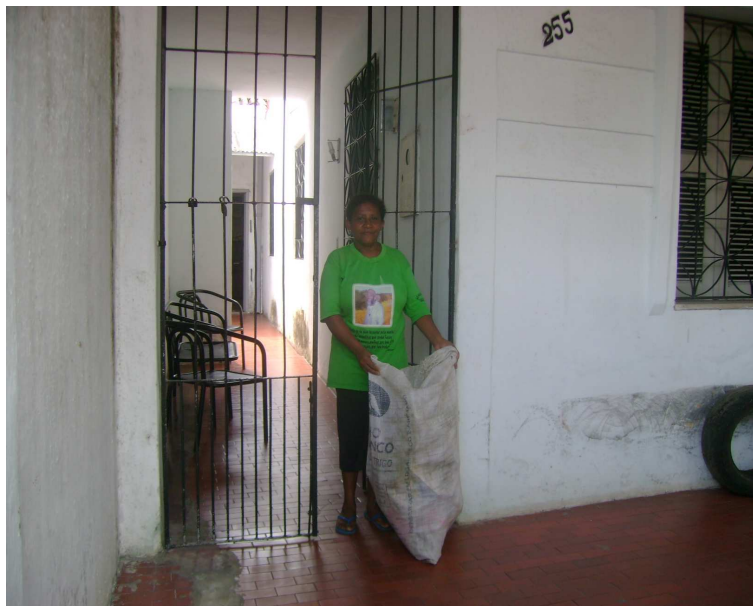


FIGURA 38: Catadora saindo de uma casa que doa reciclável para Associação
Fonte: Rocha, abril de 2007.

Ao retornarmos à Associação, haviam três catadoras trabalhando na separação e seleção dos materiais recolhidos no dia anterior. Quando chegamos, Margarida contou-me um pouco mais sobre o funcionamento da Associação. Em seguida, foi guardar alguns objetos que ela havia encontrado durante o percurso, materiais que não seriam vendidos, mas sim serviriam para seu próprio consumo e de sua família. Durante a catação, é comum que além de obterem materiais para venda, os catadores encontrem ou ganhem objetos usados, que servirão para seu próprio consumo. Nas palavras de Margarida, mergulhamos um pouco na vida dessa catadora e na rotina da associação.

Fui abandonada e adotada por um casal que cuidou de mim durante toda vida. Sou muito agradecida a eles. **Tive uma vida muito sofrida, cruel, de humilhação e já me livre de morrer algumas vezes. Já escapei de muito acidente com essa carroça, foi trem, carro, ônibus** [grifos nossos]. [...] Meu pai adotivo morreu de câncer de próstata.[...] tenho dois filhos de pais diferentes, uma menina de 12 anos e um menino de 7 anos. Estudei até a quinta série, sei ler, mas escrevo muito pouco. [...] **meu filho e meu marido não gostam do que e eu faço, eles têm vergonha e raiva de quem me chama de lixeira** [grifos nossos]. [...] meu marido trabalha com artesanato e tem uns problemas com bebidas. Mesmo assim, tenho alegria de viver e gosto de ajudar os outros, **a vida não foi fácil, mas eu nem ligo, Deus ajuda, não tenho ambição** [...] **Nosso trabalho aqui na**

Associação é muito pesado [grifos nossos]. e era bom se desse para colocar mais gente, na medida que mais gente entra, o trabalho diminui, só que tem as meninas aqui que não concorda com a entrada de mais gente, porque se entrar mais gente diminui nosso trabalho, nosso esforço, mas também o dinheiro ia ter que ser dividido com mais gente, elas acham que agente ia ganhar menos. Nós somos amigas, claro que em alguns momentos existem algumas desavenças, mas na maioria do tempo agente tá bem (MARGARIDA, 34 anos, abril de 2007).

Depois do percurso matutino, descansamos, bebemos água e saímos para o almoço. Nesse dia almocei na casa de Margarida, que mora na favela da Baixada, localizada no final da rua Padre Guerra. Erram 11:30, quando deixamos a Associação.

Acompanhar o percurso das catadoras pela manhã foi bem tranquilo, não foi cansativo e nos ajudou a entender e diferenciar as características e a lógica da mobilidade e os territórios do catador de associação. Nosso percurso foi curto, aproximadamente 430 metros. Em pouco tempo o carrinho já estava bem pesado, ou seja, repleto de doações. Naquele dia, o trabalho das catadoras, iniciado por volta das oito horas da manhã, teve uma pausa para o almoço e recomeçou por volta das quatorze horas.

Na figura 39, temos a representação do percurso realizado naquele mesmo dia, mas agora no período vespertino. Margarida e Eu, retornamos para Associação por volta das quatorze e trinta. Chegando lá, vimos que as demais já estavam nos esperando para o trabalho da tarde. Às quinze horas, saímos novamente, porém agora, com dois carrinhos. Fomos em direção às casas do bairro São Gerardo. Dessa vez, no lugar de Dália, foi à catadora Violeta que nos acompanhou. Saímos da rua Domingos Olímpio e pegamos a José Bastos para, em seguida, atravessarmos a movimentada avenida Bezerra de Menezes. Andamos pelas ruas Teófilo Gurgel, Casemiro Montenegro, Ribeiro da Silva, Antônio Drummond, Padre Frota, Henrique Autran, Conrado Cabral, José Marrocos e Bejamim Barroso. Nessa tarde de Trabalho, paramos em onze casas, entretanto em algumas delas não havia materiais para doação. As catadoras afirmaram que a doação de recicláveis estava se tornando cada vez mais difícil, em função da concorrência com os catadores de rua, e também em virtude de alguns moradores já estarem começando a separar o material para vender, ao invés, de realizar doações.

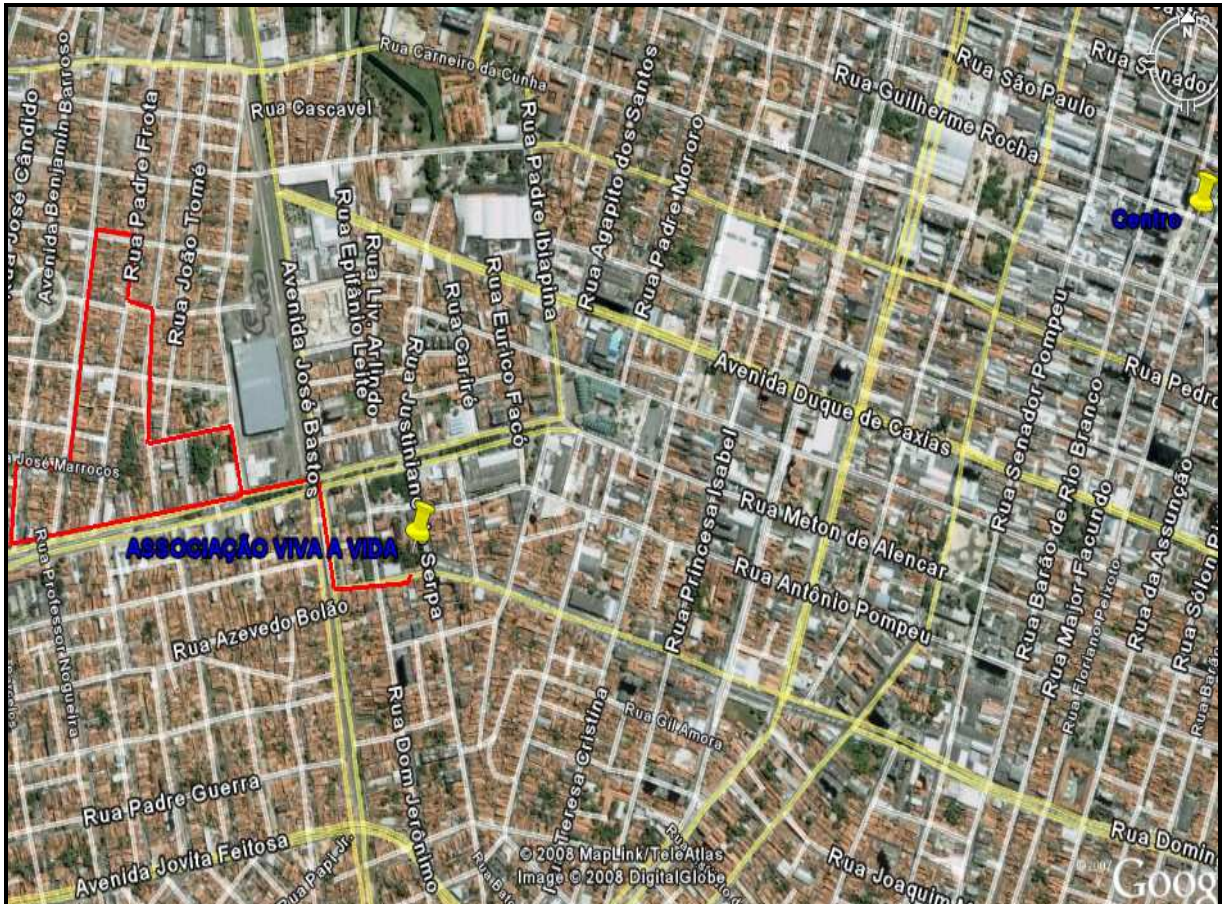


Figura 39: Percurso vespertino de duas catadoras da associação Viva a Vida
Fonte: Pesquisa Direta. Google Earth,2007.
Legenda: ■ Percurso
Organização: Nayara Maria Moura Rocha e Eliana Costa Guerra



FIGURA 40: Catadoras atravessando a Avenida Bezerra de Menezes
Fonte: Rocha, abril de 2007.

O percurso da tarde foi mais longo do que o da manhã, o sol estava forte, o que tornou o deslocamento ainda mais cansativo. Andamos cerca de três horas, foram aproximadamente 2,54 km.

Voltamos para Associação ao final da tarde. Já começava a ficar escuro, o trânsito estava intenso e os dois carrinhos já estavam pesados, ainda que em algumas casas não tivesse ocorrido doação.

No final do trajeto, passamos pela escola do filho de Margarida para pegá-lo. A mesma colocou-o dentro do carrinho junto com os recicláveis e o levou para nos acompanhar no restante do trajeto (C.f., figura 41). Chegamos na Associação por volta de dezoito horas. Geralmente, a lida dessas catadoras nas ruas termina quando está escurecendo ou quando os carrinhos já estão cheios. Nesse dia os dois fatos coincidiram (já era noite e carrinhos cheios).



FIGURA 41: Filho da catadora dentro do carrinho
Fonte: Rocha, Abril de 2007.

Durante os dois trajetos, as catadoras contaram-me lembranças, problemas alegrias e dificuldades pelas quais haviam passado tanto em suas vidas pessoais, quanto na convivência no grupo, falaram da importância da igreja na manutenção da Associação e de seus planos e objetivos para melhoria do grupo. As catadoras que trabalham junto a Igreja Nossa Senhora das Dores participam do Fórum Estadual Lixo e Cidadania há quatro anos, isto é, mesmo antes da Associação Viva a Vida, existir oficialmente.



FIGURA 42: Fachada da Associação
Fonte: Rocha, abril de 2007.

Segundo as catadoras os principais problemas enfrentados pela Associação são a falta de equipamentos de segurança pessoal como luvas e máscaras, a falta de uma prensa para compactar os recicláveis, além do problema de capital de giro para manter a associação. Atualmente, os principais objetivos da Associação são: conseguir expandir a Associação, acumular capital de giro e tentar estabelecer parcerias para viabilizar cursos de capacitação para catadoras.

O ambiente onde está localizado a Associação é bem agradável, bem arborizado. Segundo elas, *hoje elas estão no céu* se comparado às dificuldades vivenciadas no início da constituição da Associação. Algumas catadoras dessa associação também já haviam trabalhado de maneira autônoma no Centro com carrinhos alugados de donos de depósitos. Para elas, trabalhar no Centro é perigoso, principalmente, para mulheres, em função do preconceito e dos constantes roubos das carroças.

Na visitas a essa Associação verifiquei como se desenvolve a lógica tanto organizacional, mas principalmente espacial na busca dos recicláveis. Estar organizado em Associação permite uma maior sistematização do trabalho dos catadores nas ruas, o que possibilita deslocamentos menos extensos e exaustivos com os carrinhos. Eles estabelecem relações e se apropriam de áreas, pontos estratégicos por meio da rotina do trabalho e da relação amigável construída com os moradores que doam.

Tal fato demonstra que na medida que há uma organização entre os catadores eles já definem as áreas, os dias, horários, rotas, estabelecimentos e residências onde serão recolhidos os materiais. Muitos doadores ligam e agendam o dia da coleta. No caso dessa Associação, elas possuem um território de atuação e abrangência bem definido, a saber, realizam a coleta nas ruas que abrangem os sete setores da Paróquia de Nossa Senhora das Dores. Esses setores congregam 76 trechos, entre avenidas, ruas e travessas dos bairros do entorno da Igreja que, são: São Gerardo, Parquelândia e Monte Castelo. Existem também alguns órgãos públicos e escolas que fazem doações para Associação, a saber: o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e o Colégio Frei Lauro. Durante as missas e comemorações na Igreja é feita sensibilização entre os fiéis para que os mesmos ajudem no trabalho da Associação.

As catadoras dessa Associação, assim como de outras associações que nós conhecemos não saem à cata direta nas ruas, vasculhando sacos de lixo em busca de materiais em toda parte, como fazem os catadores de rua que trabalham para os donos de depósitos. Elas fazem muito mais uma coleta em pontos já previamente determinados. Se encontrarem materiais nas ruas elas pegam, mas essa não é a sua principal fonte. Diferente dos caminhos trilhados pelos catadores de ruas não associados que estão expostos à própria sorte e dependem muito mais do lixo encontrado nas ruas, por isso estabelecem territorialidades mais precárias como vimos do decorrer dessa dissertação. As associações são uma forma de resistência, um modo dos catadores se constituírem como sujeitos políticos.



*[...] e a humanidade está desafiada a buscar alternativas para que nós não a deixemos sob o livre curso destrutivo do capital
Ricardo Antunes, 2005.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa foi possível entender melhor como o desenvolvimento do modo de produção capitalista provoca contradições no espaço urbano contemporâneo, contradições essas que ampliam o fosso entre os segmentos sociais, dando origem a uma sociedade, marcada por desigualdades severas. Destarte, viver precariamente pelas ruas, em busca do lixo, garimpando pelas ruas das cidades, tornou-se algo cada vez mais marcante.

Constatamos que ao passo que ocorre uma ampliação do consumo influenciada pelas inovações tecnológicas e pela necessidade do encurtamento da rotatividade do capital, aparecem novos produtos, materiais e embalagens que, por sua vez, são rapidamente rejeitadas, descartadas compondo a grande massa dos resíduos sólidos urbanos. Ao mesmo tempo, nesse movimento, o capital produz uma massa de indivíduos que ficam à mercê de seu desenvolvimento, que são justamente os sujeitos que habitam as franjas do capitalismo, os “refugados” de quem nos fala Bauman (2005). Os catadores de materiais recicláveis compõem esse universo e sua atividade explicita na paisagem urbana, essas contradições. Os catadores, por meio de seu trabalho, se inserem na modernidade da sociedade atual não pelo consumo da enorme variedade de bens que esta produz e que coloca à disposição, mas sim, pela maior abundância de bens que esta rejeita, que esta descarta. Eles se inserem da maneira mais precária e perversa, e na medida que a modernização se acelera, aumentam os níveis de pobreza e paralelamente cresce o número de indivíduos que atuam na catação. Nos últimos cinco anos, como vimos pelas pesquisas nos jornais e entrevistas com os catadores, houve um verdadeiro *boom* dessa atividade na capital cearense.

Nesse sentido, o estudo da atividade da catação de recicláveis revelou-se uma maneira de contribuir com a compreensão das formas de mutações no mundo do trabalho a partir de um olhar geográfico, em especial das formas de precarização, exploração, degradação e das estratégias de sobrevivência na sociedade capitalista, na qual o lixo gerado em abundância que pode ser reciclado, torna-se fonte de renda, de vida e de inserção precária no sistema do capital.

Nosso estudo nos permitiu desvendar algumas das características desse fenômeno urbano, que vem ganhando relevo em Fortaleza, além de contribuir com

uma leitura crítica das características das territorialidades urbanas, em particular dos processos de territorializações precárias realizados pelos catadores.

A capital cearense, aglutina traços de uma metrópole moderna em expansão, ao mesmo tempo, traços de uma cidade marcada por profundas desigualdades onde reside uma população de cerca de oito mil catadores que vivem dos rejeitos dos demais fortalezenses. Sua presença em Fortaleza é cada vez mais nítida. Em nosso trabalho, constatamos que os catadores disputam nas ruas e avenidas da cidade, espaço entre carros, bicicletas, ônibus e transeuntes a fim de conseguirem o lixo tão precioso; percorrendo a pé, grandes distâncias, com carroças pesadas. Como eles mesmos afirmam, por vezes são interpretados e / ou confundidos com a matéria prima do seu trabalho, ou seja, o próprio lixo. Durante a catação, quanto maior o peso das carroças de tração humana, maior o esforço e o desgaste físico; também são maiores as possibilidades de conseguir maiores rendimentos, pois o peso significa que a carroça está repleta de recicláveis. Destarte, quanto mais carregada de latinhas de alumínio, pet, papelão, papel branco, cobre e aço, maior tende a ser o ganho do catador.

Em nossa pesquisa, identificamos uma pluralidade de catadores, os dois tipos principais existentes em Fortaleza, são: os *catadores pertencentes a grupos ou associações* e os *catadores de rua não pertencentes a grupos ou associações*. Os catadores de associações caminham com a ajuda de entidades religiosas, governamentais e não governamentais para consolidar organizações baseadas em princípios solidários. Eles sistematizam seus percursos e possuem áreas de trabalho e uma lógica de arrecadação de recicláveis mais bem definida, característica esta que lhes garante melhores e maiores quantidades de materiais. Estes catadores definem e estipulam áreas onde eles possam conseguir doações de recicláveis e assim acabam se apropriando e estabelecendo territorialidades mais efetivas e territórios mais estáveis, tendo em vista que há uma lógica e um planejamento mais estruturado da coleta. Em muitos casos, eles já contam com a ajuda de parceiros (população, comércios, órgãos públicos, escolas). Os catadores que não possuem vínculos com associações ou grupos, por sua vez, realizam um trabalho individualizado, mais árduo e nem sempre contam com a ajuda da população; são às vezes recriminados por estarem atrapalhando o trânsito, abrindo os sacos de lixo e sujando as ruas ou por serem confundidos com marginais. Nesse sentido, em sua rotina diária de trabalho, eles acabam por estabelecer territorialidades ainda mais

precárias em espaços públicos que lhes servem de ponto de apoio para o exercício da atividade. As praças do Centro comercial tradicional, destacam-se como locais onde os catadores se encontram e se apropriam em alguns horários do dia e principalmente da noite. As grandes avenidas comerciais como a Avenida Gomes de Matos e Alberto Magno (Bairro Montese), Bezerra de Menezes (Bairro São Gerardo), José Bastos (Bairro Bela Vista), Barão de Studart e Santos Dumont (Bairro Aldeota e Papicu), Antonio Sales (Dionísio Torres) Beira Mar e Abolição (Bairro Meireles) também são espaços onde os catadores tentam se territorializar. Por conta disso, constatamos que os bairros nobres, bem como os bairros de intenso comércio da capital, são os espaços prioritários da catação. Neles, é possível ver diariamente catadores nos mais diversos horários do dia e da noite. Já os espaços da venda e da deposição dos materiais, se concentram em bairros mais periféricos, apesar de também existirem depósitos situados em bairros mais centrais.

Apesar das condições adversas, percebemos que o número de catadores de rua não pertencentes a grupos aumenta a cada dia em Fortaleza, fruto de uma sociedade capitalista geradora de indivíduos que são descartados do mundo do trabalho formal. Convém ressaltar, que muitos catadores não gostam do trabalho que realizam e por isso gostariam de ter outra ocupação, porém suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho são restritas. Existem também aqueles catadores de rua que já se acostumaram e dizem que gostam do que fazem e por isso não querem sair dessa ocupação, *pela liberdade, pelo dinheiro e pelos contatos* que o trabalho de catador lhes proporciona. Desse modo, eles constroem territorialidades nos espaços públicos a fim de garantir sua existência na sociedade contemporânea.

Já os catadores que iniciaram a atividade por meio das associações ou que trabalhavam nas ruas e entraram depois em associações, entendem que se organizar para exercer sua atividade é uma forma de trabalhar de maneira menos precária, melhor e mais digna, e assim por meio da organização tentam fugir da situação de refúgio humano à qual foram relegados.

Foi no início da década de 1990 que surgiram em Fortaleza as primeiras associações de catadores. Com o apoio de Ong's e Cáritas, elas buscam lutar para se inserir em condições mais dignas de trabalho dentro da cadeia produtiva da reciclagem. Hoje, as principais organizações compõem a Rede de Catadores da RMF e procuram construir uma articulação maior com o Movimento Nacional dos

Catadores. Este também surge na década de 1990. Em termos nacionais, houve uma evolução na forma de organização dessa categoria por meio principalmente das iniciativas do Movimento Nacional.

A prefeitura municipal de Fortaleza desenvolve trabalho, juntamente com o FEL&C, assessorando os catadores pertencentes a associações. Já os catadores que trabalham individualizados sob a batuta dos donos de depósitos de reciclagem e continuam sendo vítimas de preconceitos e de exploração. Apesar da realização recente do Diagnóstico sobre o perfil dessa população, percebemos que as ações efetivas da prefeitura, principalmente entre os catadores de rua, ainda são pouco significativas. Existe a promessa de efetivação da política municipal voltada para os moradores de rua, beneficiando os catadores.

Tanto os catadores de rua, como os de associações vivem situações precárias de discriminação e insegurança em níveis diferenciados. A corrida pelo lixo é a corrida para garantir porções da cidade onde se encontram as maiores e melhores quantidades de resíduos recicláveis, que em Fortaleza se concentram principalmente no Centro e nos bairros da área Leste da cidade. Os catadores de rua saem das áreas mais periféricas e passam a circular nas áreas mais ricas economicamente. Por isso o mover-se, a mobilidade, para eles se consubstancia como uma verdadeira pré-condição para realização do trabalho, ou seja, estar disposto a percorrer vários quilômetros e adentrar vários espaços, estabelecendo relações e apropriações por onde andam. Estas são características centrais para realização dessa atividade. Neste sentido, registramos que é oportuno considerar em futuras pesquisas as tendências em curso em termos de mobilidade, isto é, as incidências sobre o meio ambiente, a morfologia urbana, os modos de vida, a acessibilidade aos lugares, tomadas em diferentes escalas e em condições materiais variáveis, em realidades marcadas cada vez mais por profundas desigualdades.

Por fim, ressaltamos que estudar o trabalho e as territorialidades desses atores foi algo instigante, considerando sua relevância social e, ao mesmo tempo, desafiador, considerando a amplitude do tema e as incursões de campo. Temos consciência que em nosso estudo ainda existem lacunas; essas que com certeza poderão vir a serem elucidadas por outros pesquisadores que se interessem em desenvolver, assim como nós, uma Geografia comprometida com as questões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS (ABNT). NBR 10004: Resíduos sólidos – classificação, set. 1987.

A CIDADE tomada por catadores de lixo. **O Povo**, Fortaleza, 29 set. 2003. Cotidiano, p. 4.

ABREU, Maria de Fátima. **Do lixo à Cidadania: estratégias para a Ação**. Brasília: Caixa, 2001.

ALENCAR, Bertrand Sampaio de. Novos protagonistas no espaço urbano: origem, estrutura e emergência da organização dos catadores no Brasil. In: XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL - ANPPUR, Belém, 21 a 25 mai. 2007. **Anais...** Belém: ANPPUR, 2007. p. 1-21.

AMORA, Zenilde Baima. O espaço urbano cearense: breves considerações. In: **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: FUNECE, 1999.

_____. A Indústria no Ceará. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005a.

_____; GUERRA, Eliana Costa. Mobilidades: por uma releitura do urbano na contemporaneidade. In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA URBANA – SIMPURB, Manaus, 2005. **Anais...** Manaus: SIMPURB, 2005b. p. 1-11.

_____. **Mobilidades e Territórios Urbanos no Ceará**. Relatório Ano I - Projeto de pesquisa. 2005c.

ANJOS, Rita Leolinda C. C. dos; VARGAS, Maria Augusta Mundin. **A arte de pesquisar orientações metodológicas**. Sergipe: NESA, 2002. (Circular técnica).

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações no trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2007.

_____. A crise da sociedade do trabalho: fim da centralidade ou desconstrução do trabalho. In: **O Caracol e sua Concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. Trabalho x Capital: berrar não adianta. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, n. 120, ano X, p. 18-21, mar. 2007.

_____. A Era da Informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ASCHER, François. **Metapolis: Acerca do Futuro da Cidade**. Tradução. de Álvaro Domingues. Oeiras: Celta Editora, 2004. Título original: Métapolis: ou l'Avenir des Villes. Paris: Editions Odile Jacob, 1995).

ATERRO do Jangurussu funcionou por 20 anos. **O Povo**, Fortaleza, 16 abr. 2007. Fortaleza, p.9.

BAR-EL, Raphael. (Org). O estado do Ceará - o problema e suas raízes. In: BAR-EL, Raphael (Org.). **Desenvolvimento com equidade e redução da pobreza: o caso do Ceará**. Fortaleza: Premius, 2006.

BAUMAN. Zygmunt. No começo era projeto: ou refugio da construção da ordem. In: **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Roberto Medeiros. Título original: Wasted lives: Modernity and outcasts. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BESSEN, Gina Rizpah. Programa de Coleta Seletiva de Londrina – caminhos inovadores rumo à sustentabilidade. In: JACOBI, Pedro (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil: inovação com inclusão social**. São Paulo: Annablume, 2006.

BESERRA, Fábio Ricardo Silva. **Espaço, Indústria e Reestruturação do Capital: a indústria de calçados na Região do Cariri**. 2007. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

BESSE. Jean-Marc. A fisionomia da paisagem, de Alexander Von Humboldt a Paul Vidal de La Blache. **Ver a terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia**. Tradução Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1989].

BRASIL. Constituição (1998). Capítulo IV – Dos Municípios (arts. 29 a 31). In: **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2007.

BURSZTYN, Marcel. **No meio da rua: [nômades, excluídos e viradores]**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CARLEIAL, Adelita. Desigualdades sociais permanentes. **O Povo**, Fortaleza, 6 dez. 2005. Economia.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Geografia).

_____. O consumo do espaço. In: _____ (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 173-186.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Conhecimento: de que estamos falando? Delineando a concepção de conhecimento que norteia nossa reflexão. In: III

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, São Luís, jun. 2006. **Anais...** São Luis: SENPE, 2005. p. 1-8.

_____. **“Tu me ensinas a fazer renda que eu te ensino a namorar”**: tecendo rendas na descoberta do mundo nosso de cada dia - reflexões sobre o ofício da pesquisa. [S.l. : s.n.], fev. 2004.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de; GUERRA, Eliana Costa. Tempos contemporâneos e trabalhadores nos fios da navalha do capital. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES, Fortaleza/CE, set. 2006. **Anais...** Fortaleza/CE: Labor, 2006. p.1-14.

CASTEL, Robert. Introdução. In: **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Ed Vozes, 2005.

CEMPRE, Compromisso Empresarial para Reciclagem. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/>>. Acesso em: 2 mai. 2006.

CHESNAIS, François. Decifrar palavras carregadas de ideologias. In: **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COM a indústria do lixo o catador vai desaparecer. **O Povo**, Fortaleza, 6 fev. 1986. p. 7.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

_____. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Orgs). **Ceará**: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005a.

_____. **Das Quimoas à rede de esgoto**: saúde e saneamento na Fortaleza do século XIX. Disponível em: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo2/E2_065.htm>. Acesso em: 3 jan. 2005b.

CRESCER participação do turismo no PIB. **O Povo**, Fortaleza, 17 jan. 2006. Caderno Economia.

CRISPIM, Maristela. Fortaleza tem cerca de 8 mil catadores. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 9 out.2005. Caderno Cidade, p. 12.

CRUZ, Helder Leite. Crea vai criar protótipo de carro para catadores. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 31 jan. 2007. Caderno Cidade, p. 13.

DEDECCA, Cláudio S. Setor informal e informalidade no Brasil. **Revista Ciência Hoje**, São Paulo, v. 39, n. 234, 2007.

DIAS, Sonia Maria. Coleta seletiva e inserção cidadã; a parceria Poder Público /ASMARE em Belo Horizonte. In: JACOBI, Pedro (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil: inovação com inclusão social**. São Paulo: Annablume, 2006.

DOMINGOS, Clarice Silvestre. **Geoprocessamento na escolha de sistemas ambientais para aterros sanitários na Região Metropolitana de Fortaleza – CE**. 2007. 144f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.

ECOFOR Ambiental. **Números Ecofor**. Disponível em: <<http://www.ecoforamambiental.com.br/t1.aspx?id=42>>. Acesso em: 16 dez. 2007.

EIGENHEER, Emílio Maciel; FERREIRA, José Alberto. Lixo: compreender. **Revista Ciência Hoje**, São Paulo, v. 38, n. 227, p. 1-6, jun. 2006.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: J. E. M. M. Editores LTDA, 1988.

FORTALEZA, Histórico da Usina de Triagem do Jangurussu. Fortaleza, 2005.

FÓRUM ESTADUAL LIXO E CIDADANIA (FEL&C); **Estatuto**. 2006.

GALVÃO, Josias de Castro. **A produção espacial do Aterro Sanitário do Jangurussu**. 1994. 232f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

GERESOL, Programa de Administração e Gerenciamento de Resíduos Sólidos. **História do Lixo: linhas gerais**. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/geresol/lixohistoria.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. Informalidade e Precarização do Trabalho no Brasil. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 3, n especial, ago. 2002a. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/pegada.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

_____. Movimento Nacional dos Catadores de resíduos recicláveis no Brasil / 2005. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v. 6, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/pegada.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

_____; THOMAZ JUNIOR, Antônio. A Informalidade e precarização do trabalho: uma contribuição à geografia do trabalho. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. 6, n. 119 (31), 2002b. [ISSN: 1138-9788]. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-31.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

GONÇALVES, Rúbia Cristina Martins. **A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência**. 2005.131f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

GRADVOHL, Albert. **Reciclando o Lixo**. Fortaleza: Ed. Verdes Mares, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios à Multiterritorialidades”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

_____. Precarização, reclusão e “exclusão” territorial. **Terra Livre**, Goiânia, ano 20, v. 2, n. 23, jul. / dez. 2004b.

_____. Muros, “Campos” e Reservas: os processos de reclusão e “exclusão” territorial. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, Fortaleza, 2005. **Anais...** Fortaleza: ANPEGE, 2005. p. 1-18.

HARVEY, David. La producción de configuraciones espaciales: las movi­lidades geográficas del capital y el trabajo. In: **Los límites del Capitalismo y la Teoría Marxista**. Textos de Economía. México: Fondo de Cultura do México, 1990 [Versão do Original de 1982: The Limits to Capital].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

_____. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27032002pnsb.shtm>>. Acesso em: 23 jun. 2007.

_____. **Atlas de Saneamento**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/atlas_saneamento/index.html>. Acesso em: 10 jan. 2007.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E INFORMAÇÃO EM TRANSPORTE, (ITRANS). **Mobilidade e Pobreza (Relatório Final)**. Disponível em: <<http://www.itrans.org.br/upload/home/item/M&P%20Relatorio%20Final%20270304.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA E INFORMAÇÃO DO CEARÁ (IPLANCE). **Mapa da situação dos resíduos sólidos no Ceará**: relatório de pesquisa. Fortaleza: Edições INPLACE, 2000.

INSTITUTO MUNICIPAL DE PESQUISAS, ADMINISTRAÇÃO E RECURSOS HUMANOS (IMPARH). **Diagnóstico da situação socioeconômica e cultural do (a) catador (a) de materiais recicláveis de Fortaleza-Ce**. Fortaleza, 2006.

JACOBI, Pedro (org). Reflexões sobre experiências: a permanente necessidade de proteger o meio ambiente e avançar na inclusão social. In: JACOBI, Pedro (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil**: inovação com inclusão social. São Paulo: Annablume, 2006.

LEAL, Antônio Cezar *et al.* A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação de reciclagem. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, n. 19, jul. / dez. 2002.

LEFEBVRE, Henry. Industrialização e urbanização: noções preliminares. In: _____. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. Título Original: Le droit à la ville.

LEITE, Francisca Adriana Cavalcante. **Catando lixo com arte**: escolarização de jovens artistas do Jangurussu a partir de suas lembranças e histórias de vida. Fortaleza: UECE, 2002. 25p.

LEITE, Djane Alcântara Barbosa; ARAÚJO, José Carlos de. **Aspectos da política pública municipal de resíduos sólidos em Fortaleza**. Disponível em: <http://143.106.158.7/anppas/encontro3/arquivos/TA674-08032006-152340.DOC>. Acesso em: 2 de janeiro de 2007.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da Mobilidade. **GEOgraphia, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF**, Niterói/RJ, n. 6, p. 1-11, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/rev_06/levy6.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2007.

LIMA, Luís Mário Queiroz. **Lixo**: Tratamento e Biorremediação. São Paulo: Hemus Editora Limitada, 1995.

LÖWY, Michael. O Progresso Destrutivo: Marx, Engels e a ecologia. In: LÖWY, Michael. **Ecologia e Socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAQUIAGEM de mau gosto. **O Povo**, Fortaleza, 23 ago. 2004. Cotidiano, p. 8.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Mobilidade e Vulnerabilidade nos Espaços de Vida de Campinas**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_576.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2007.

MARTINO, Cláudio Martins São. As cidades milionárias do Terceiro Mundo. A noção de macrocefalia. In: **O novo mapa do mundo**: problemas geográficos de um mundo novo. São Paulo: HUCITEC, 1995.

MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes *et al.* (orgs). **O fenômeno migratório no limiar do 3ª milênio**. Desafios pastorais. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche; UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. UECE. (Coleção Magister).

MELO, Cecília. **Governo aplica menos da metade do previsto para a gestão de resíduos sólidos**. Disponível em:

<http://contasabertas.uol.com.br/noticias/detalhes_noticias.asp?auto=1770>. Acesso em: 22 jul. 2007.

MESMO desativados aterros agridem o meio ambiente. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 2006. Disponível em: <<http://www.saude.ce.gov.br/clipping/modules.php?name=News&file=print&sid=7878>>. Acesso em: 15 dez. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

_____. Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro. HUCITEC-ABRASCO, 1996.

MINISTÉRIO DAS CIDADES - PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DO SETOR DE SANEAMENTO. **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: diagnóstico da gestão e manejo de resíduos sólidos urbanos - 2002**. Brasília: MCIANES.SNSA: IPEA, 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). **Trabalho e Renda**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/noticias/parceria-entre-governo-federal-e-catadores-de-papel-visa-gerar-trabalho-e-renda>>. Acesso em: 2 fev. 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=597>>. Acesso em: 9 de jan. 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/condicoes.asp?codigo=5192>>. Acesso em: out. 2006.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. **GEOgraphia, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF**, Niterói/RJ, n. 5, p. 19-41, 2001.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE RECICLÁVEIS (MNCR). **O que é o movimento?** Disponível em: <<http://www.movimentodoscatadores.org.br/>>. Acesso em: 3 mai. 2007.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Aécio Alves. **Transformações no mundo do trabalho e o processo de qualificação-desqualificante da força de trabalho: elementos de uma transição para além do capital**. Texto apresentado em junho de 2002. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/nesth/IIIseminario/texto3.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2007.

_____, A Economia Solidária e o Turismo. **Fascículo 9 do Curso de Turismo de Inclusão**. Jornal O Povo, 20 de novembro de 2006.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista o Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. Política numa era de indeterminação: opacidade e reencatamento. In: **A era da indeterminação**. Francisco de Oliveira e Cibele Saliba Rizek (Orgs). São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.

OLIVEIRA, Paulo André de. **Desemprego Estrutural**. Disponível em: <http://www.fmr.edu.br/publicacoes/pub_08.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Capítulo 21 da Agenda 21: Manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os esgotos**. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idestrutura=18&idconteudo=864>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

PEREIRA, Cieusa Maria Calou. **Análise da Problemática do lixo nas Romarias em Juazeiro do Norte - CE**. 2005.164f. Dissertação (Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PNUD. **Brasil entra no grupo de países de alto IDH**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=2823&lay=pde>. Acesso em: 12 dez. 2007.

POCHMANN, Márcio. Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1993.

RECICLOTECA - Centro de informações sobre reciclagem e meio ambiente, Disponível em: <<http://www.recicloteca.org.br>>. Acesso em: 23 jun. 2007.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana**. São Paulo: Hucitec, 1998.

RODRIGUES, Naiana. Aterro de Caucaia tem vida útil até 2010. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 4 out. 2006, p. 44.

ROMANI, Andréa Pitanguy de. **O poder público municipal e as organizações de catadores**. Rio Janeiro: IBAM / DUMA / CAIXA, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, [2000].

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004. (Coleção Milton Santos).

_____; SILVEIRA, Maria Laura. Capítulo IX. In: **O Brasil**: o território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEMACE. **Coleta seletiva de lixo**. Folder / Cartilha. Governo do Estado do Ceará. Fortaleza.

SERVIÇO BRASILEIRO DE RESPOSTAS TÉCNICAS. **Resposta técnica**. Disponível em: <http://sbrtv1.ibict.br/upload/sbrt1472.pdf?PHPSESSID=88b1b4d2cd3443f5ba7c6b29362aed16>. Acesso em: 20 agosto de 2007.

SETE/SINE/IDT. **Síntese da Pesquisa Ocupação e Desemprego de Maio**. Disponível em: <<http://www.sete.ce.gov.br/pages/sinpesjun2006.php>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

SILVA, José Borzacchiello. A região metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Orgs). **Ceará**: Um novo olhar geográfico. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2005.

_____; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (Orgs). **Atlas Escolar do Ceará**: espaço geo-histórico e cultural do Ceará. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVA, Elizete Américo. **Espaços públicos e territorialidades: as praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público**. Dissertação, apresentada ao curso de Mestrado em Geografia: UFC, 2006.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnósticos e alternativas, São Paulo, Contexto, 1998

SOARES, Olavo. **Os vários lados da informalidade**. Disponível em: <http://revistaforum.uol.com.br/vs3/artigo_ler.aspx?artigo=799fdc19-d10f-4b79-b772a57c39c9206b&pagina=1&Query=ECONOMIA+INFORMAL&Assunto=&Edicao=&Autor=>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

SOUZA, Maria Salete de. O crescimento das cidades no Ceará e sua evolução In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, Fortaleza, 1995. **Anais...** Fortaleza: Nutec, 1995. p. 105-111.

SPÓSITO, Maria Encarnação de. **Capitalismo e urbanização**: núcleos urbanos na história da revolução industrial e urbanização. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

TAVARES, Maria Augusta. Introdução. In: **Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precariedade do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.

TELLES, Vera da Silva. **Mutações do trabalho e experiência urbana**. Tempo soc., jun. 2006, v. 18, n. 1, p. 173-195. ISSN 0103-2070. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30013.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2007.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. Escravos da Ciência: os porões da crise do trabalho. In: MACAMBIRA, Júnior; SANTOS, Sandra Maria dos (Orgs). **Brasil Nordeste: ocupação, desemprego e desigualdade**. Fortaleza: IDT: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. p 27-63.

TOSTA, Ludmila Dias. Memória das ruas, memórias da exclusão. In: BURSZTYN, Marcel (org). **No meio da rua: [nômades, excluídos e viradores]**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

TOURAINÉ, Alain. As luzes da Razão. In: **Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VASAPOLLO, Luciano. **O trabalho atípico e a precariedade**. Tradução de Maia de Jesus Brito Leite. Livro indexado em Geodados. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

APÊNDICES

Apêndice A - Formulário de Identificação da Associação de Catadores

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS E GEOGRAFIA CULTURAL

**Responsável pelas
informações:** _____

1. Nome da Associação:
2. Endereço
3. Ano de fundação
4. Responsável (presidente, líder) atual:
5. Número de participantes iniciais:
6. Número de participantes atuais:
7. Número de homens:
8. Número de mulheres:
9. Qual a média de idade dos catadores (as)?
10. Qual o tipo de material que recebe?
11. Quantidade de carrinhos:
12. Para quais depósitos vende o material?
13. Quais os principais pontos (bairros, avenidas) de coleta dos catadores (as) desta associação
14. Existem (empresas, escolas, instituições) que fornecem material para associação?
15. Desde quando é vinculado ao Fórum do Lixo
16. Como funciona o trabalho da associação?
17. Quais os principais problemas enfrentados pela associação?
18. Quais os atuais projetos / objetivos da associação?

Observações do entrevistador:

Apêndice B - Roteiro de entrevista com representante (catador) da Associação



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS E GEOGRAFIA CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS

1. Nome do catador (a):
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Onde mora (bairro):
5. Situação conjugal: casado ___ solteiro___ junto___ separado___ outros___
6. Você tem filhos? Sim___ Não___ Se sim, quantos?
7. Você sabe ler e escrever?
8. Escolaridade:
9. Você possuía outra profissão antes de ser catador? Sim___ Não___
Se sim, qual?

SOBRE A ATIVIDADE DA CATAÇÃO

10. Como decidiu ser catador?
11. Há quanto tempo trabalha na catação?
12. Você trabalha quantos dias por semana?
13. Você trabalha quantas horas por dia?
14. Você gosta de ser catador?
15. É uma atividade rentável? Sim___ Não___
16. Em média, quanto você consegue ganhar por semana?
17. Outros Membros da sua família trabalham na catação / reciclagem?
18. Quais os pontos positivos e negativos de se trabalhar nas ruas?
19. Como você avalia o mercado da reciclagem em Fortaleza?
20. Já trabalhou com carteira assinada?

SOBRE MOBILIDADE

22. Você acha que se desloca muito diariamente?
23. Para ser catador é preciso estar disposto a andar muito?
24. Você chega a percorrer quantos bairros?
25. Você inicia seu percurso em qual local (rua) e vai até onde (rua)?

A PROCURA POR PONTOS DE AGLOMERAÇÃO - TERRITÓRIOS

26. Para você, quais os principais (melhores) locais de coleta dos materiais? (citar bairros, avenidas, pontos estratégicos).
27. Onde é possível ver uma grande quantidade de catadores (as)? Você poderia indicar (citar) locais da cidade onde os catadores (as) se reúnem, para descansar, conversar, beber ou receber ajuda.
28. Onde existe a maior concentração de depósitos?
29. Você acha que existem determinados locais da cidade que são dominados por catadores (as)?
30. Existe disputa entre os catadores (as) por determinados espaços / locais da cidade, que concentram a maior parte dos recicláveis?
31. Qual o horário mais fácil de se visualizar o maior número de catadores (as) nas ruas e Fortaleza? Por que os catadores (a) preferem trabalhar nesse horário?

Observações do entrevistador:

Apêndice C - Roteiro de entrevista com catador de rua



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS E GEOGRAFIA CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS

1. Nome do catador (a):
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Onde mora (bairro):
5. Situação conjugal: casado ___ solteiro___ junto___ separado
outros___
6. Você tem filhos? Sim_ Não___ Se sim, quantos?3
7. Você sabe ler e escrever?
8. Escolaridade:
9. Você exercia outra atividade antes de ser catador? Sim Não___
Se sim, qual?

SOBRE A ATIVIDADE DA CATAÇÃO

10. Como decidiu ser catador?
11. Há quanto tempo trabalha na catação?
12. Você trabalha quantos dias por semana?
13. Você trabalha quantas horas por dia?
14. Quantas vezes ao dia você vai ao depósito (*só p/ catador não associado*)?
15. Você gosta de ser catador?
16. O que você acha bom e ruim?
17. É uma atividade rentável? Sim___ Não___
18. Em média, quanto você consegue ganhar por semana?
19. Outros membros da sua família trabalham na catação / reciclagem?
20. Já trabalhou com carteira assinada?

SOBRE MOBILIDADE

21. Você acha que se desloca muito diariamente?
22. Para ser catador é preciso estar disposto a andar muito?
23. Você chega a percorrer quantos bairros?
24. Você inicia seu percurso em qual local (rua, avenida) e vai até onde (rua, avenida)?
25. Você chega a carregar quantos kilos por dia no carrinho?
26. O Carrinho é seu?

A PROCURA POR PONTOS DE AGLOMERAÇÃO - TERRITÓRIOS

27. Para você, quais os principais (melhores) locais de coleta dos materiais? (citar bairros, avenidas, pontos estratégicos).
28. Onde é possível ver uma grande quantidade de catadores (as)? Você poderia indicar (citar) locais da cidade onde os catadores (as) se reúnem, para descansar, conversar, beber ou receber ajuda.
29. Onde existe a maior concentração de depósitos?
30. Existe disputa entre os catadores (as) por determinados espaços / locais da cidade, que concentram a maior parte dos recicláveis?

32. Qual o horário mais fácil de se visualizar o maior número de catadores (as) nas ruas e Fortaleza? Por que os catadores (a) preferem trabalhar nesse horário?

33. Você se acha excluído da sociedade?

34. Você conhece o trabalho da Cáritas, do Fórum do Lixo e do Movimento dos Catadores?

Observações do entrevistador:

Apêndice D - Formulário de identificação do depósito



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS E GEOGRAFIA CULTURAL

Responsável pelas informações:

-
1. Nome do Depósito:
 2. Endereço:
 3. Ano de instalação:
 4. Proprietário:
 5. Quantidade total de funcionários (incluindo catadores):
 6. Qual o tipo de material recebe e vende?
 7. O depósito trabalha só com catadores (as) ou compra material direto de fontes geradoras (escolas, escritórios, supermercados)?
 8. Número de catadores (as) que começaram a trabalhar desde o início da instalação depósito:
 9. Número de catadores (as) que trabalham atualmente no depósito (quantidade total):
 10. Número de catadores:
 11. Número de catadoras:
 12. Qual a média de idade dos catadores (as)?
 13. Quantidade de carrinhos:
 14. Quantidade de catadores que trabalham com carrinhos alugados
 15. Quais as condições (exigências) para ser catador (a) deste depósito?
 16. Os catadores (as) recebem um valor fixo por mês ou recebem o equivalente ao que entregam por dia de trabalho?
 17. Para quais empresas (depósitos maiores, indústria) este depósito vende o material?
 18. Quais os principais pontos (bairros, avenidas) de coleta dos catadores (as) deste depósito?

Valores dos materiais no mês atual por (Kg)

Materiais	Valor que compra (recebe)	Valor que vende (repassa)
Papel		
Alumínio		
PET		
Plástico		
Papelão		
Aço		
Vidro		
Cobre		

Observações do entrevistador:

Apêndice E - Roteiro de entrevista com proprietários de depósitos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS E GEOGRAFIA CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Onde mora (bairro):
5. Situação conjugal: casado ___ solteiro___ junto___ separado___ outros___
6. Você tem filhos? Sim___ Não___ Se sim, quantos?
7. Você sabe ler e escrever?
8. Escolaridade:
9. Você possuía outra profissão antes de ser dono de depósito? Sim___ Não___
Se sim, qual? _____

SOBRE O MERCADO DA RECICLAGEM

10. Há quanto tempo (anos) trabalha nesse ramo?
11. Você sabe informar qual a área (bairros) da cidade que possui maior número de depósitos?
12. Para você como se organiza o mercado da reciclagem em Fortaleza?
13. Como você vê o mercado da reciclagem de Fortaleza? É um ramo promissor ou já foi melhor?
14. Quais os melhores e piores épocas (meses) para a reciclagem?
15. Existe algum acordo entre os depósitos?(sobre os valores, forma de trabalho, tratamento com os funcionários, escolha de áreas da cidade pra atuar).
16. Quais os principais problemas enfrentados pelo depósito?
17. Quais os atuais projetos / objetivos do depósito?

18. Você pertence alguma associação de deposeiros?
19. Como você analisa o papel do catador (a) na cadeia da reciclagem?
20. Você conhece o Fórum Estadual Lixo e Cidadania

Observações do entrevistador:

ANEXOS

ANEXO - A

de: João Monteiro - SINDVERDE

169

EMPRESAS / INDÚSTRIAS

1,0	Razão Social	IRTEC = IND E COM DE MATRIAS PLÁSTICOS LTDA		
	Endereço	AV. FREI CIRILO, 4349 = MESSEJANA		
	Complemento		CEP.	60.864-190
	Fone	274-2288 274-2334		INEZ
	Fax.	274-2334		ALDEMIR
	Diretores	SEVERINO MOREIRA GOMES 9923-2811	D.Nasc.	11 / 02
		JAQUELINE MOREIRA GOMES	D.Nasc.	01 / 07
2,0	Razão Social	L. P. INDUSTRIA LTDA		
	Endereço	RUA JOSE CIRILO, 1600		
	Complemento	CENTRO - EUSÉBIO	CEP.	
	Fone	9996-4726	Secretari	
	Fax.			
	Diretores	LEONARDO PEIXOTO ROLA FERREIRA	D.Nasc.	
3,0	Razão Social	P.H.D. EMBALAGENS PLÁSTICAS LTDA		
	Endereço	RUA GRAÇA ARANHA, 898 - ALVARO WEYNE		
	Complemento	FCO SÁ 5599 ESQUERDA	CEP.	60.336-350
	Fone	228-1132 = 9983-0713	Secretari	
	Fax.	228-1132		
	Diretores	PEDRO HENRIQUE DIAS VASCONCELOS	D.Nasc.	27 / 07
4,0	Razão Social	PLÁSTICOS NOBRE LTDA		
	Endereço	BR 116 - KM 21 - Nº 21.100		
	Complemento	JABUTI - EUSEBIO	CEP.	61.760-000
	Fone	250-1396	Secretaria	
	Fax.	250-1396 = 9112-3287 (VANDINHO)		
	Diretores	JOSE ROBERVANDO BARREIRO NOBRE	D.Nasc.	
5,0	Razão Social	TECNOPLÁST IND. COM. DE MATERIAL PLÁSTICO LTDA		
	Endereço	RUA SARGENTO NERY, 1070 - ARACAPE		
	Complemento		CEP.	60.765-176
	Fone	296-7093 = 9111-5453	Secretari	FATIMA
	Fax.	274-1105		
	Diretores	PAULO MARCELO FRANCO	D.Nasc.	13 / 07
6,0	Razão Social	D. VERA IND. E COM. E SERV. DE EMBALAGENS LTDA		
	Endereço	RUA VITORIA KELLY, 100 = EUSEBIO		
	Complemento	AUTODROMO	CEP.	61.760--000
	Fone	260.1374 9171.1207	Secretari	
	Fax.	2.601.374		
	Diretores	SR. XIMENES SOARES	D.Nasc.	/
7,0	Razão Social	TUBOS BEIRA RIO		
	Endereço	AV BEIRA RIO, 13		
	Complemento	ALTO ALEGRE	CEP.	60.764-600
	Fone	4.671.521	Secretari	
	Fax.			
	Diretores	FERNANDO DA RAMPÁ	D.Nasc.	/

8,0	Razão Social	VERONA GARDEN LTDA		
	Endereço	RUA DOS MORAES, 880 = DISTRITO INDUSTRIAL II = EUZÉBIO		
	Complemento	JABUTI	CEP.	61.768-000
	Fone	250-1400	Secretari	ELIZANGELA
	Fax.	250-2423	JOSY	
	Diretores	AFRANIO DE CASTRO COSTA	D.Nasc.	/
		SRA. EUGENIA	D.Nasc.	/
9,0	Razão Social	CTR=CENTRO DE TRIAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS LTDA		
	Endereço	ESTRADA DO ITAPERI. 425 - FUNDOS - JANGURUSSU		
	Complemento		CEP.	60.862-220
	Fone	291-3408	Secretari	ELANE
	Fax.	291-3408		
	Diretores	RONALDO VASCONCELOS CORREIA	D.Nasc.	09 / 09
		ANÍBAL ROCHA BARROSO FILHO	D.Nasc.	17 / 01
10	Razão Social	COBAP-COM. E BENEF. DE ARTEFATOS DE PAPEL LTDA		
	Endereço	AV. PARQUE SUL, 145 - DIST. INDUSTRIAL = PAJUÇARA		
	Complemento		CEP.	61.900-000
	Fone	293-1177	Secretari	CRISTINA
	Fax.	293-1318 = JULIO 243-7415 FAX 283-3299	ELI	
	Diretores	CLAUDIO COSTA SOUZA GURGEL9988-3088	D.Nasc.	20 / 08
		PAULO EDUARDO CORREIA	D.Nasc.	/
11	Razão Social	GERDAU S.A		
	Endereço	AV. PARQUE OESTE, 1.400 = DISTRITO INDUSTRIAL		
	Complemento		CEP.	61.900-000
	Fone	499-7200	Secretari	VALDIRENE
	Fax.	499-7285	SANDRA ARRUDA	
	Diretores	ROBERTO BARROS	D.Nasc.	01 / 10
12	Razão Social	IBAP- IND. BRASILEIRA DE ARTEFATOS PLÁSTICOS LTDA		
	Endereço	RUA. DES. ALCANTARA BILHAR, 676 - ANTO. BEZERRA		
	Complemento		CEP.	60.356-530
	Fone	235-1944	Secretari	VERONICA
	Fax.	235-0433		
	Diretores	SR. ARY JAIME ALBUQUERQUE	D.Nasc.	05 / 03
13	Razão Social	ITAFOR- IND. DE TUBOS E ARTEFATOS FORTALEZA		
	Endereço	AV. FREI CIRILO, 4343 - MESSEJANA		
	Complemento		CEP.	60.864-190
	Fone	274-1040	Secretari	NAILSON
	Fax.	229-1500		
	Diretores	JÓSE FREIRE DE SENA	D.Nasc.	/ 05
14	Razão Social	NAYARA SOUZA DANTAS = O LOURO		
	Endereço	AV. PRES.COSTA E SILVA, 5297 = JANGURUSSU		
	Complemento		CEP.	60.834-580
	Fone	291-2014	Secretari	
	Fax.	291-2014		
	Diretores	EDMILSON MENEZES SANTOS	D.Nasc.	27 / 07

15	Razão Social	RECICLAR = RECICLADORA DE PLÁSTICOS LTDA		
	Endereço	ESTRADA DO ITAPERY, 423 - JAGURUSSU		
	Complemento		CEP.	60.862-220
	Fone	291-3408	Secretari	
	Fax.	291-3408		
	Diretores	LUIZ GONZAGA CODELLOS	D.Nasc.	11 / 10
16	Razão Social	PLASTSAN PLÁSTICOS DO NORDESTE LTDA		
	Endereço	BR 222 KM 04 Nº 6755		
	Complemento		CEP.	61.635-000
	Fone	285-2222	Secretari	
	Fax.	285-4046		
	Diretores	ALEXANDRE MOTA	D.Nasc.	/
		REJANE OLIVEIRA	D.Nasc.	/
17	Razão Social	VANILPLAST - UTILIDADES PLÁSTICAS LTDA		
	Endereço	RUA JOÃO CRISPIM, 1325 - BR 116 - KM 14 = MESSEJANA		
	Complemento		CEP.	60.873-040
	Fone	274-4714 - 9101-4251	Secretari	
	Fax.			
	Diretores	JOÃO OTAVIO MONTEIRO DA SILVA	D.Nasc.	/
18	Razão Social	YPIOCA AGROINDUSTRIAL LTDA		
	Endereço	AV. WASHINGTON SOARES, 1280 - MESSEJANA		
	Complemento		CEP.	60.811-341
	Fone	216-8888	Secretari	MARCIA
	Fax.	229-1438		KATIA
	Diretores	SR PAULO TELES	D.Nasc.	/
19	Razão Social	PLASTMIX IND. E COM. DE EMBALAGENS LTDA		
	Endereço	AV STENIO GOMES, 243		
	Complemento		CEP.	61.940-000
	Fone	341-3777	Secretari	LEANE
	Fax.	341-4000		
	Diretores	LUIZ CARLOS DO AMARAL LANDIM	D.Nasc.	/

ANEXO – B

Relação de Depósitos e Sucateiros de Fortaleza (Proposta de Criação do Instituto de Reciclagem e Recuperação de Materiais Reciclados do Estado do Ceará) – INRECICLE. Gradwohl, 2002.

Bairro	Depósito	Local	Nº coletores
Edson Queiroz	CAD +	Lucas Francisco Antonio, 474	10
Papicu	Zé dos Ferros	Andre Dall'olio, 100	70
Papicu	Dep. Ivandir	Pereira de Miranda, 1320	4
Papicu	Claudio	César Fonseca, 130	20
Papicu	Miguel	Pereira de Miranda	20
Alagadiço Novo	Dep. Loro	Fugencio Cruz, 1496	70
Granja Portugal	Dep. Beleza	23 de Julho, 544	8
Granja Portugal	Dep. São José	Emilio de Menezes, S/N	8
Granja Portugal	O da Lua	Bragança, 1159	5
Jacarecanga	Normetais	José Bastos, 249	16
Jacarecanga	Org. Gonçalves	Jacinto de Matos, 554	25
Pirambu	SOCRELP	São Serafim, 8A	100
Bom Jardim	O Filho	Osorio de Paiva, S/N	30
Benfica	Suc. Manoel Diniz	Eduardo Girão, 800	6
Henrique Jorge	Deposito APG	Manoel Macedo, 1780	18
Henrique Jorge	Dep. CODO	Florianopolis, 958	20
Henrique Jorge	Ivanildo	Joaquim Macedo, 1780	10
Parque Santa Rosa	Willis		10
Parque Santa Rosa	Suc. Marreiro	Cônego de Castro, 4732	30
Jurema	Dep. João	Dom Lustosa, 2281	8
Jurema	Com. Peixoto/Agueu	Dom Lustosa, 1651	20
Jurema	Manoel Germano		20
Jurema	Suc. Chagas	Dom Lustosa, 2457	30
João XXIII	Centro Comunitário	Travessa Aragoiana, 77	15
João XXIII	O Edson	Valdemar Olanda, 134	10

Relação de Depósitos e Sucateiros de Fortaleza (Proposta de Criação do Instituto de Reciclagem do Ceará) – INRECICLE. Gradwohl, 2002.

Bairro	Depósito	Local	Nº coletores
Luciano Cavalcante	Irmão Francisco	Almir da Fonseca, 970	4
Serrinha	Suc. Antonio	Guerra Junqueira, 625	40
Serrinha	Dep. Daniel	Rua do Fim, 655	26
Serrinha	Algenor	Marajó, 344	30
Montese	Dep. Almir	Alfredo de Castro, 455	20
Montese	Branca	Alfredo de Castro, 400	15
Barroso	Menino Jesus	Beatriz, 140	40
Conjunto Ceará	Dep. Vasconcelos	Av. J, 168	30
Conjunto Ceará	Dantas	Av. D, 927	10
Cambeba	Ecobras	Fausto Aguiar, 777	10
Jangurussu	Nayara Souza	Pres. Costa e Silva, 5297	20
Jardim Guanabara	Gleison	Whashington Luiz, 542	12
Nova Cigana	Alberto Caucaia	Rua das Flores, S/N	16
Nova Cigana	Gerardo	Vila Betânia, 391	20
Alvoroe	Cleiton	Adolfo B. Menezes, 580	10
Jardim Iracema	P. Matens/Narcelio	Carnaubal, 184	30
Jardim Iracema	Sucata Jesus	Rua Tocantins, 1063	10
Parque São Gerardo	Dep. Reciclagem	João Paulo II, 99	12
Cidade Oeste	Cleusion	XVI, 100	30
Genibau	Interativa	Av. Sen. Fernando Távara, 3290	12
Genibau	Isaac	30 de Maio, S/N	10
Pajuçara	Trapeiros Emaus	Paulo Batista, 200	20
Maracanau	Fernando da Rampa		10
Maracanau	Ferro Velho China		10
Maracanau	Messias		10

Relação de Depósitos e Sucateiros de Fortaleza (Proposta de Criação do Instituto de Reciclagem do Ceará) – INRECICLE. Gradwohl, 2002.

Bairro	Depósito	Local	Nº coletores
Maracanaú	Acentrima	Rua 01, 2-A	20
Cid. dos Funcionários	Tabosa	José Leon, 536	10
Vila Manoel Sátiro	Belarmino	Bulgaria, 640	10
Tancredo Neves	Centro Comunitário	Copaiba, 39	15
Farol	Centro Comunitário	Zezé Diogo, 310	5
Santa Terezinha	Centro Comunitário	Osmundo Cavalcante, S/N	15
Aldeota	Centro Comunitário	Ildefonso Albano, 725	5
Dias Macedo	Centro Comunitário	Boa Ventura, 767	15
São Francisco	Centro Comunitário	Ilha do Bote, 367	15
Goiabeiras	Centro Comunitário	Leste Oeste, 5585	15
Pio XII	Dep. Marcos	Belizario Távora, 439	20
Castelão	Fabricio	Parnamirim, 40	20
Barra do Ceará	Barroso	Seis Companheiros, 484	20
Carlito Pamplona	Lucineide/Laercio	Eng. João Nogueira, 50	10
Quintino Cunha	Manoel/Poca	Idelbrando de Melo, 1805	20
Praia de Iracema	Prof. Inácio		10

ANEXO E - CARTA DE CAXIAS

1º CONGRESSO LATINO AMERICANO - RS EM 2003 – FONTE: SITE DO MNCR.

Somos 800 Catadoras e Catadores e representamos milhares de companheiras e companheiros do Brasil, do Uruguai e da Argentina. Queremos compartilhar com todas as pessoas a rica experiência de lutas, dificuldades, sonhos e conquistas vividas neste Congresso.

Esta luta não começou agora. Ela é fruto de uma longa história de mulheres e homens que, com seu trabalho de Catadores, garantiram a sobrevivência a partir do que a sociedade descarta e joga fora.

É uma história em que descobrimos o valor e o significado do nosso trabalho: coletando e reciclando materiais descartados, somos agentes ambientais e contribuimos com a limpeza das cidades. A organização de associações e cooperativas criou a possibilidade de trabalho e renda para os setores mais excluídos da sociedade. Por tudo isso, o trabalho e as organizações dos Catadores são uma luz que aponta na direção de um novo modelo de desenvolvimento para nossas cidades e para nossos povos. Nossa experiência mostra que todas as pessoas podem ser muito mais felizes e saudáveis. Basta dar valor a tudo e reciclar tudo o que for possível, reciclando a própria vida. Por que há, no entanto, tanta gente que não vê isso e não se junta a nós? O Congresso nos ajudou a entender o que vivemos no dia-a-dia: fazemos parte de sociedades em que valem mais as mercadorias do que as pessoas e a natureza. Só se dá valor às coisas que se pode vender para aumentar os lucros. Tudo que sobra - até mesmo as pessoas - é jogado fora. Não se presta atenção ao que é tirado da natureza para fazer as coisas que compramos, e menos ainda ao que acontece com a natureza a partir do que se joga fora. A mesma dominação capitalista que gerou essa mentalidade está exigindo, nos últimos anos, uma liberdade total para as grandes empresas e bancos fazerem negócios em todo o mundo. Ela não respeita nada, nem mesmo a cultura e a soberania dos povos. Usa até mesmo a guerra para consumir armas e como instrumento para se apropriar do resto das riquezas naturais do Planeta. Em nossa América, a ALCA é o caminho escolhido para colocar nossos povos sob o domínio do império econômico e militar estadunidense. Sua implantação retirará de nossas mãos o poder de decidir sobre o nosso destino. Perderemos o poder de decidir sobre o melhor uso das riquezas existentes, como a água e a biodiversidade, bem como o de escolher a melhor maneira de reciclar os resíduos sólidos, reciclando, ao mesmo tempo, a nossa vida e a vida de toda a sociedade. Não aceitamos esse projeto dos capitalistas. Ele é portador de exclusão e de morte para a maioria da humanidade. Nossa experiência de Catadoras e Catadores nos mostra que é possível e já estamos abrindo um caminho novo e diferente, portador de vida para todas as pessoas e para o meio ambiente da vida. Olhando para o futuro e com grande esperança, os participantes do 1º Congresso Latinoamericano de Catadores assumem e convidam as pessoas e povos a assumirem com eles os seguintes compromissos: **1.** lutar em favor da organização de todos os Catadores e Catadoras em associações ou cooperativas, reforçando os Movimentos dos Catadores existentes, superando a fome e a exclusão por meio de iniciativas que gerem trabalho e renda;

2. intensificar o intercâmbio e a articulação entre as iniciativas e organizações de Catadores de recicláveis dos países do Mercosul e de toda a América Latina, visando a construção de redes de cooperativas, associações e empresas comunitárias e uma futura criação de um movimento latinoamericano deste setor. **3.** trabalhar em favor de uma maior integração das comunidades de nossas cidades com as organizações de Catadores através de políticas e programas de educação ambiental, garantindo sua cooperação na separação e entrega dos recicláveis, no controle das ações dos governos, na valorização do trabalho dos Catadores, na participação em Fóruns de Gestão das políticas públicas; **4.** conquistar, junto aos governos, o reconhecimento do trabalho dos Catadores na limpeza pública e a regulamentação da nossa profissão; **5.** garantir programas de alfabetização e de formação para os Catadores que não tiveram oportunidades; **6.** lutar pela revisão da legislação do cooperativismo para facilitar a implementação e o funcionamento do sistema no processo de organização dos Catadores; **7.** lutar por novas formas de acesso dos Catadores aos benefícios da Previdência Social; **8.** lutar contra a privatização do setor e garantir que os programas de coleta seletiva sejam implementados prioritariamente em parceria com as organizações de Catadores; **9.** garantir que os investimentos do governo federal brasileiro para o setor de resíduos sólidos urbanos sejam condicionados à implantação da coleta seletiva em parceria com as organizações dos Catadores; **10.** lutar pela erradicação dos lixões e implantação de aterros sanitários e pela garantia de investimentos para a implantação de infra-estrutura para o trabalho dos Catadores através de suas organizações; **11.** lutar por uma legislação que exija que as empresas geradoras de resíduos sólidos assumam com responsabilidade o seu destino correto; **12.** dar passos concretos para garantir o domínio da cadeia produtiva por parte das organizações dos Catadores, articulando-se com outros movimentos sociais para garantir que as propostas de leis e de políticas públicas referentes à coleta, triagem e industrialização de resíduos sólidos, elaboradas pelos Catadores, sejam assumidas pelos governos; **13.** lutar por políticas públicas de fomento e incentivo para a capacitação e formação, com autonomia pedagógica das organizações de Catadores; **14.** lutar pela criação de linhas de crédito específicas para grupos organizados de Catadores; **15.** exigir a garantia da integração dos Catadores na política de saneamento ambiental; **16.** lutar em favor de políticas de meio ambiente e de investimento em tecnologias adequadas de industrialização; **17.** lutar em favor de nova modalidade de contrato de prestação de serviços entre as prefeituras e as organizações de Catadores na Coleta Seletiva; **18.** mobilizar nossas organizações contra a guerra ao Iraque e contra a militarização do Continente Americano com bases estadunidenses, reforçando a luta pela paz.

Caxias do Sul, 20 a 23 de janeiro de 2003.